

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA**

GUILHERME BRUM NUNES

FUTEBOL E IDENTIDADE:

A Copa do Mundo de 1982 nas crônicas de João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann

Porto Alegre
2015

GUILHERME BRUM NUNES

FUTEBOL E IDENTIDADE:

A Copa do Mundo de 1982 nas crônicas de João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História apresentado a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Hélder Volmar Gordim da Silveira.

Porto Alegre
2015

GUILHERME BRUM NUNES

FUTEBOL E IDENTIDADE:

A Copa do Mundo de 1982 nas crônicas de João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História apresentado a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em História.

Aprovado em: 07 de Julho de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Hélder Volmar Gordim da Silveira (Orientador) – PUCRS

Prof. Dr. Luciano Aronne De Abreu – PUCRS

Prof. Dr. René Ermaini Gertz – PUCRS

*Dedico esta monografia à minha
Mãe querida,
Jadir Nalci da Costa Brum
À pessoa que me ensinou tudo
E a quem devo todas as oportunidades*

AGREDECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Jadir Brum, minha mãe, por ter me concedido a oportunidade de estudar e concluir minha graduação. Agradeço também por suportar, na medida do possível, minhas lamentações durante e depois das partidas do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

Ao Professor Dr. Hélder Volmar Gordim da Silveira por ter aceitado me orientar nesta pesquisa e ter incentivado seu desenvolvimento e conclusão.

A João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann que, mesmo não imaginando isso quando escreviam suas crônicas sobre a Copa do Mundo de 1982, providenciaram o material necessário para esta pesquisa.

A todos os professores da Graduação em História da PUCRS pelas aulas, reflexões e ensinamentos ao longo do curso que, tenho certeza, serão de grande utilidade na vida profissional que inicia-se agora. Agradeço também aos funcionários da Universidade, por sua atenção e voluntariosa disponibilidade.

A gente também pode transformar a sociedade por meio do futebol. É o único meio, penso, que pode acelerar o processo de transformação da nossa sociedade porque é a nossa maior identidade cultural. Todos entendem de futebol. De política, nada.

Dr. Sócrates.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal pesquisar a identidade nacional no futebol, no contexto da Copa do Mundo de 1982, utilizando para isso as crônicas que Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha, escreveram antes, durante e depois da disputa do mundial. Contudo, a pesquisa inicia-se com o propósito de compreender a relação do futebol com a sociedade brasileira, procurando identificar como esse esporte transformou-se numa das principais fontes de identidade nacional para os brasileiros. Nesse processo, perceberemos que Gilberto Freyre e Mário Filho tiveram papel destacado, sobretudo na invenção de um estilo próprio de jogar futebol praticado pelos brasileiros, o futebol-arte. Após sua consolidação, o futebol-arte transformou-se na principal característica do futebol brasileiro, e a seleção brasileira da Copa de 1982 uma das suas principais representantes. Procuraremos nas crônicas de João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann, além de suas observações sobre identidade nacional na seleção brasileira da Copa de 1982, seus posicionamentos em relação ao futebol-arte, como eles o percebiam, como achavam que deveria ser utilizado dentro de campo essa quase natural disposição que os brasileiros tinham para a prática do futebol e sua relação com o momento pelo qual o país passava no início da década de 1980 em meio a transição política.

PALAVRAS-CHAVE: João Saldanha. Ruy Carlos Ostermann. Crônica Esportiva. Identidade Nacional. Copa do Mundo de 1982.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo principal el estudio de la identidad nacional en el fútbol, en el marco de la Copa del Mundo 1982, utilizando las crónicas que Ruy Carlos Ostermann y João Saldanha, escribió antes, durante y después de la disputa global. Sin embargo, la búsqueda comienza con el propósito de entender la relación del fútbol con la sociedad brasileña, buscando cómo este deporte se ha convertido en una importante fuente de identidad nacional para los brasileños. En este proceso, nos damos cuenta que Gilberto Freyre y Mário Filho tenían papel importante, sobre todo en la invención de su propio estilo de jugar al fútbol practicado por los brasileños, el fútbol-arte. Tras su consolidación, el fútbol-arte se convirtió en la principal característica del fútbol brasileño y el equipo nacional de la Copa Mundial de 1982 uno de sus principales representantes. Buscamos en crónica de João Saldanha y Ruy Carlos Ostermann, así como sus puntos de vista sobre la identidad nacional en el equipo nacional de la Copa del Mundo de 1982, sus posiciones como el fútbol - arte, la forma en que perciben, cómo pensaban debe ser utilizado en el campo es la disposición casi natural que los brasileños tuvieron que la práctica de fútbol y su relación con el tiempo en el que el país estaba en la década de 1980 en medio de la transición política.

PALABRAS CLAVES: João Saldanha. Ruy Carlos Ostermann. Crónica de Deportes. Identidad Nacional. Copa del Mundo 1982.

LISTA DE SIGLAS

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Atléticos
APEA	Associação Paulista de Esportes Atléticos
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
FIFA	Federação Internacional de Futebol Associação
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDS	Partido Democrático Social

SUMÁRIO

Introdução	10
1 O futebol na academia e a crônica esportiva.....	15
1.1 Futebol e seu desenvolvimento no campo acadêmico	15
1.2 A trajetória da crônica esportiva no Brasil	23
2 Futebol e identidade nacional	31
2.1 Introduções, primeiras décadas e profissionalização	31
2.2 A invenção de um estilo: o futebol-arte.....	34
2.3 Contratempos e consolidação de um estilo próprio	41
2.4 Ostermann, Saldanha e o futebol brasileiro	46
3 Uma Copa, muitas expectativas.....	54
3.1 Mudanças, no futebol e na política	54
3.2 A seleção de 1982 para Ostermann e Saldanha	62
4 Nem sempre vence o melhor	72
4.1 Brasil <i>versus</i> Argentina: grande vitória	72
4.2 Brasil <i>versus</i> Itália: a tragédia do Sarriá	77
Considerações finais	84
Referências	87

Introdução

Já dizia Nelson Rodrigues que a “seleção é a pátria em calções e chuteiras”, uma forma simples e marcante de afirmar que o futebol é um representante legítimo da identidade nacional, capaz de aplacar nossos antagonismos étnicos, sociais e políticos, por pelo menos 90 minutos, e, para além disso, permitir que possamos entrar em contato com o mais perene que nossa sociedade pode produzir, isto é, suas festas populares, que, junto com o carnaval, fazem identificarmo-nos como brasileiros, até mesmo pelos estrangeiros.

Ser brasileiro, para muitos, é ter um clube de futebol para torcer, para vibrar nas vitórias e chorar nas derrotas, comemorar títulos e esquecer as infelicidades da vida, é, acima de tudo, parafraseando o hino do Grêmio de Porto Alegre, estar com o time, onde o time estiver, seja em primeiro ou em último. Com a seleção brasileira não é diferente, ainda mais em época de Copa do Mundo, quando os ideais de nacionalismo e patriotismo da Nação Brasileira atingem seu ápice. Nesses momentos, a seleção transforma-se, mais do que nunca, na própria Nação Brasileira, transfigurada em onze jogadores, momento em que não se trata “mais de equipes de futebol, mas de sociedades cuja essência [é] medida pelo futebol” (DAMATTA, 1982, p. 34).

Hoje, sem dúvida alguma, o futebol é uma parte integrante da sociedade brasileira. Faz parte da maioria das manifestações dos brasileiros e, como todo fato social, é uma criação dos homens que o praticam e o organizam, que, por sua vez, também são transformados pelo futebol, que se inventa e reinventa num diálogo constante com a sociedade (HELAL, 1990), capaz de fazer compreender, pelo seu estudo, os significados e as representações presentes nela (DAMATTA, 1994).

O início da década de 1980 foi um momento de grandes expectativas para os brasileiros. A ditadura militar mostrava-se desgastada pela crise econômica e por diversas manifestações que pediam seu fim (AARÃO REIS FILHO, 2004). Em meio a abertura política, a seleção brasileira de futebol mostrava ao mundo o seu futebol característico, bonito, alegre e de alto nível técnico, muito diferente daquele apresentado na década anterior, quando esteve sob o domínio do futebol-força (MAGALHÃES, 2010). A Copa do Mundo de 1982 era aguardada com grandes esperanças pelos torcedores, crentes na vitória. Telê Santana, então técnico da seleção, tinha assumido com a missão de montar um time forte, que pudesse jogar de igual para igual com qualquer seleção do mundo. Não era uma tarefa fácil, mas ele obteve êxito. Sua seleção apresentava o verdadeiro futebol-arte brasileiro. Zico, Junior, Sócrates, Toninho

Cerezo, Falcão, entre outros craques, mostravam que o Brasil tinha voltado a ser o “País do Futebol”.

No contexto da Copa do Mundo de 1982, pesquisaremos sobre a identidade nacional no futebol através das crônicas de dois renomados jornalistas dessa área: Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha.

A escolha por João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann se deu por serem, além de renomados e reconhecidos cronistas esportivos, importantes formadores de opinião, apresentando grande influência junto aos torcedores brasileiros, pois possuíam amplo conhecimento do futebol, nacional e internacional, dos esquemas táticos, jogadores, técnicos e do peso social desse esporte em relação à sociedade brasileira.

Como lembra Luiz Borges (2006, p. 12), “o futebol é um elemento marcante da identidade nacional. Ele cumpre importante papel na formação da consciência de identificação e de diferenciação, na demarcação de um nós e dos outros”, e, prosseguindo, afirma que “até o aparecimento e popularização da televisão, o papel de informar e formar a opinião pública coube especialmente aos jornais e às rádios” (BORGES, 2006, p. 12). Através desses dois meios de comunicação, os cronistas passaram a imitar seus pontos de vista, construindo interpretações sobre o futebol e a sociedade através dele, compartilhadas pelos amantes do mundo da bola (HOLLANDA, 2003).

Desse jogo de interpretação da sociedade brasileira através do futebol, participaram muitos cronistas esportivos (CAPRARO, 2007), entre eles, podemos afirmar, João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann, que procuravam, em suas crônicas, interpretar e definir o *ser* brasileiro pelo futebol (VOGEL, 1982). Não só no jogo dentro das quatro linhas, mas igualmente da festa da torcida nas arquibancadas, nas ruas depois da vitória e da tristeza na derrota, tentando explicá-las, buscando, em analogias com a sociedade, suas respostas (DAMATTA, 1982).

A crônica esportiva consiste em uma “instância de intermediação material, tecnológica e simbólica entre torcedores e profissionais, constituída a partir de arranjos sociológicos passíveis de uma maior sistematização e tipologização” (TOLEDO, 2000, p. 173). A legitimidade do seu uso reside no fato de ser “um tipo de fonte cuja validade nada fica a dever a outros tipos de documento, visto que, como qualquer outra, também ela participa do jogo de representações que procura, pela atribuição de sentidos, definir a realidade vivida” (BRITO, 2001, p. 200).

Através da leitura, análise e interpretação das crônicas de João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann, podemos identificar quais os projetos de identidade nacional e as respectivas visões

de mundo que os cronistas tinham sobre o Brasil e o que é o brasileiro. Sendo assim, o uso das crônicas nos permite compreender o que é “ser brasileiro” para os cronistas, pois se tornam “depositária[s] das ideologias nacionalistas que tentavam explicar os dilemas do homem brasileiro num processo de aquisição de autoconfiança” (ANTUNES, 2004, p. 43) e de busca de novas interpretações nos momentos de transição, como era o caso da década de 1980.

Iniciando a monografia, pretendemos mostrar como o tema do futebol foi modificando-se, dentro da academia, com o passar dos anos, das críticas daqueles que o percebiam como o “ópio do povo” brasileiro (RAMOS, 1988) até as interpretações que o veem como um fato social, indissociável da sociedade (DAMATTA, 1982, 1994; HELAL, 1997; VOGEL, 1982), passando pelos debates do campo, como aquele em torno do livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*. Sobre a crônica esportiva, falaremos sobre sua introdução, reinvenção nas décadas de 1920 e 30, quando transformou-se num gênero literário com características próprias (HOLLANDA, 2003), que serão abordadas e analisadas, sua legitimidade como fonte para a pesquisa (BRITO, 2001), até seu auge nas décadas de 1960 e 70.

Dando destaque especial a questão da invenção, difusão e consolidação do futebol-arte como a representação característica do estilo de jogo praticado pelos jogadores brasileiros, o leitor perceberá que a maioria das representações que são feitas em torno do futebol brasileiro até hoje, tem sua origem num momento singular da história do Brasil, nas décadas de 1920, 30 e 40, quando, incentivado por ideologias como o nacionalismo e o populismo (SOARES, 2003), Gilberto Freyre pensou a sociedade brasileira de um modo diferente, positivando a miscigenação racial (CAPRARO, 2007), ao contrário dos teóricos racistas que sempre a condenaram.

Dentro da tese de Gilberto Freyre, o futebol tinha um papel claro e prático: legitimá-la, mostrando que o negro fazia parte da sociedade, contribuindo para o seu progresso (SOARES, 2003). Mário Filho, amigo de Freyre, foi o principal divulgador de sua representação, ou invenção, principalmente através do livro *O negro no futebol brasileiro* (SOUZA, 2008), considerado a versão de *Casa Grande e Senzala* do futebol brasileiro. As ideias de Freyre acerca do estilo de jogo do brasileiro acabaram tornando-se hegemônicas (CAPRARO, 2007), e suas representações, como alguns autores mostraram¹, foram assimiladas por muitos cronistas, entre eles os nossos interpretes, João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann. Isto será exposto no quarto

¹ Entre esses autores, podemos destacar André Mendes Capraro (2007), Fatima M. R. F. Antunes (2004), Luiz Henrique de A. Borges (2006) e Bernardo B. Buarque de Hollanda (2003).

tópico do segundo capítulo, onde mostraremos o posicionamento dos dois em relação ao futebol-arte.

Encerrando a monografia, serão abordadas as categorias sociais do destino e do fracasso, no futebol e na sociedade brasileira. O destino, dramatização proposta por Roberto DaMatta (1982), é uma categoria social que procura entender o embate entre a vontade individual dos homens de alcançar seus objetivos através do esforço e da técnica, e, do outro lado, as forças impessoais que movem o mundo sem o controle dos homens, as forças incontroláveis da sorte e do azar, que, num sistema altamente hierarquizado como o brasileiro (HELAL, 1997), são vistos como determinantes. Seguindo essa linha, nos deparamos com a questão do fracasso, categoria social sempre presente nas derrotas da seleção brasileira (VOGEL, 1982), usada para explicar o porquê de não conseguirmos alcançar nossos objetivos enquanto Nação.

A partir dessas duas categorias sociais, buscamos entender como Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha as utilizaram para interpretar a derrota da seleção brasileira no mundial da Espanha.

Nas crônicas que usamos para compor nosso trabalho, procuramos identificar, no discurso, quais os principais assuntos, os que mais chamaram a atenção dos dois cronistas, principalmente aqueles ligados a identidade nacional através do futebol e os posicionamentos adotados em relação ao futebol-arte, “inventado”² por Gilberto Freyre e Mário Filho nas décadas de 1930 e 40. Interessante foi notar, e esperamos que isto também seja notado pelo leitor, que João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann tinham opiniões ora conflitantes e ora convergentes, tanto aqueles ligados a forma como as qualidades do futebol-arte deveriam ser utilizadas, quanto a visão que tinham sobre a seleção brasileira de 1982.

Pois nesse, ora conflito, ora acordo, reside uma das riquezas da pesquisa, o de poder mostrar, de pontos diferentes, alguns aspectos que envolveram a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982, pelo olhar de dois cronistas que compreendiam a relação do futebol com a sociedade e procuravam marcar posicionamentos num debate que iniciou-se na década de 1930 (CAPRARO, 2007), mas que até hoje marca presença quanto a seleção entra em campo (DAMO, 2006). Para isso, a monografia será dividida em quatro capítulos.

O primeiro, mais introdutório, discorrerá sobre o desenvolvimento do futebol, como tema, dentro do campo acadêmico, a partir do final da década de 1970, e da trajetória da crônica esportiva no Brasil, dos folhetins do século XIX ao seu auge entre as décadas de 1960 e 70. O

² Usaremos o conceito de “tradição inventada”, de Eric Hobsbawm (2008), para definir o processo de construção do futebol-arte. Esse processo de construção será explicado no segundo capítulo.

segundo capítulo, o mais extenso da monografia, será reservado a discussão e compressão da relação do futebol com a sociedade brasileira, desde o final do século XIX até a década de 1980. Os dois últimos capítulos serão reservados as considerações sobre a análise das crônicas que João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann escreveram sobre a seleção brasileira da Copa de 1982, procurando identificar as relações que fizeram entre a identidade nacional e a sociedade no contexto da Copa do Mundo de 1982.

1 O futebol na academia e a crônica esportiva

Dividimos este capítulo em dois tópicos: no primeiro, discorreremos, brevemente, sobre a produção acadêmica que aborda o futebol nas suas mais variadas manifestações, apresentando as principais interpretações e debates em torno desse campo, desde o final da década de 1970. O segundo tópico tratará da trajetória da crônica esportiva no Brasil, dos folhetins franceses do século XIX até sua reinvenção nas décadas de 1920 e 30, mostrando as principais características desse gênero literário no tratamento do esporte, mais especificamente o futebol, no Brasil.

1.1 Futebol e seu desenvolvimento no campo acadêmico

Nas últimas décadas do século XX, com o declínio dos sistemas totalizantes e a abertura de novos caminhos alternativos para a investigação do passado, a história tem passado por um período de renovação. Uma das novas áreas de investigação que surgiu com essa abertura é a História do Esporte, e, no caso do Brasil, a História do Futebol mais especificamente. Contudo, no meio acadêmico, esse tipo de história sofreu bastante preconceito dos intelectuais durante um bom tempo.

Mesmo o futebol já mostrando-se uma mania nacional desde a década de 1920 (SEVCENKO, 1994), na academia o assunto só passou a chamar a atenção no final da década de 1970. Claro que antes, nas décadas de 1920, 30 e 40, o futebol já tinha sido tema de autores destacados no cenário nacional, alguns o criticando, como Graciliano Ramos, Lima Barreto e Oswald de Andrade, outros o elogiando e exaltando, como José Lins do Rêgo, Gilberto Freyre e os irmãos Nelson Rodrigues e Mário Filho, esse último autor de um dos livros mais citados e debatidos pelos estudiosos do futebol, *O negro no futebol Brasileiro*, que possui duas edições, uma de 1947 e a outra, ampliada com dois novos capítulos, de 1964.

O fato interessante sobre as pesquisas sobre o futebol, que foram publicadas no final da década de 1970 e durante as décadas de 1980 e 90, é que o principal debate em torno do tema também era o mesmo das décadas passadas: o futebol é ou não o “ópio do povo”?

Em 1982, num livro organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter sobre o futebol, Robert M. Levine, um destacado brasilianista, escreveu um artigo que definia o futebol brasileiro não só como o ópio do povo, mas também como um “instrumento da classe dominante para manipular as massas como forma de sublimar a miséria e as

desventuras da pobreza, através do sucesso meteórico da conquista de um campeonato doméstico ou internacional” (CALDAS, 1994, p. 45).

No ano de 1978, três artigos já partilham dos pressupostos de Levine. José Carlos Rodrigues, ao analisar o jogo de despedida de Pelé da seleção brasileira de futebol na forma de um ritual, faz uma crítica quanto ao modo como foi montada a arquitetura do espetáculo, para ele (1978, p. 88) uma obra de “cálculo e de engenharia comunicacional e política”. Joel Rufino dos Santos (1978) vai mais longe na sua análise, condenando a militarização do futebol nacional, principalmente da seleção, e a decadência dos clubes brasileiros. Jacob Klintowitz, pesquisando sobre a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1978, também faz condenações a militarização da seleção, a perda das características do nosso futebol, como a falta de dribles, concluindo que as coisas não mudariam no futuro.

Roberto Ramos (1988), compartilhando da tese do futebol como “ópio do povo”, produz um dos principais trabalhos nessa linha. Ele estuda o futebol como pertencente a sociedade capitalista subdesenvolvida, como algo que é usado pelas classes dominantes desta sociedade, no caso a brasileira, para desviar a atenção do povo através da mídia, como um aparelho ideológico do Estado. Por estas linhas percebe-se que Ramos faz uso em seu trabalho de um livro muito popular no Brasil na década de 1970, *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, do francês Louis Althusser.

Como escreve Ronaldo Helal (2011), o livro de Althusser era um importante meio pelo qual poder-se-ia compreender, naquela época, o funcionamento dos estados totalitários e a falta de instrução das massas. No marxismo, a consciência de classe é uma importante noção teórica, pois, o proletariado, ao tomar consciência de sua situação submissa e miserável, unir-se-ia, tomaria o poder e derrotaria o capitalismo. Althusser pretendia mostrar, com seu livro, o porquê de o proletariado não conseguir tomar consciência de sua situação:

No esquema althusseriano, a escola seria a principal vilã – o correspondente do que teria sido a Igreja na Idade Média (...) No caso brasileiro e latino-americano, os meios de comunicação foram apontados como o principal aparelho ideológico (...) o futebol seria um dos aparelhos ideológicos do Estado que contribuiriam para a perpetuação do regime, desestabilizando as “contradições do capitalismo”, impedindo a consciência crítica e “docilizando” as massas (HELA, 2011, p. 15).

Devemos lembrar que durante os anos de 1964 a 85, o Brasil vivia sob o regime da ditadura militar, e que nesse período, sobretudo de 1970 a 78, o governo faz uso indiscriminado do futebol como instrumento de propaganda de suas realizações. O menosprezo dos intelectuais pelo futebol e suas críticas quanto a utilização desse esporte pelos militares, contribuiu para que

boa parte dos ensaios e livros publicados sobre o assunto seguissem a linha teórica do futebol como “ópio do povo” brasileiro.

Como uma resposta a esta linha teórica que rebaixava o futebol a um simples aparelho ideológico a serviço do Estado brasileiro, autores de grande renome adotaram uma postura que tende a perceber o futebol no Brasil como um “fato social”, isto é, o futebol, longe de ser uma droga viciante que se coloca contra a sociedade, seria parte integrante da sociedade brasileira, não podendo ser separado ou posto em confronto com ela. Não serviria apenas para alienar, mas também para diversão e passatempo dos brasileiros, e mostrar-se-ia tão presente no cotidiano das pessoas como o trabalho e os assuntos políticos e econômicos, além de ser, sobretudo no caso brasileiro, uma fonte de identificação nacional.

O primeiro desses trabalhos, e que deve ser bem destacado, é um livro organizado pelo notório antropólogo Roberto DaMatta, *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, de 1982. O livro reúne quatro artigos de cientistas sociais, um do próprio DaMatta, que, em suma, fazem críticas quanto a linha teórica que percebia o futebol como “ópio do povo” e o descaso das ciências sociais pelo futebol, além de proporcionar novas posições para se entender o futebol no Brasil. O livro é “considerado o “pontapé inicial” para a formação estrutural dos estudos acadêmicos sobre o futebol no país, utilizando perspectiva ritualística, procurando entender o fenômeno como “drama” da sociedade brasileira” (HELAL, 2011, p. 18).

Em seu artigo, DaMatta entende o futebol como um fato social capaz de fazer compreender, através de seu estudo, a lógica que rege a sociedade brasileira. Essa lógica, segundo ele, seria o confronto entre a ética tradicional e a ética moderna. A sociedade brasileira teria sido fundada sob a égide da família patriarcal, onde as relações pessoais, os privilégios familiares e as conexões sociais eram, e ainda continuam sendo, de extrema importância para a manutenção do *status quo* e a ascensão, tanto político e econômica quanto social da maioria dos indivíduos. Esses domínios pertenceriam a ética tradicional. No domínio da ética moderna, encontraremos os ideais da sociedade burguesa, isto é, o estado de direito, o ideal de igualdade, o individualismo e as leis impessoais e universais. No Brasil esses domínios, que são aparentemente antagônicos entre si, se mesclaram, formando uma espécie de lógica à brasileira ou, como ele mesmo coloca, o drama da ética dupla (DAMATTA, 1982).

Nessa lógica, as relações pessoais, da ética tradicional, com as leis impessoais, da ética moderna, geraram um sistema dual que influencia diretamente as relações sociais da maioria dos brasileiros. Assim, a sociedade apresentaria uma hierarquização, geralmente de cima para baixo.

De um certo ponto de vista portanto, dilema brasileiro pode ser entendido como uma tensão entre relações pessoais que garantem um mundo relacionado e feito de gradações; e leis universais que exigem o justo oposto, pois conferem uma igualdade teórica para todos e demandam a liquidação dos privilégios pessoais e de família (DAMATTA, 1982, p. 36).

Porém, o futebol, e o esporte em geral, se apresentam, nas suas regras e normas, permeados pela ética moderna. Sendo assim, o que atrai no futebol, principalmente em uma sociedade hierarquizada como a brasileira, seria sua mensagem democrática, de igualdade e justiça social. No futebol, apesar de ser formados pelos diferentes tipos que compõem a sociedade, todos seriam iguais, dentro e fora do campo, por pelo menos 90 minutos.

Em sociedades assim constituídas, quero crer que a popularidade de esportes como o futebol jaz na capacidade do esporte de possibilitar uma experiência com “estruturas permanentes”. Com um permanente que se define por meio de regras universais que ninguém pode modificar. Assim, ao contrário da política, onde após cada derrota os grupos dominantes buscam modificar as regras do jogo, o futebol, (esse humilde e aparente instrumento de mistificação das massas), proporciona uma experiência exemplar de legitimidade e de acatamento as leis (DAMATTA, 1982, p. 36).

Assim, após definir o esporte como um fato social, DaMatta defende que não devemos mais discutir quais as utilidades ou funções do esporte, mas quais as analogias que podemos vislumbrar entre o futebol e a sociedade brasileira, levando em conta que o esporte é uma atividade da sociedade, que se faz e refaz, inverte-se e reafirma-se através dele e com ele. “Enquanto uma atividade da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de uma certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias, etc., permitindo, assim, abrir um espaço determinado: o espaço do esporte e do jogo” (DAMATTA, 1982, p. 24).

Outro artigo que merece destaque nesse livro é o escrito pelo também antropólogo Arno Vogel. Seu artigo é relevante pois, digamos, inicia uma tradição entre aqueles que abordam o tema do futebol: a relação de identidade nacional através do futebol, principalmente pelo estudo de momentos emblemáticos da história desse esporte no Brasil. Ao analisar a participação da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 70, Vogel (1982, p. 81) tenta “de um lado, explorar o comportamento ritual na sociedade urbana brasileira; do outro, um jogo de categorias, do qual resulta a produção dramática do *ethos* brasileiro”. Percebendo o futebol como um drama da vida social brasileira, ele conclui que tanto a tragédia na Copa do Mundo de 1950 quanto a vitória na de 70, são produtos que constituíram a identidade nacional através do futebol, pois cada uma ressaltou um ponto significativo do nosso ser brasileiro (VOGEL, 1982).

Ronaldo Helal, sociólogo carioca, é hoje um dos mais importantes estudiosos do futebol, especialmente por suas importantes contribuições para a área. Sofisticando o conceito de fato

social, Helal (1990) mostra o porquê de nós, brasileiros, nos considerarmos o “país do futebol”. Para ele, pôr ser o futebol um fato social, ou seja, algo socialmente constituído, nosso gostar de futebol existe fora de nossas consciências individuais, mas que se impõe, em nossa sociedade³, como uma força imperativa, capaz de penetrar intensamente no nosso cotidiano, influenciando nossos hábitos e costumes. Ele também estuda a relação do futebol com outros aspectos da sociedade brasileira, como a mídia, junto a teoria da comunicação, e as instituições que organizam esse esporte no Brasil⁴.

No campo acadêmico, a maior parte dos trabalhos sobre o futebol abordam temas como a sua história, introdução, desenvolvimento e consagração, do final do século XIX, passando pelos anos trinta do século XX, período em que o futebol se tornou um esporte profissional no Brasil, ainda que sua administração continuasse amadora, e sua relação na construção da identidade nacional, tema que já era abordado por Mário Filho e Gilberto Freyre nas décadas de 1930 e 40, até os anos de 1960 e 70, auge do futebol brasileiro. Além disso, o período militar recebe grande quantidade de pesquisas sobre os usos do futebol pelo governo, não só em Copas do Mundo, mas na criação do campeonato brasileiro e sua interferência nos clubes, nas federações e confederações.

Com relação a introdução, democratização e profissionalização do futebol Brasil, os trabalhos de Waldenyr Caldas (1990, 1994) merecem destaque. Para ele (1990), a introdução do futebol se deu através dos filhos da elite brasileira, sobretudo aquela composta pelos altos funcionários ingleses. Já a democratização do futebol brasileiro foi por conta de uma questão geográfica. Para Caldas (1994), a democratização do futebol no Brasil, sua passagem de esporte praticado exclusivamente pela elite para um esporte também praticado por outras classes, no caso os operários-jogadores, deve sua origem no bairro carioca de Bangu no início do século XX: “a grande contribuição, volto a repetir, foi o aspecto geográfico. Não fosse este clube [Bangu] localizado no longínquo subúrbio carioca e sim mais próximo da cidade, ou dos outros clubes de elite, dificilmente teríamos operários, juntamente com operários ingleses, vestindo a camisa do mesmo clube (CALDAS, 1994, p. 43). Em relação a profissionalização, defende que era a única opção que o nosso futebol tinha, visto que, no final dos anos 1920 e início dos 30, perdia muitos dos seus destaques para times europeus e sul-americanos de países que já tinham

³ Não somente na nossa sociedade, mas em qualquer sociedade que tenha um esporte “preferido”, como Helal (1990, p. 13) mesmo coloca, como exemplo, o hóquei no gelo na Rússia e o futebol americano nos E.U.A.

⁴ O livro Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil, de 1997, que aborda a crise do futebol brasileiro na década de 1980, é um dos principais trabalhos sobre a relação desse esporte com os meios de comunicação.

adotado o profissionalismo no futebol, além de argumentar que, não oficialmente, o profissionalismo já era adotado por diversos clubes brasileiros.

O período da ditadura militar sempre foi um assunto muito estudado pela academia brasileira, e sua relação com o futebol gerou muitas pesquisas, algumas já citadas anteriormente. Porém, devemos destacar a tese de doutorado de Livia Magalhães (2013) sobre as Copas de 1970 e 78, onde ela analisa o uso da vitória pelos regimes do Brasil e da Argentina, além de mostrar como cada sociedade percebeu e reagiu durante os respectivos períodos de disputa dos torneios.

Quando o campo já se encontrava com uma relativa quantidade de trabalhos e com relativo reconhecimento, um debate instalou-se em torno do livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*. O debate girava em torno da questão de que “os pesquisadores da década de 1980 até meados da década de 1990 sempre que tratavam de estudar o futebol brasileiro sob o ponto de vista histórico buscavam no livro de Mário Filho as fontes para suas análises” (HELAL, 2011, p. 21-2), sem fazer uma crítica mais apurada quanto a análise feita por Mário Filho no seu livro.

O livro de Mário Filho é considerado um dos trabalhos mais importantes sobre a história do futebol no Brasil, um verdadeiro clássico. Nele encontramos todos os mitos do nosso futebol até a década de 1960:

o Fluminense como o clube do “pó-de-arroz”; a formação do Flamengo a partir do clube tricolor; o primeiro Fla-Flu, o *foot-ball* mulato de Friedenreich; a conquista no Sul-americano de 1919 na segunda prorrogação; a vitória dos negros e mulatos do Vasco em 1923; o rebelde Fausto dos Santos; a “domingada” de Domingos da Guia em 1938; o Fla-Flu da Lagoa em 1941; a tragédia do Maracanã em 1950; o empurrão de Obdúlio Varela em Bigode; a culpa de Barbosa; e, finalmente, a vitória do futebol brasileiro na Copas de 1958 e 1962 (SOUZA, 2008, p. 171-2).

Mário Filho traçou um verdadeiro painel da “história do futebol brasileiro: do “inglês” Charles Muller ao negro Leônidas, do *foot-ball* como uma prática social das classes médias e altas até se transformar num esporte popular” (SOUZA, 2008, p. 171). Na sua narrativa romanceada, o negro tem um papel central. De um simples apreciador dos *sportman*, como eram conhecidos os praticantes do futebol no seu início, ele passa, paulatinamente, a conquistar seu espaço no futebol: primeiro nos times de várzea, depois nos times menores, até que, nas décadas de 1920 e 30, os times aristocráticos tem que se curvar e aceitá-lo como um fato inevitável. O futebol seria, assim, um meio pelo qual o negro é aceito, definitivamente, pela sociedade brasileira: “se a princesa Isabel o fez juridicamente, foi o futebol que o fez socialmente” (SOUZA, 2008, p. 171).

Mas, voltando ao debate, a principal crítica quanto ao uso do livro de Mário Filho partiu de Antonio Jorge Gonçalves Soares, na sua tese de doutorado. Os trabalhos acadêmicos sobre o futebol no Brasil, que vão de sua introdução até a década de 1960, segundo Soares, apresentam três fases que encontram no livro de Mário Filho sua origem e validade: “O primeiro momento narra a chegada do futebol e enfatiza a segregação dos negros e dos pobres, o segundo relata suas lutas e resistências e o terceiro descreve a democratização, ascensão e afirmação do negro no futebol” (SOARES, 1999, p. 119). Desse modo, ao recorremos

à literatura, acadêmica ou jornalística, sobre o passado do futebol brasileiro, temos a impressão de estarmos sempre lendo os mesmos textos, com variações não significativas (...) história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade e/ou às denúncias antirracistas, independentemente do piso sociológico, histórico ou antropológico do qual os textos afirmam partir (...) A reiteração obsessiva de tal narrativa confirma, válida e faz verdadeira a história contada (...) Pode-se dizer que novas narrativas acabam por fazer parte da mitologia ou da invenção da tradição do futebol brasileiro. Assim, a recontada história do futebol transforma-se em mito (SOARES, 1999, p. 119-20).

O problema fundamental apontado por Soares seria que, por falta de uma historiografia especializada sobre o futebol nos anos de 1980, momento em que surgiram os primeiros trabalhos sobre o assunto, até meados dos anos 1990, o livro de Mário Filho, trabalhado de forma acrítica, transformou-se em fonte primária, legitimadora das interpretações sobre o racismo no futebol nacional, do estilo próprio de jogar futebol do brasileiro e dos discursos românticos sobre a construção da identidade nacional.

Por outro lado, Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. (1999) discordam da posição adotada por Soares, argumentando que “apesar de louvarmos o mérito do trabalho de Soares ao apontar um provável descuido metodológico dos “novos narradores”⁵, questionamos sua posição radical em negar qualquer possibilidade de utilização histórica do texto de Mário Filho (HELAL; GORDON JR, 1999, p. 149).

Para esses dois autores, *O negro no futebol brasileiro* seria um relevante trabalho na compreensão da construção do discurso do ponto de vista jornalístico e do porquê o discurso da democracia racial no futebol, defendido por Mário Filho em seu livro, teria tanta força nos leitores e pesquisadores.

Restaria perguntar ainda se todas as histórias oficiais sobre formação de identidades nacionais não seriam, de fato, construções que, mesmo que incentivadas por uma elite, só fazem sentido, só se tornam oficiais, quando "colam" com os anseios da população, isto é, quando são simultaneamente mito e sonho (...) não existiria uma relação dialética entre elite (discurso erudito) e povo (discurso popular)? O que percebemos, enfim, é que essas essencializações, das quais a construção de uma identidade nacional

⁵ “Novos narradores” foi a forma usada por Soares (1999) para denominar os pesquisadores que se nutriam do livro do jornalista Mário Filho de forma acrítica.

faz parte, são eficazes, possuem "materialidade", mesmo sendo simbólicas; ou seja, produzem um resultado prático no imaginário coletivo (HELAL; GORDON JR, 1999, p. 160).

Defendem que os fatos narrados por Mário Filho, ao contrário do que sentencia Soares ao dizer que nada do livro do jornalista poderia ser considerado pelos pesquisadores por ser uma invenção romanceada da história do futebol brasileiro nos seus primórdios, tem sim relevância empírica enquanto dramatizações simbólicas de momentos chave do futebol brasileiro, pois apresentariam, mesmo que a partir de uma visão dominante, sentimentos que eram exaltados e difundidos num determinado período⁶.

Visto tudo isso, um comentário deve ser feito. Devemos considerar o livro de Mário Filho um clássico, não apenas do futebol brasileiro, mas também sobre a formação da sociedade e da identidade brasileira, compatível, se nos permitam a ousadia, as obras de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr. e Gilberto Freyre, por, em determinado momento, ter procurado interpretar e compreender o que era ser brasileiro, nossas especificidades frente o outro, o nosso modo de pensar, agir e ser através do futebol praticado aqui⁷.

Ao mesmo tempo que *O negro no futebol brasileiro* pode ser usado pelos estudiosos do futebol como fonte, esses devem compreender, todavia, que a narrativa utilizada por Mário Filho, cheia de emoção e simbolismo, é feita para conquistar e convencer o leitor através dos sentimentos. Por isso, a leitura deve ser feita de forma crítica, levando em conta o contexto histórico de produção do livro, as estratégias narrativas adotadas pelo autor para convencer e conquistar a simpatia do leitor junto a sua tese, comparando-o com outras fontes, por exemplo os jornais da época.

Nas últimas décadas, o esporte, e, no caso do Brasil, o futebol especificamente, tem ganhado espaço na Academia, nomeadamente nos cursos de humanas⁸. Hoje podemos

⁶ Vale ressaltar que, mesmo que a primeira edição seja de 1947, Mário Filho pesquisou durante 15 anos para escrever seu livro, ou seja, grande parte de sua pesquisa se deu durante a primeira Era Vargas (1930-45), quando o discurso oficial que estava em voga era o da integração nacional em todos os níveis da sociedade. Além disso, Mário Filho era amigo de Gilberto Freyre, compartilhando da sua teoria da democracia racial. Ainda, para finalizar, muito consideram o livro de Mário Filho a versão de *Casa Grande e Senzala*, de autoria de Freyre, do futebol brasileiro.

⁷ Devemos destacar também a quantidade e qualidade das fontes utilizadas por Mário Filho: “o álbum de recortes do ex-goleiro Marcos Carneiro de Mendonça; centenas de entrevistas com jogadores, dirigentes e torcedores; a coleção particular dos periódicos *Vida Sportiva*, *Critica*, *O Globo*, *Jornal dos Sports* e *O Globo Sportivo*; os documentos oficiais da CBD e o próprio testemunho. Segundo suas palavras: “o material era tanto, e com tamanho requinte de detalhes, que ficava a dúvida. A dúvida de como eu conseguiria reuni-lo, catalogá-lo, usá-lo, numa narrativa coerente, sem um claro, uma interrupção. Eu não teria valido da imaginação de romancistas que ainda não publicou um romance? Não, eu não usei imaginação. Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhes e veracidade por averiguações exaustivas. As vezes uma simples dúvida me fazia inutilizar um capítulo, obrigando-me a novos trabalhos e pesquisas” (FILHO, 1947, p. 9).

⁸ Os cursos de Educação Física, há um bom tempo, já estudam, em larga escala, o esporte e o futebol, pesquisando, entre outras coisas, sobre suas contribuições benéficas e malefícios para os praticantes.

considerar que já seja um campo reconhecido pelas outras áreas do conhecimento como campo específico, como uma esfera que trata de todas as possíveis contribuições, benéficas e maléficas, que o futebol traz para a sociedade. Visto aqui a trajetória do tema futebol dentro da Academia, podemos passar agora a trajetória do outro componente do nosso trabalho: a crônica esportiva.

1.2 A trajetória da crônica esportiva no Brasil

No decorrer do século XX, a crônica esportiva brasileira transformou-se num dos principais meios pelos quais os amantes do futebol se informam e criam suas opiniões quanto do futebol praticado aqui. Aproximando o futebol do público, a crônica esportiva, ao mesmo tempo que popularizava o futebol, beneficiou-se dessa popularidade para alargar seu espaço nos jornais e transformar os cronistas em verdadeiros especialistas do mundo da bola. Contudo, sua trajetória até esse estágio não foi fácil.

Por se concentrar no relato de assuntos do cotidiano, por não ter um grande espaço nos jornais, por não se imaginar uma literatura de ponta feita por grandes cronistas, a crônica durante muito tempo, notadamente no século XIX e início do XX, foi considerada um gênero literário menor, de pouca importância.

Surgida nos espaços de rodapé dos folhetins franceses do século XIX (COSTA et al., 2007), a crônica servia mais como um complemento do que como uma seção específica dos jornais, um espaço para divertimento e entretenimento dos leitores. Os textos desses espaços de rodapé dividiam-se em dois modelos: o romance, dividido em capítulos, e o de variedades. Esse último modelo deu origem ao gênero crônica.

O folhetim que deu origem ao gênero crônica foi o folhetim variedades (...) de onde ela emerge, a crônica vai instaurar rupturas tanto do ponto de vista linguístico quanto, e principalmente, do ponto de vista temático. O argumento central é que a crônica pode ser não ficcional, na medida em que deriva de fatos do cotidiano, ao mesmo tempo em que pode possuir uma dimensão ficcional, quando possibilita ao autor construir diálogos e acrescentar personagens, além das características poéticas também pertinentes à crônica (COSTA et al., 2007, p. 16).

Se no passado, atuando como crônica histórica, tinha a intenção de narrar os fatos cronologicamente, na virada do XIX para o XX, a crônica adquire uma nova qualidade: a subjetividade do narrador, que terá profunda relação com o tempo vivido. No início do século XX, antes de o futebol se tornar o principal esporte do país e um dos assuntos mais básicos da mídia nacional, a crônica já era praticada por alguns escritores famosos, entre eles Paulo Barreto (João do Rio), Machado de Assis, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade, entre outros,

que estavam preocupados em “alcançar uma dimensão poética quando do registro jornalístico dos fatos que marcaram sua época” (FREITAS, 2005, p. 172-3), consolidando a crônica como gênero no Brasil.

Situada na fronteira da literatura com o jornalismo, o cronista buscará ser o poeta do dia-a-dia, tentando transpor as linhas do jornal para retratar com a maior fidedignidade o fato acontecido, usando, é claro, recursos como o simbolismo, o saudosismo e a imaginação. Com o passar dos anos, “de acordo com a tendência vigente, a crônica se converte num meio de mapear e descobrir um país heterogêneo e complexo, consolidando-se como um gênero tipicamente nacional” (RAMADAN, 1997, p. 49).

No campo esportivo, até o final da década de 1920, a crônica, e o cronista, preocupavam-se mais em informar, em relatar o evento de uma forma impessoal, objetiva e fria (BORGES, 2006). Na década de 1930 a crônica esportiva se reinventa, adotando um tom mais pessoal, subjetivo, que aproxima o cronista do torcedor. A reinvenção da crônica esportiva é atribuída, por Nelson Rodrigues (LEITE LOPES, 1994), a Mário Filho, seu irmão mais velho, sobretudo após a morte deste, quando Nelson Rodrigues não apenas atribui a reinvenção da crônica esportiva a seu irmão, como também parte considerável na formação do futebol no Brasil. Todavia, “outros, tais como Carlos Saloya, médico filiado à sociedade brasileira de tuberculose e do instituto dos industriários do Rio de Janeiro, reivindicaram, de um ponto de vista distinto, para Max Valentim, a dinamização da crônica” (TOLEDO, 2006, p. 176).

Para além desta disputa em torno da reinvenção da crônica esportiva, estava a disputa pelo controle sobre a hegemonia do discurso, dos “conceitos, doutrinas e concepções do jogar e do gostar do jogo no Brasil” (TOLEDO, 2006, p. 175) entre os mediadores desta modalidade esportiva que passava a atrair cada vez mais a atenção dos brasileiros, especialmente entre paulistas e cariocas.

Essa disputa pela hegemonia do discurso da crônica esportiva na década de 1930, num momento de expansão e popularização do futebol e dos meios de comunicação, revela uma nítida separação do ponto de vista de como deveria ser a crônica entre paulista e cariocas: os primeiros preferiam uma crônica mais técnica, enquanto os segundos, criticados pelos paulistas, adotavam um tom mais emocional, mais próximo daquele adotado pelo torcedor. De ambos os lados havia críticas quanto a técnica adotada pelo outro lado, sempre exaltando o seu em detrimento do outro.

Neste trabalho, entretanto, abordaremos uma análise sobre o desenvolvimento da crônica esportiva a partir de Mário Filho por três motivos: primeiro, pela falta, nossa, de

trabalhos que contemplem o desenvolvimento da crônica a partir de Max Valentim; segundo, por Mário Filho residir no Rio de Janeiro. A capital fluminense, quando Mário Filho passa a contribuir substancialmente para a criação de um público cativo do futebol, é a capital da República e o palco central dos principais acontecimentos políticos do Brasil, acontecimentos esses que influenciariam diretamente o futebol e o modo como ele era e deveria ser visto e pensado pelos diferentes atores que compõem as diferentes esferas deste esporte. Terceiro, como uma das propostas do presente trabalho é procurar a relação da identidade nacional com o futebol, Mário Filho se torna referência nesse assunto, sendo sua representação do futebol brasileiro, junto a de Gilberto Freyre, hegemônica:

(...) no cotidiano, nas conversas de botequim, nos debates televisivos, nos jornais esportivos, nos estádios, ou em frente a uma televisão durante a Copa do Mundo, o “jogador ideal”, o “estilo ideal” e a “seleção ideal” são sempre os mesmos que Mário Filho traçou em linhas maravilhosas de *O negro no futebol brasileiro*. A obra consolidou a representação do futebol brasileiro como o ideal de astúcia e arte e contra a representação europeia de um futebol que dava mais valor à eficiência e à força (SOUZA, 2008, p. 174).

A reinvenção da crônica esportiva, para José Leite Lopes (1994), inicia-se no ano de 1926, quando Mário Filho assume o editorial de esporte do jornal *A Manhã*, de propriedade de seu pai, Mário Rodrigues, e tem continuidade no jornal *A Crítica* entre os anos de 1928 e 29. Por ser filho do dono, “Mário Filho podia investir e valorizar a página esportiva tendo todos os recursos gráficos e fotográficos à sua disposição” (LEITE LOPES, 1994, p. 68), contribuindo com isso para o aumento das vendas do jornal.

Entre as inovações criadas e adotadas por Mário Filho podemos destacar, além do aumento do espaço ocupado pelos esportes, uma linguagem mais fluida e dinâmica que procurava narrar o jogo e suas singularidades, não apenas o entorno do evento. Porém, a principal inovação era o uso de imagens, fotografias tiradas dos jogadores em ação, substituindo as tradicionais fotos de palito e gravata, mais comuns na época (CAPRARO, 2007).

No ano de 1930, porém, um fato muito marcante na história do Brasil muda os rumos, não só do jornal, como também de Mário Filho. Com a Revolução de 1930, *A Crítica*, um dos poucos jornais que apoiava a situação, foi fechado e a família Rodrigues viu-se em dificuldades financeiras, sendo que o patriarca da família, Mário Rodrigues, já havia falecido em março do mesmo ano. Mário Filho, frente a essa situação, aceita a proposta de Roberto Marinho para dirigir o caderno de esporte do jornal *O Globo* em meados de 1931.

Mário Filho investe todo o seu esforço no jornalismo esportivo que permanece uma porta aberta para a sua sobrevivência social e a de sua família. O vício vira rapidamente virtude: desde seu trabalho nos jornais de seu pai, a página esportiva tonava-se progressivamente sua opção e seu lugar preferido; ancorado agora nessa

página por contingências políticas, ela lhe dava uma notoriedade que contribuiu para o aumento das vendas de *O Globo* (LEITE LOPES, 1994, p. 71).

Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento da crônica esportiva foi a profissionalização do futebol em 1933⁹. Como relata Waldenyr Caldas (1994), o futebol brasileiro no final dos anos 1920 passava por um período de crise, impulsionado pela progressiva transferência de jogadores importantes, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, para centros europeus e sul-americanos que tinham adotado o regime profissional, principalmente Itália, Argentina e Uruguai.

Esse contexto que permeou as discussões sobre a profissionalização do futebol brasileiro, ao mesmo tempo, assistiu a um aumento real do público que se interessava pelos assuntos do mundo da bola. Sendo assim, pelo futebol ter se transformado num dos principais eventos de lazer e consumo das principais cidades brasileiras (SEVCENKO, 1994), a demanda criou a necessidade por periódicos¹⁰ e jornalistas especializados na cobertura do futebol. Surge então “o cronista especializado no assunto futebol, com a finalidade de suprir a demanda consumista do ávido público adepto dos esportes” (CAPRARO, 2007, p. 227-8).

No Rio de Janeiro, no entanto, em 1933 ocorreu uma cisão entre os dirigentes dos principais times cariocas que acabou por criar duas ligas distintas, uma amadora e outra profissional. Diante dessa cisão, Mário Filho percebeu a importância da criação de um jornalismo especializado que suprisse as demandas de um público de massa, passando a cobrir, especialmente, a liga profissional. Definitivamente, é a partir desse momento que ele revoluciona a crônica esportiva, trazendo uma série de inovações linguísticas, adotando um tom mais coloquial, substituindo progressivamente os termos ingleses por expressões usadas pelos torcedores nos estádios¹¹, aproximando e dinamizando a relação entre o cronista e o leitor (HOLLANDA, 2003).

Junto com seus colaboradores, Mário Filho passa a cobrir o campeonato profissional, inventando promoções e concedendo prêmios às torcidas mais originais e organizadas, uma forma de atrair o público para os estádios da liga profissional (CALDAS, 1994), ao mesmo tempo que revisitava o passado dos confrontos entre os principais clubes cariocas, instituindo os “clássicos” como são conhecidos hoje.

⁹ Rafael B. Klein (2014), em sua dissertação de mestrado, apresenta a discussão que envolveu a implantação do profissionalismo no Rio Grande do Sul, que ocorreu tardiamente, entre os anos de 1937 e 38.

¹⁰ Entre os periódicos criados nessa época, podemos destacar *O Mundo Esportivo*, de 1930, *Jornal dos Sports*, de 1931, e *O Globo Sportivo*, de 1938.

¹¹ Não obstante, vale a ressalva de que tais mudanças linguísticas inauguradas por Mário Filho, vistas nos dias de hoje, podem ser consideradas apenas parciais, pois o abrasileiramento integral da linguagem esportiva apenas ocorreria anos depois, na década de 1960. Cf. HOLLANDA, 2003, p. 92.

Em 1936, Mário Filho dá outro passo na consolidação da crônica esportiva adquirindo o *Jornal do Sports*, sem deixar de contribuir com *O Globo*¹². Em torno desse jornal, Mário Filho reúne uma equipe de notáveis,

(...) repórteres de alto gabarito, como Dão, Geraldo Romualdo da Silva, Pedro Nunes e Leonam Pena – este último autor de um pioneiro *Dicionário popular de futebol* (...) seja de conhecedores da crônica esportiva internacional, como Albert Laurence, Giampoli Pereira e Willy Meisl; seja o caso singular de uma cronista esportiva, Florita Costa, mulher de Flávio Costa, o famoso técnico do Flamengo, do Vasco e da seleção brasileira; seja de prestigiados dirigentes das entidades desportivas nacionais, como João Lyra Filho, Mário Pólo, o próprio José Lins do Rego e Vargas Netto, este último também escritor e sobrinho de Getúlio Vargas (HOLLANDA, 2003, p. 93-4).

Mário Filho foi, acima de tudo, um incentivador dos esportes e das manifestações culturais. Além de contribuir significativamente para o desenvolvimento da crônica esportiva e o futebol de maneira geral, criou os Jogos da Primavera, os Jogos Infantis e o Torneio de Pelada do Aterro do Flamengo, cobria eventos de vôlei, basquete e remo, criou o Torneio Rio-São Paulo e a Copa Rio, disputado por times europeus e sul-americanos (SOUZA, 2008). Por tudo isso, foi definido, por seu irmão Nelson Rodrigues, como o “criador das multidões”.

Nos anos e décadas seguintes, a crônica esportiva desenvolve-se significativamente, muito por conta da qualidade dos cronistas. Entre esses cronistas podemos citar, além de Mário Filho, Nelson Rodrigues, seu irmão mais novo. Afora um destacado dramaturgo brasileiro, Nelson Rodrigues compartilha das teses de seu irmão, contudo, dando uma maior emoção à sua narrativa, sempre destacando as qualidades do selecionado nacional, ao mesmo tempo que procura destrinchar o *ser* brasileiro através do futebol. Outro destacado cronista, Armando Nogueira, considerado um poeta por seus iguais, imprimia um ritmo diferente nas suas narrativas, “a qualidade literária era a tônica sem contudo inibir ou o distanciá-lo do público leitor, muito pelo contrário, como já foi afirmado, ele é um dos cronistas mais populares do Brasil” (BORGES, 2002, p. 134). Seguindo a linha desses cronistas, encontramos os interlocutores com quem dialogaremos em nossa pesquisa: João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann.

Não faremos aqui as exposições sobre esses autores, coisa que será feita mais à frente. No entanto, para reafirmar a qualidade dos nossos cronistas selecionados, podemos citar Roberto Drummond, que, falando sobre Ostermann, diz:

¹² Mário Filho passa a assinar uma coluna no *O Globo*, intitulada *Da Primeira Fila*, escrevendo sobre a história do futebol brasileiro. Junto com outras fontes, essas colunas serviriam de base para a composição de vários de seus livros, entre eles “*Copa Rio Branco, 32*”, “*O negro no futebol brasileiro*”, “*Histórias do Flamengo*” e “*Romance do futebol*”. Cf. LEITE LOPES, 1994, p. 77 e SOUZA, 2008, p. 179.

Ele honra e dignifica os cronistas-escritores ou os escritores-cronistas que escrevem ou escreveram sobre o desvario do futebol. Ele vem do mesmo tapete verde de nossas ilusões, de onde vieram Nelson Rodrigues, o maior teatrólogo brasileiro, e seu irmão Mário Filho, onde brilharam José Lins do Rego, grande no romance e na devoção pelo Flamengo, Vargas Neto, poeta gaúcho como Ostermann, e Marques Rebelo, romancista dos melhores. Vem do mesmo território de sonhos e quimeras em que Armando Nogueira e João Saldanha, cada qual com um feitio, deram estilo e magia ao ato de escrever (“Prefácio”, In: OSTERMANN, 1998, p. 10).

Implantando uma nova linguagem e um novo modo de narrar os fatos esportivos, sobretudo o futebol, a crônica esportiva consolida-se como um gênero literário específico no Brasil, muitas vezes considerada uma forma de identificar e caracterizar o brasileiro. “O futebol foi utilizado pelos cronistas como uma possibilidade de observar e discutir o estilo emocional dos brasileiros, que pensavam a sua comunidade nacional por meio do futebol e interpretavam as reações dos brasileiros diante do sucesso e do fracasso” (BORGES, 2006, p. 28). Por isso,

(...) os cronistas são importantes personagens na história do futebol no Brasil. Compreender seus entendimentos, perspectivas, esperanças e projetos de país, presentes em seus escritos permite a ampliação da dimensão explicativa da história, levando-nos ao encontro das representações/imagens do que fomos, somos e do que objetivamos ser (BORGES, 2006, p. 28).

Sendo assim, o uso das crônicas nos permite compreender o que é “ser brasileiro” para esses cronistas, pois elas se tornaram “depositária das ideologias nacionalistas que tentavam explicar os dilemas do homem brasileiro num processo de aquisição de autoconfiança e de busca de reconhecimento internacional” (ANTUNES, 2004, p. 43). Contudo, a riqueza dessas fontes não se esgota só nesse aspecto, pois “a crônica, escrita no calor dos acontecimentos e em dia com os fatos” (ANTUNES, 2004, p. 43), apresentam-se como depositárias dos momentos e acontecimentos históricos pelos quais o Brasil passou durante o século XX. Sendo assim, “a busca de afirmação do país nos anos 50 e 60, o ufanismo e nacionalismo dos anos 70, a frustração dos anos 80 e início dos 90 e a esperança dos anos 90 e início do novo milênio” (BORGES, 2006, p. 28) marcaram tanto a história do Brasil como a do futebol nacional.

Nesta perspectiva, vale destacar as características das crônicas e dos cronistas brasileiros, que para Luiz Henrique de Toledo (2000, p. 173) seriam os *especialistas*, os profissionais (comentaristas, locutores, repórteres) que escrevem as crônicas especializadas disponibilizadas em jornais, revistas e programas esportivos, “portadores de um conjunto articulado de representações fixadas em discursos, saberes e práticas diferenciadas”, contrapostas às dos *torcedores*, a massa homogeneia dos amantes do futebol, e dos *profissionais* (jogadores, técnicos, dirigentes, juízes, preparadores, médicos).

Segundo Toledo (2000, p. 173-4), existiriam três tipos de crônicas e cronistas, não excludentes entre si e, em alguns casos, complementares. Primeiro, “aquela que se legitima através de um discurso mais identificado e afinado com o domínio torcedor, incorporando a imponderabilidade e a emoção, comumente atribuídas, por estes próprios *especialistas*, aos torcedores”. Essa perspectiva pertenceria a crônica emotiva, característica presente nas crônicas de Mário Filho e Nelson Rodrigues; uma segunda que “abriga inúmeros ex-jogadores, ex-treinadores ou ex-técnicos, que após as carreiras “dentro do campo” se tornaram comentaristas esportivos”, dedicando-se “na maior parte de sua prática, às polêmicas estritamente técnicas, consolidando um discurso cujo tom prima por uma análise desapassionada e distanciada, mais tecnicista”. Seria a crônica tecnicista, a mais comum nas transmissões de rádio e tevê hoje em dia. E ainda, uma terceira, “imiscuída às anteriores, que enfatiza os aspectos políticos do futebol profissional, mais atenta e engajada às mudanças institucionais, dialogando diretamente com as elites dirigentes do esporte”, a crônica político-esportiva, adotada por *especialistas* como Juca Kfourri e João Saldanha.

Por último, é oportuna uma consideração sobre um ponto muito importante para nosso trabalho: o comportamento dos cronistas em época de Copa do Mundo de futebol. Esses períodos são singulares no Brasil. São momentos que desregulam o cotidiano do brasileiro, onde o bairrismo e o clubismo são deixados de lado, onde os cronistas assumem um discurso mais emotivo e torcedor, enfim, um período onde o brasileiro vive mais intensamente o futebol.

A hostilidade, normal nos dias de jogo dos campeonatos regionais e nacional, diminui, “pois os adversários estão distantes e, quase sempre, falam outro idioma”, ao invés de palavrões, “prevalece a harmonia e a descontração”, ao invés de um público predominantemente masculino, “mulheres e as crianças são integradas”, tendo uma heterogeneidade mais ampla. “Muda o público, mudam os referenciais e, sendo assim, encontramos-nos diante de outro sistema simbólico a servir como referência” (DAMO, 2006, p. 81).

Desregula o cotidiano pois o brasileiro passa a agir de uma forma diferente. Como lembra Roberto DaMatta (1982, p. 34), em época de Copa do Mundo

(...) se pode observar o povo vestido com as cores da bandeira nacional, vivendo uma experiência concreta de união nacional. Nestes momentos de carnaval cívico, criados pelo futebol, os símbolos sagrados da pátria, deixam de ser propriedades das camadas dominantes e, sobretudo, do governo, para se disseminarem pelo meio das massas anônimas, que com elas celebra uma relação de franca e desinibida intimidade.

Por conta desse “carnaval cívico”, os cronistas reorientam suas estratégias de representação do universo futebolístico, assumindo uma postura mais sociológica e antropológica, se assim podemos dizer.

Foi assim com Nelson Rodrigues que, antes da Copa do Mundo de 1958, escreveu uma crônica intitulada *Complexo de vira-latas*¹³, que, mais do que simplesmente dizer porque a seleção não conseguiu vencer sequer uma Copa do Mundo de futebol, praticamente definia o porquê do brasileiro se achar inferior ao estrangeiro. Foi assim também com diversos cronistas que utilizaram a expressão futebol-arte, entre eles João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann, criada por Gilberto Freyre para definir o estilo de jogo do jogador brasileiro. Esse ponto é importante para compreendermos que João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann, em época de Copa do Mundo, modificavam o tom de suas crônicas, assumindo discursos cujo as representações estavam mais voltadas para as questões de identidade nacional e da relação do futebol com outros aspectos da sociedade brasileira.

¹³ Cf. RODRIGUES, 1993, p. 61-3.

2 Futebol e identidade nacional

Este capítulo tem por objetivo compreender a relação do futebol com a sociedade brasileira, desde o final do século XIX até a década de 1980. Para isto, o mesmo será dividido em quatro tópicos. O primeiro versa sobre a introdução do esporte no Brasil até sua profissionalização na década de 1930, passando pela sua popularização e introdução de negros, mestiços e pobres no universo futebolístico. O segundo tópico discorre sobre como o futebol transformou-se em símbolo da identidade nacional pelo trabalho conjunto de intelectuais e jornalistas, tendo as figuras de Gilberto Freyre e Mário Filho papel destacado. O terceiro tópico mostra como o futebol-arte, o estilo singular de jogar futebol praticado pelo jogador brasileiro, consolidou-se como o motivo de nosso sucesso nesse esporte, claro que não antes de enfrentar alguns contratemplos. Por fim, o quarto tópico pondera como o futebol brasileiro, em todos os seus aspectos dentro e fora de campo, é raciocinado por nossos interlocutores Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha.

2.1 Introduções, primeiras décadas e profissionalização

Hoje em dia a expressão “Brasil, o país do futebol” é considerada normal, praticamente legitimadora de um destino manifesto, como se o Brasil, e particularmente o brasileiro, tivesse nascido para a prática desse esporte, sendo o inverso igualmente verdadeiro, isto é, o futebol só foi inventado para que o brasileiro pudesse jogá-lo. Mas nem sempre foi assim. Quando o futebol passou a ser praticado de forma mais organizada no Brasil, no final do século XIX, trazia em seu bojo uma mensagem mais aristocrática, eugênica e classista.

Oficialmente, o futebol foi criado na Inglaterra, no ano de 1863, quando a Foot-ball Association separou o *rugby* do *foot-ball*, e decidiu confeccionar livros com as regras básicas para difundir o novo esporte (BORGES, 2006). No Brasil, desde a metade do século XIX, já haviam relatos da prática de jogos de futebol em terras tupiniquins, na sua maioria realizados por e entre marinheiros e funcionários de firmas francesas, holandesas e, sobretudo, inglesas, que o praticavam nas suas horas de lazer (Cf. GUTERMAN, 2009, p. 18-9).

Segundo Nicolau Sevchenko (1994, p. 36), o futebol no Brasil teria sido introduzido de duas formas: “Um foi o dos trabalhadores das estradas de ferro, que deram origem aos times das várzeas, o outro foi através dos clubes inglese que introduziram o esporte dentre os grupos

de elite”. Os primeiros clubes organizados no Brasil tinham como característica uma “tradição elitizante”, visto que eram formados, na sua maioria, pelos filhos da elite e pelos altos funcionários das companhias estrangeiras que atuavam no Brasil, como o The São Paulo Athletic Club, o The São Paulo Railway e o The Bangu Athletic Club da Companhia Progresso Industrial do Brasil (CALDAS, 1994).

Contrastando com o futebol inglês, que já era praticado pelas camadas menos favorecidas e já tinha conquistado grande simpatia do proletariado deste país (HOBSBAWM, 2008), o futebol, na época de sua introdução no Brasil, tinha dois objetivos complementares: primeiro, ser um esporte de elite, praticado pela e para essa elite, com nítida exclusão social e racial, fato que se evidencia com mais clareza nas primeiras décadas do século XX¹⁴, e, segundo, desenvolver a prática do exercício físico entre essa mesma elite¹⁵.

Na década 1920, o futebol já era a principal fonte de lazer do país, sobrepujando outros esportes, como o remo e as corridas de cavalo. Sendo um esporte tão popular, o futebol passou a ser, também, a principal fonte de divertimento das camadas mais pobres, que o praticavam nos terrenos baldios do subúrbio (GUTERMAN, 2009).

Ao mesmo tempo que aumentava a popularidade do futebol, seu nível de competição também crescia. Isso levou com que os dirigentes dos principais clubes, progressivamente, passassem a correr atrás dos melhores jogadores, com o propósito de qualificarem seus times, não importando mais a origem social e étnica do jogador¹⁶.

Nas primeiras décadas do século XX, o futebol torna-se um esporte extremamente popular entre todas as camadas da sociedade, atraindo um público cada vez mais

¹⁴ Como bem coloca Borges (2006, p. 56-8): “Em seus primórdios, o futebol no Brasil era uma prática marcada pelo elitismo e pelo racismo, sendo praticado exclusivamente por brancos, fossem eles brasileiros ou estrangeiros. Não era admitida a participação nos jogos por eles organizados de negros, mestiços e brancos pobres (...) A popularização do futebol não foi percebida de forma positiva pela elite brasileira (...) Afinal, o esporte, e em particular o futebol, enquanto criador de uma identidade marcada pela elegância e refinamento, não poderia incluir em suas fileiras as classes trabalhadoras. Os primeiros clubes de futebol buscaram criar mecanismos visando impedir a entrada de classes menos favorecidas em seus quadros e isso era obtido por meio dos altos valores cobrados no ato de se associar ao clube, pelas mensalidades também elevadas ou até mesmo por medidas restritivas que compunham seus respectivos estatutos”.

¹⁵ Como é destacado na historiografia brasileira sobre o período colonial e monárquico, os hábitos e a aparência eram delatores da posição social que o indivíduo detinha na hierarquia social. Portanto, ser magro, bronzeado e/ou ter um corpo atlético eram sinônimos de um trabalhador comum e dos escravos. Com o fim da escravidão, do período monárquico, a consequente substituição de velhos preceitos por novos, o cuidar da aparência física ganhou novo significado. Envolvido por um Darwinismo social deturpado, esse novo significado defendia o melhoramento da raça, sobretudo em sociedades miscigenadas como a brasileira, através do esporte: “Antes, o homem de *status* não cuidava da aparência física. Raramente ele expunha o tórax ou as pernas (...) Agora, para o homem de elite se destacar era necessário ter um bom porte físico e praticar *sports*” (SOUZA, 2008, p. 28).

¹⁶ Temos que fazer a ressalva de que essa afirmação, de que não importava mais a origem social e étnica do jogador, não é, toda ela, verdadeira até, pelo menos, a década de 1930. Todavia, alguns autores (LEITE LOPES, 1994; SOUZA, 2008) destacam que, progressivamente, jogadores que pertenciam às classes menos favorecidas ou que eram negros ou mestiços, desde o início da década de 1920, já eram aceitos com maior naturalidade e sem tanta hostilidade.

numeroso para assistir aos jogos. Neste cenário, os dirigentes dos clubes de elite, membros das principais ligas das grandes cidades e os que atraíam mais torcedores, passam a perceber o grande potencial econômico do futebol e começam a cobrar ingresso para as partidas. Fazia-se, então, cada vez mais necessário atrair o público expectador, tornando-se imprescindível aos clubes a constituição de esquadres talentosos que agradassem aos seus torcedores e fossem capazes de conquistar vitórias e títulos (KLEIN, 2014, p. 37).

Porém, como o futebol ainda era um esporte amador, só poderiam praticá-lo, em tese, nos campeonatos oficiais, jogadores que tivessem algum emprego ou renda própria e que não recebessem qualquer tipo de remuneração por parte dos clubes em que jogavam. No entanto, alguns clubes passaram a praticar o “profissionalismo marrom”¹⁷, considerado antiético, como uma forma de contratar e manter bons jogadores em seus times. Esse cenário, que teve início no meio da década de 1910, perdurou até a década de 1930, quando novos fatores impulsionaram a profissionalização do futebol no Brasil.

A historiografia do futebol brasileiro, tende a afirmar que a profissionalização deste esporte se deu, aqui, por conta do êxodo dos principais jogadores brasileiros para times de países que já tinham adotado o regime profissional, notadamente Itália, Argentina e Uruguai. Argumentam que, para manter seus principais atletas, os dirigentes brasileiros foram obrigados a adotar o regime profissional no futebol¹⁸. No entanto, Denaldo A. de Souza (2008) mostra que isto não foi a única causa. Segundo ele, uma série de outros motivos possibilitou a troca do regime amador pelo profissional¹⁹. Contudo, o real motivo, para ele, seria uma disputa entre os dirigentes Rivadávia Corrêa Meyer, então presidente da AMEA, e Arnaldo Guinle, ex-presidente da CBD e da AMEA, um dos dirigentes mais influentes na época.

Por discordar das medidas tomadas por Rivadávia, quando este assumiu o comando da AMEA em 1932, Guinle patrocinou, junto com dirigentes de outros clubes (do Fluminense, do Vasco, do América e do Bangu), a implantação do profissionalismo no Rio de Janeiro em 1933²⁰. A briga entre os grupos de Arnaldo Guinle e Rivadávia Meyer permaneceu pelos anos

¹⁷ Quando o futebol foi introduzido no Brasil pelos filhos da elite, era comum não se receber salários ou qualquer tipo de comissão para se jogar. Quando o esporte se popularizou com a entrada de jogadores negros, mestiços e brancos pobres, e a necessidade do resultado sobrepujou a tradição lúdica do futebol, alguns clubes passaram a dar um salário extra para seus jogadores, sobretudo para aqueles provenientes das classes menos favorecidas, o conhecido “bicho”. Essa prática passou a ser muito criticada pelos “puristas”, que desejavam que o esporte se conserva-se amador, mantendo as características da época de sua introdução. Cf. CALDAS, 1994, p. 49; HELAL, 1997, p. 44.

¹⁸ Entre outros, Wladenyrr Caldas (1994), Luiz H. de A. Borges (2006), Sergio Leite Lopes (1994), Ronaldo Helal (1997) e Mário Filho (1947, 2010).

¹⁹ Entre eles, “A intensa industrialização, a urbanização dos grandes centros, a luta por reconhecimento econômico e social da população pobre e negra, o desenvolvimento dos meios de comunicação e a transformação dos esportes em espetáculo de massa explicam a introdução do profissionalismo em 1933 como fruto de um processo histórico mais amplo e complexo (Cf. SOUZA, 2008, p. 40-1).

²⁰ No mesmo ano, em São Paulo, a APEA também adotou o regime profissional no campeonato paulista.

seguintes, sendo resolvida apenas em 1937²¹, depois da desastrosa participação do selecionado nacional na Copa do Mundo de 1934 e da vergonhosa participação da delegação brasileira nas Olimpíadas de Berlim em 1936²². Após a implantação do profissionalismo, o futebol nacional ganhou novos contornos, novos significados, novas tradições.

2.2 A invenção de um estilo: o futebol-arte

Após a profissionalização, o futebol foi, definitivamente, absorvido pelos brasileiros e transformado, pelo trabalho conjunto de intelectuais e *especialistas* do mundo da bola, em uma das nossas maiores fontes da identidade nacional ao lado do carnaval. Mas como ocorreu esse processo? Como e quando o futebol passou a sintetizar a nação brasileira? Como se difundiu a ideia de que, através do futebol, poderíamos apaziguar todos os nossos problemas sociais, todos os nossos antagonismos? Essas são perguntas que tentaremos responder nesse tópico.

Devemos destacar, como já foi dito, que o futebol foi elevado à essa categoria de fonte da identidade nacional, pelo trabalho conjunto de várias figuras importantes e de renomada evidência na sociedade brasileira do século XX, verdadeiros criadores de opinião, merecendo realce especial as figuras de Gilberto Freyre e Mário Filho. Mas, antes de analisar como se deu esse processo, achamos necessário destacar um ponto que está na sua origem, fator que transformou o futebol em símbolo da nação: o mito da democracia racial.

Não podemos, aqui, dizer se havia outros pensadores que defendiam a tese de que, no Brasil, as diferentes etnias que compunham a sociedade conviviam em perfeita harmonia, colaborando, cada uma com suas virtudes, para o avanço da nação. Mas podemos dizer que foi Gilberto Freyre, na extensão de suas obras, que difundiu largamente essa ideia, não só entre os seus, mas para toda a sociedade, brasileira e internacional. Para entendermos quão ousado foi Freyre em sua análise, temos que aludir o que significava a miscigenação entre as “raças” no contexto do século XIX e início do XX. Para isto, recorreremos ao antropólogo Roberto DaMatta.

Como lembra DaMatta (1986), no século XIX a maioria das teorias racistas europeias e norte-americanas, mesmo não sendo contra o negro e o indígena (que, sim, eram considerados

²¹ No Rio Grande do Sul ocorreu caso semelhantes, mas entre os anos 1937 e 39. No caso, Grêmio e Internacional, incentivados pelo bloco carioca pro-profissionalização, adotaram o regime profissional, criando uma liga em separado com o Cruzeiro-Poa, São José e Força e Luz. Essa situação permaneceu durante todo o ano de 1938, restabelecendo-se a normalidade, com a adoção do profissionalismo, em 1939. Cf. KLEIN, 2014.

²² Cf. SOUZA, 2008, p. 40-57.

por eles inferiores ao branco), eram contra a “mistura ou miscigenação das “raças” ” (DAMATTA, 1986, p. 38). Como as plantas e os animais, as “raças” humanas, diziam essas teorias, também poderiam ser ordenadas e hierarquizadas, cabendo ao branco, sobretudo o da Europa Ocidental, a liderança natural. Sendo assim, o que era defendido com todo o vigor por esses racistas, era que “amarelos e negros tinham qualidades que a mistura denegria e levava ao extermínio” (DAMATTA, 1986, p. 38), isto é, se houvesse a miscigenação entre brancos, negros, asiáticos e índios, conseqüentemente haveria a extinção da raça humana. Tendo essas premissas em mente, podemos destacar como era tratada a questão da miscigenação no Brasil.

Quando entravam em contato com a realidade brasileira, as previsões dos teóricos racistas eram apocalípticas. Para o Conde Arthur de Gobineau, destacado teórico racista,

(...) o Brasil levaria menos de 200 anos para se acabar como povo! (...) simplesmente porque ele via com seus próprios olhos, e escrevia revoltado a seus amigos franceses, o quanto a nossa sociedade permitia a mistura insana de raças. Essa miscigenação e esse acasalamento é que o certificavam do nosso fim como povo e como processo biológico (DAMATTA, 1986, p. 39).

Para os teóricos racistas que estudaram nossa sociedade, o Brasil era formado por “um todo potencialmente degenerado de híbridos incapazes de criarem alguma coisa forte ou positiva” (DAMATTA, 1986, p. 40). Nesse contexto, o mulato era tratado como a síntese do nosso triste destino. Como explica Roberto DaMatta (1986, p. 39), o mulato, “palavra que vem de mulo, o animal ambíguo e híbrido por excelência; aquele que é incapaz de reproduzir-se enquanto tal, pois é o resultado de um cruzamento entre tipos genéticos altamente diferenciados”, era apontado como a prova de que nosso país estava com os dias contados, sendo a única solução a imigração de “raças” superiores, europeias, para reverter o processo.

Por considerarem que a raça humana era composta por diferentes “raças”, e o contato entre essas diferentes espécies era apontado como o maior problema que uma sociedade poderia ter, no Brasil, onde há uma alta hierarquia social, DaMatta (1986) destaca que isso criou um dos valores mais caros do preconceito racial na nossa sociedade: a inferioridade que o brasileiro se coloca frente ao outro (europeu e norte-americano) por conta de sua composição racial.

Como pôde se perceber, a sociedade brasileira encontrava-se em pleno dilema quanto ao seu futuro. Neste cenário, a tese da democracia racial de Freyre e o futebol surgiram como um caminho alternativo para se pensar o Brasil, uma forma de acalmar e mistificar os nossos antagonismos sociais. Como diz Antonio Jorge Soares (2003, p. 152), Gilberto Freyre

(...) desejava tornar o Brasil um país que se orgulhasse de suas diferenças como marca de superioridade. A miscigenação em larga escala no Brasil, que no passado fora vista como um empecilho ao progresso e motivo de vergonha, torna-se um desafio para o pensamento de Freyre. Seu projeto foi buscar, no mar de contradições, violências e

antagonismos próprios do desenvolvimento do “novo mundo”, o que era *ser brasileiro*, isto é, tornar aquilo que era visto como vergonha em motivo de orgulho e identidade.

Em 1933, ao lançar seu *Magnum opus*, *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre ousou ao apresentar uma conclusão original, contaria a dos teóricos racistas, defendendo que “o Brasil era o exemplo ideal em se tratando de raça, porque no país houve uma completa (e relativamente pacífica) integração racial, iniciada com o sistema patriarcal típico do espaço rural brasileiro do século XVIII” (CAPRARO, 2007, p. 210).

Dando destaque especial aos três tipos “raciais” que teriam composto a sociedade brasileira, a saber o português, o índio e o negro, e em especial as suas características, a “benevolência e organização dos lusos”, a “forte sexualidade e submissão do negro” e a “amistosidade e ingenuidade do índio” (CAPRARO, 2007, p. 211), mostra que da miscigenação desses teria nascido o indivíduo brasileiro, o mestiço, sendo o *mulatismo* a sua principal característica, isto é, a malandragem, o improvisado, a impulsividade, o jogo de cintura.

Casa Grande e Senzala foi, e continua sendo, um dos livros mais importantes sobre a formação do Brasil. Gilberto Freyre passou a ser um dos mais eminentes intelectuais brasileiros, influenciando fortemente as gerações seguintes de letrados e não letrados brasileiros. “A sua mensagem, de um Brasil antirracista e democrático, representou um divisor de águas no processo cultural brasileiro, influenciando a ideologia oficial do Estado Novo ao compor a figura da democracia racial” (SOUZA, 2008, p. 187). Contudo, como lembra Antonio J. Soares (2003, p. 147-8), muitas das interpretações que utilizam Freyre, na verdade fazem uso de um “freyrismo popular”, que, segundo ele, seria

(...) a ideia de que no Brasil não existe racismo; ideia ingênua e simplista que não podemos atribuir a obra de Gilberto Freyre. Seu engajamento como intelectual e cidadão na luta contra o racismo e na militância para aprovação da Lei Afonso Arinos²³ (1951) indica que Freyre tinha convicção da existência do racismo no Brasil, embora pudesse pensar na singularidade do racismo brasileiro e nas formas pacíficas de gradual superação. Freyre também pensava que a democratização era gradual e que a ideologia da modernidade auxiliava esse processo (SOARES, 2003, p. 147-8).

Para nossa pesquisa o importante é salientar que, apesar do futebol representar uma parcela ínfima diante da totalidade do trabalho de Gilberto Freyre, esse o utilizou como uma forma de propaganda de sua teoria, como uma fonte legitimadora de suas conclusões:

Pode-se identificar que Freyre, além dos vínculos emocionais com o futebol, o vê como mais um elemento de agregação à sua perspectiva teórica e ideológica. Quando

²³ A Lei Afonso Arinos (Lei 1390/51 de 3 de julho de 1951) é uma lei proposta por Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990) e promulgada por Getúlio Vargas em 3 de julho de 1951 que proíbe a discriminação racial no Brasil. É o primeiro código brasileiro a incluir entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça e cor da pele.

escreve suas grandes obras o futebol já é um elemento inteiramente disseminado em todas as camadas sociais e a ascensão social, via esse esporte, já estaria ocorrendo na sociedade brasileira na década de 30. Assim, o futebol ou qualquer elemento cultural importado na perspectiva de Freyre acaba recebendo os contornos ou é amolecido por nossa híbrida cultura (SOARES, 2003, p. 151).

A forma que Gilberto Freyre encontrou para unir o futebol a sua teoria foi “inventar” um estilo singular de jogar futebol do brasileiro. Um estilo que combinasse elementos presentes na nossa sociedade miscigenada, que transformasse o jeito duro, pesado e mecânico do futebol europeu em algo solto, leve e malemolente. Um estilo à brasileira, um estilo arte, o futebol-arte brasileiro.

Antes de contribuir substancialmente para a “invenção” do estilo brasileiro de jogar futebol, Freyre teve duas incursões por este assunto, uma em 1929 e outra em 1936²⁴. Contudo, foi em 1938 que ele deu sua primeira contribuição significativa. Nesse processo de invenção do futebol-arte, a Copa do Mundo de 1938 e os jogadores Leônidas da Silva e Domingos da Guia tiveram papel de destaque.

Na Copa do Mundo de 1938, disputada na França, o Brasil, apesar de não ter sido o campeão e nem ter chegado à final, encantou os europeus pelo futebol apresentado. Mesmo sabendo da força do futebol sul-americano²⁵, o espetáculo proporcionado pelos nossos jogadores, em especial por Leônidas da Silva, impressionou os *gringos*, deixando uma certeza: “era algo novo, peculiar, tinha uma maneira de jogar que se destacava de todos os demais; um estilo próprio, brasileiro” (DAMO, 1998, p. 186). Ainda, segundo Arlei Damo (2006), nesse estilo próprio, o que mais chamava a atenção dos jornalistas estrangeiros era a capacidade e a destreza que os jogadores brasileiros tinham de arranjar soluções individuais num jogo coletivo, isto é, ao invés de passarem a bola a um companheiro desmarcado, os brasileiros preferiam driblar o adversário.

Compartilhando dessa euforia, Gilberto Freyre tentou destacar os motivos que levaram a seleção brasileira, ou melhor, o Brasil, ao terceiro lugar no mundial. Em *Foot-ball mulato*, crônica publicado no jornal *Diário de Pernambuco*, escreve:

(...) uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas um grande número de pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros (...) O nosso estilo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos

²⁴ Em 1929, sob o pseudônimo de Jorge Rialto, publica, no jornal *A Província*, um artigo intitulado “Fair Play”, no qual critica a falta de esportividade da mocidade brasileira, comentando as agressões ocorridas num jogo realizado no Rio de Janeiro. Em 1936, na primeira edição de *Sobrados e Mucambos*, escreve um significativo parágrafo sobre a ascensão do mulato nos esportes, no Exército, na Marinha e nas Forças Públicas. Cf. SOARES, 2003, p. 150.

²⁵ O Uruguai já tinha conquistado duas medalhas olímpicas de ouro (1924 e 1928) e um mundial (1930).

européus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual (...) Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses (...) Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto (...) nosso foot-ball mulato, com seus floreios artísticos (...) é uma expressão de nossa formação social democrática como nenhuma (FREYRE, 1938, p. 4).

Ao caracterizar o que diferenciava o estilo brasileiro do europeu, Freyre definiu as bases do que seria conhecido, inclusive mundialmente, como futebol-arte²⁶. Além disso, percebe-se que esse estilo, para ele, somente teria sido possível por influência do negro, especialmente pelo acréscimo do nosso “mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas técnicas europeias”. Para finalizar, Freyre relaciona o sucesso da seleção com a “coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro”, isto equivale a dizer que, pela primeira vez, nossa seleção representava verdadeiramente a composição étnica do nosso povo, e isto, ao contrário de ser uma inferioridade nossa como apontavam os teóricos do racismo, a miscigenação é a nossa maior força, nossa maior virtude como povo. A campanha da seleção brasileira, mesmo que não tenha levado a conquistado do título, validava a teoria de Gilberto Freyre. Nos anos seguintes, ele refinaria sua análise sobre o estilo brasileiro de jogar bola, concretizando-a no prefácio do livro *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho.

No caso do Brasil, não foi difícil relacionar a seleção nacional de futebol como sendo uma fonte identitária. Além de sua composição mais ou menos semelhante da população (miscigenada), na década de 1930 o mundo vivia o ápice do nacionalismo, fenômeno que também ocorria no país, intensificado durante o Estado Novo. Com o sucesso da seleção, “não faltaram ideólogos para ver no esporte e na educação física dispositivos estratégicos para inculcar nos cidadãos a ideia de pertencimento coletivo” (DAMO, 2006, p. 83-4), sendo Gilberto Freyre o mais destacado deles.

Para compreendermos melhor como se deu o processo de representação²⁷ do estilo de jogar futebol do brasileiro, achamos relevante uma consideração sobre a relação de Gilberto

²⁶ O termo futebol-arte aparece pela primeira vez em notas de rodapé do livro *Sociologia* de Gilberto Freyre em 1940.

²⁷ Representação ou representar, é entendido aqui como construir algo a partir do real, algo que é portador de uma ideia, de um sentido. Em suma, representação é um discurso legitimador de práticas geradas e construídas socialmente e historicamente dentro de uma dada sociedade, que, carregadas de simbolismos e sentidos ocultos, incorporadas inconscientemente no coletivo, não necessitam de reflexão, se apresentando como manifestações naturais. Cf. CHARTIER, 1990, p. 16-23.

Freyre e Mário Filho. Além de pernambucanos, os dois recifenses tinham outras coisas em comum, sendo a questão do negro na sociedade brasileira a mais evidente.

Mário e Freyre tinham muitos amigos em comum, a destacar José Lins do Rego. Como já foi dito, Freyre era um dos intelectuais mais destacados de sua geração, e isso fazia com que muitos dos seus amigos compartilhassem de suas teses. Mário Filho não fugiu à regra. Para os dois, o futebol tinha o potencial de canalizar, civilizar e racionalizar a cultura popular brasileira, visto que já era a manifestação cultural de maior abrangência no país. Mas, além desta tese, também defendiam que isto somente se concretizaria se houvesse a inclusão do negro e de todas as suas características destacáveis:

O desenvolvimento do foot-ball, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura (...) Sublimando tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o foot-ball, no Brasil, ao engrandecer-se em instituições nacionais, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço. Entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte e trinta anos - de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede, em importância, ao foot-ball (“Prefácio”, In: FILHO, 1947, p. v-vi).

Seguindo essa linha, Freyre solicitou a Mário Filho que escrevesse um livro sobre a história do futebol brasileiro, o qual ele próprio iria prefaciá-lo²⁸. Anos depois, em 1947, Mário publicou *O negro no futebol brasileiro*, prefaciado por Freyre como prometera. O livro de Mário Filho foi considerado, por muito tempo, a mais importante obra sobre a história do futebol brasileiro (SOUZA, 2008), porém, esforçando-se para legitimar a tese da democracia

Além do conceito de representação, também usaremos o de prática ou práticas culturais, noção que não se limita a apenas as práticas culturais das instâncias oficiais de produção de cultura, ou as técnicas empregadas por elas e seus colaboradores, mas a tudo que culturalmente caracteriza uma sociedade, seus modos, tradições e costumes. Cf. CHARTIER, 1990, p. 23-9.

As práticas são motivadas por representações do mundo social, e acabam por produzir costumes e modos de convivência, de vida e de atitude em uma dada sociedade em um dado período temporal, em outras palavras, geram padrões de vida cotidiana. Ao mesmo tempo, as práticas também são produtoras de representações. As práticas relativas a, por exemplo, o futebol, gerariam representações sobre esse esporte, que, por sua vez, gerariam novas práticas que substituiriam as antigas, dando início a um ciclo, em que não se saberia mais onde teria se iniciado, se com a prática do esporte, ou com a representação que gerou uma nova prática esportiva.

²⁸ Numa entrevista concedida a Lenivaldo Aragão no ano de 1983, mas que só foi publicada em 10 de abril de 2000, no Jornal do *Commercio de Pernambuco*, Gilberto Freyre diz o seguinte: “É, eu quis muito que ele escrevesse essa história. Eu lhe disse, eu escrevo o prefácio – como realmente escrevi –, vai ser um livro, eu estou certo disso, um livro-bomba mesmo. Mas precisava ser bem escrito, literariamente bem escrito, com fatos que não fossem contestados, porque na história de qualquer esporte há sempre dúvida sobre quem foi o maior nesse ou naquele jogo. Tem que ser apurada e não movida pelo entusiasmo de qualquer um por um herói. É um livro que deve fazer parte de uma grande história do futebol brasileiro. Porque a presença do negro do futebol brasileiro é qualquer coisa de notável”. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/JC/2000/1004/es1004x.htm>>. Acesso em: 04 abr. 2015.

racial no futebol, o autor esconde que os negros foram integrados de forma parcial na sociedade, inclusive no futebol²⁹.

No prefácio, contrapondo o futebol praticado por Domingos da Guia, *Apolíneo* (europeu), com o praticado por Leônidas da Silva, *Dionisíaco* (brasileiro), Freyre estabelece as bases do nosso estilo de jogar futebol. Sua representação do estilo de jogo brasileiro servirá de inspiração para todos aqueles que procuram estabelecer alguma analogia entre o futebol brasileiro e o futebol jogado pelos europeus.

A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar foot-ball que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios - os floreios barrocos tão ao gosto brasileiro - (...) Mário Filho pôde dizer que ele está para o nosso foot-ball como Machado de Assis para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais. Em moderna linguagem sociológica, na situação de um *apolíneo* entre *dionisíacos*. O que não quer dizer que deixe de haver alguma coisa concentradamente brasileiro no jogo de Domingos como existe alguma coisa de concentradamente brasileiro na literatura de Machado de Assis (...) Mas vá alguém estudar o fundo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará, decerto, nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o foot-ball brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tomar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas; e por um Domingos, com uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas, de qualquer modo, dança ("Prefácio", In: FILHO, 1947, p. v-vi).

Por ter contribuído diretamente na forma de pensar as singularidades da identidade e da cultura brasileira, Gilberto Freyre não deixou o futebol de lado, e acabou influenciando o modo de pensar as especificidades do futebol brasileiro: "A necessidade de resgatar Gilberto Freyre dá-se em função do fato de que as leituras, descrições e interpretações sobre o futebol brasileiro reproduzem, conscientes ou inconscientemente, os argumentos e imagens freyreanos sobre o tema" (SOARES, 2003, p. 145). Todavia, quem difundiu a ideia de que o brasileiro tinha um estilo próprio de jogar futebol, estilo esse que se deu a partir da miscigenação do *foot-ball* inglês com elementos da cultura negra e indígena (samba, capoeira, malandragem), foi, sem dúvida, Mário Filho nas páginas de suas obras, principalmente em *O negro no futebol brasileiro*³⁰:

²⁹ A própria seleção brasileira que disputou a Copa de 1938 só tinha, no seu time titular, dois negros: Leônidas da Silva e Domingos da Guia. Esse era um dos fatos, ao lado do estilo diferenciado, que mais chamava a atenção dos jornalistas estrangeiros. Cf. DAMO, 2006, p. 82-4.

³⁰ Uma observação: uma coisa que sempre chamava a atenção nos trabalhos que defendem a tese de que o livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, publicado originalmente em 1947, foi o principal veículo de divulgação do futebol-arte brasileiro, entre eles Arlei Damo (1998), Antonio J. G. Soares (1999, 2003) e Denaldo A. de Souza (2008), era que a primeira edição teve apenas 120 exemplares publicados. Isso levava-nos a seguinte pergunta: como podemos atribuir a um livro, que teve tiragem de apenas 120 unidades, tanta importância? A resposta nós é dada pelo próprio autor da referida obra: "Antes de sair em livro "O NEGRO NO FOOT-BALL BRASILEIRO" teve a mais ampla divulgação jornalística que se poderia desejar, pois foi publicado diariamente, durante cinco

“Quando alguém procura mostrar as características “naturais” do futebol brasileiro e, conseqüentemente, do povo brasileiro, busca na obra de Mário Filho esse referencial” (SOUZA, 2008, p. 174). Nesse sentido, podemos dizer que Mário Filho foi um dos mais célebres jornalistas esportivos de sua e das gerações seguintes, tendo suas suposições dominado diretamente as representações dos momentos mais emblemáticos do futebol brasileiro, desde sua introdução pela elite até a vitória na Copa de 1962.

2.3 Contratempos e consolidação de um estilo próprio

Estamos dizendo que Gilberto Freyre e Mário Filho inventaram a representação do estilo brasileiro de jogar futebol, que transformou-se em uma tradição, isto é, uma tradição de jogar futebol à moda brasileira, por concordarmos com Eric Hobsbawm (2008, p. 9). Se ele entende que “tradições inventadas” são “um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou absolutamente aceitas, que tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento em relação ao passado”, podemos concluir que o futebol-arte é uma invenção, pois é fruto de uma construção ideológica que buscou na miscigenação da sociedade brasileira seus elementos simbólicos, isto é, a miscigenação do europeu (*foot-ball* inglês), com o indígena e o negro (os elementos dessas culturas, como o samba, a capoeira, o improviso, a malandragem), criaram um jeito, um estilo próprio, uma tradição singular brasileira de jogar futebol. Além disso, seguindo o princípio de que tais processo de invenção das tradições “participaram massivamente intelectuais, artistas e escritores” (THIESSE, 2001, p. 7), podemos dizer que o futebol-arte só se transformou em uma tradição porque foi amplamente difundido na sociedade, não só por e entre jornalistas e cronistas renomados, mas também por e entre acadêmicos, pesquisadores do futebol, jogadores, técnicos e torcedores.

Desse processo de construção, difusão, consolidação e, posteriormente, ressignificação do futebol como símbolo correspondente da identidade nacional, participarão, além de Mário Filho e Gilberto Freyre, outros *especialistas*, como Nelson Rodrigues (ANTUNES, 2004), José do Lins Rego (HOLLANDA, 2003), Armando Nogueira (BORGES, 2006), e também os meios de comunicação, como o rádio, a partir da década de 1930 (SOUZA, 2008), e revistas especializadas, destacando a revista *Placar* que reinterpretou o futebol-arte nos anos 1980

meses, no “O GLOBO”, o jornal de maior circulação na imprensa brasileira” (Cf. FILHO, 1947, p. 10; 2010, p. 23).

(ROCHA, 2013). Desse processo, também participação Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha, como será mostrado no quarto tópico deste capítulo.

Anteriormente, escrevemos que, afora a Copa de 1938, Leônidas da Silva e Domingos da Guia tiveram papel de destaque na composição do estilo brasileiro de jogar. Isto não é de se espantar, visto que eram os jogadores negros mais populares do futebol brasileiro nas décadas de 1930 e 40. O próprio prefácio de Freyre já evidencia essa popularidade, ao mesmo tempo que mostra que o estilo de jogo de Leônidas da Silva fora eleito a síntese da *brasilidade*, isto é, a idealização do nosso estilo.

Porém, devemos ratificar que Freyre tinha um projeto para o Brasil, o qual era compartilhado por Mário Filho, e, dentro desse projeto, a função do futebol era evidente: servir de propaganda e legitimadora da tese da democracia racial, mostrando que o negro estava integrado a sociedade, contribuindo significativamente para seu progresso. Contudo, alguns fatos mostraram que essa legitimidade não seria conquistada com facilidade.

O primeiro desses fatos, ou melhor, o teste de fogo da democracia racial no futebol brasileiro, foi a Copa do Mundo de 1950. Depois de 12 anos, o torneio voltava a ser disputado, e para o Brasil havia uma importância particular: a Copa do Mundo seria disputada na sua casa, “diante de um público imenso, exigente e cheio de expectativas” (VOGEL, 1982, p. 81).

Quando se fala em Copa do Mundo, para o brasileiro não está em jogo somente a disputa de mais um torneio, mas a afirmação de sua nação frente ao mundo (VOGEL, 1982). Em uma sociedade estigmatizada por questões raciais, a conquista de um torneio mundial, reconhecido por instituições internacionais (FIFA), representa a inversão de uma lógica, representa deixarmos de ter o “complexo de vira-latas” para nos impor frente ao outro e mostrar nosso valor enquanto sociedade miscigenada. A Copa do Mundo de 1950 representava tudo isso para o povo brasileiro, ou melhor, a vitória representava tudo isto.

Durante a disputa do torneio, a equipe brasileira não decepcionou e, mostrando um bonito futebol, tinha anotado 21 gols e sofrido apenas 4 gols antes do último jogo contra os uruguaios. O futebol apresentado pela seleção era tão convincente que, utilizando das representações inventadas por Gilberto Freyre e Mário Filho, Ary Barroso fez o seguinte comentário:

Ouçã, então. Vou descrever um ataque brasileiro: a música é lenta e suave. Danilo está com a pelota. Ligeira variação. Passa a Bigode e a melodia vai num crescendo violento. A técnica de Danilo lembra Chopin, manso, doce, inspirado. Bigode é a selvagem poesia nacional de Villa-Lobos. Jair é Wagner, poderoso e dramático. Quando a bola está com Zizinho, é Mozart tecendo filigranas, mas se entrega a Ademir... - Beethoven? - Não. Nem Liszt, Strauss, Tchaikovsky ou Verdi. O futebol de Ademir é a música da terra, de ritmo marcante e beleza inconfundível. Que faz Ademir a caminho do arco, senão passes do mais puro samba, da mais brasileira das

capoeiras, e, se dribla, é maxixe autêntico, é jongo, é o frevo de sua terra pernambucana (VOGEL, 1982, p. 87).

Mas então venho o 16 de julho, e a euforia transformou-se em tragédia. Naquela manhã, o país acordou para assistir sua consagração. Uma hora antes do jogo começar, o estádio do Maracanã, o maior do mundo na época, já estava lotado por 200 mil pessoas, prontas para assistirem os uruguaiois serem “imolados aos deuses do futebol pelos nossos magos da pelota” (VOGEL, 1982, p. 88). Contudo, aos 38 minutos do segundo tempo, as esperanças e expectativas dos brasileiros ruíram diante do gol de Ghiggia. O silêncio tomou conta do estádio, “sua força fora tão grande, seu impacto de tal forma violento, que o gol, um simples gol, parecia dividir a vida dos brasileiros em duas fazes distintas: antes e depois dele” (VOGEL, 1982, p. 88). O sonho brasileiro de superar seus estigmas fora por água abaixo. E, no meio de todo aquele silêncio, uma pergunta ecoava: de quem era a culpa?

Após a derrota, segundo DaMatta (1982), falou-se em destino e má sorte. Havia uma nítida desilusão quanto aos projetos e motivações sobre o futuro do Brasil. Nesse cenário, segundo alguns autores³¹, a culpa pela derrota recaiu sobre a composição racial “inferior” brasileira:

A derrota, portanto, foi explicitamente alocada a nossa infeliz constituição racial e ao peso enorme que carregamos como uma sociedade formada por vários grupos inferiores como índios e negros. Dois jogadores do selecionado brasileiro, ambos negros e membros da defensiva do time nacional, foram situados como exemplos deste triste destino de país doente, triste e inferior (...) fez-se uma junção entre o “jogo de futebol” e o “jogo da vida”. De modo que a derrota para o Uruguai foi tomada com uma metáfora para as “derrotas” da própria sociedade brasileira, sempre submetida às forças impessoais do destino (...) A derrota no futebol, assim, acabou reativando um velho modelo cultural pessimista, expresso no drama de uma sociedade que se acredita “racialmente impura”. Eis aqui, numa fórmula grosseira, o drama que o futebol permitiu veicular, ressuscitando as velhas teorias racistas que são parte dominante da ideologia brasileira (DAMATTA, 1982, p. 32).

Neste teste, infelizmente, a seleção não passou. Para piorar, nossa constituição racial, símbolo da integração nacional, foi responsabilizada pela derrota. Foi preciso esperar mais oito anos para, finalmente, festejar um título mundial e passar a acreditar mais em nossa formação étnica.

³¹ Entre esses autores, podemos destacar Arno Vogel (1982), Denaldo Souza (2008), Ronaldo Helal (1997) e Mário Filho (1947, 2010). No entanto, devemos também dizer que, num artigo publicado na revista *Movimento* (v. 16, n. 4, p. 191-208, 2010), Natasha Santos e André Mendes Capraro, pesquisando nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo* e na revista *O Cruzeiro* publicados na época, contestam a afirmação de que houve racismo e de que apenas jogadores negros foram responsabilizados pela derrota da seleção em 1950. Segundo eles concluem (p. 204, 2010): “não foi encontrado, nas notícias da época, nenhum indício que reiterasse o argumento racista (...) não se estabelece, qualquer tipo de preconceito racial, mesmo porque, os demais negros da equipe atuaram de maneira satisfatória, segundo os periódicos”.

O outro fato, ou incompatibilidade, era o temperamento de Leônidas da Silva. Mesmo sendo o grande herói da primeira edição do *O negro no futebol brasileiro*, publicada em 1947, Leônidas não era o tipo de jogador que Mário e Freyre idealizavam como o exemplo do jogador brasileiro. Ele era indisciplinado demais, rebelde demais e impaciente demais para o gosto de Mário e Freyre.

Além da técnica, habilidade, ginga e o drible, elementos que compõem o estilo brasileiro, Mário Filho e Gilberto Freyre entendiam que o nosso futebol necessitava, para se tornar campeão, de disciplina e organização. Não tínhamos perdido em 1938 para os italianos porque éramos menos habilidosos ou porque eles eram melhores, não perdemos para o Uruguai em 1950 porque éramos inferiores racialmente. Para eles, tínhamos perdido por falta de organização, comprometimento e disciplina. E isto começava pelos jogadores.

Domingos da Guia era o jogador mais adequado a seus ideais, disciplinado, trabalhador, “civilizado”, mas este, mesmo tendo futebol nas pernas, não tinha a mesma popularidade de Leônidas. Foi preciso surgir outro jogador, outro craque, mais ao gosto dos dois e da torcida, para que fosse definido com perfeição o que era o verdadeiro arquétipo do jogador brasileiro. E esse jogador foi Pelé, O Rei Negro.

Pelé era o jogador que Mário Filho e Gilberto Freyre sempre sonharam: era racional, disciplinado, vitorioso, tinha habilidade com a bola nos pés e, acima de tudo, era negro. Tinha todas as características do jogador ideal, brasileiro: “foi para Pelé – o Domingos da Guia vitorioso – que Mário Filho fez a segunda edição do livro” (SOUZA, 2008, p. 193). Mas Pelé foi além da representação do jogador brasileiro por excelência. Pelé foi, para Mário Filho, Gilberto Freyre e todos aqueles que defendiam a tese da democracia racial, a prova cabal de que a miscigenação era o fator determinante do sucesso brasileiro.

De 1958 a 70, o futebol brasileiro viveu seu apogeu. Além de ganharmos três mundiais em quatro possíveis, apresentamos ao mundo uma constelação de verdadeiros craques da bola: Garrincha, Didi, Nilton Santos, Vavá, Djalma Santos, Rivelino, Gerson, Tostão, Carlos Alberto Torres, Jairzinho e sua “majestade” o Rei Pelé.

Na Copa do Mundo da Suécia, em 1958, a preparação meticulosamente planejada da comissão técnica, “que incluía novos métodos seletivos, normas rígidas nas concentrações, assistência médica total, alimentação” (CABRAL; OSTERMANN, 1970, p. 68), deu resultado, e a seleção brasileira sagrou-se campeã mundial pela primeira vez. A euforia tomou conta do torcedor. Com a vitória, o dilema da raça e o complexo de vira-latas, que eram apontados antes do mundial como os responsáveis pelo triste destino brasileiro, agora eram desmentidos:

“diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada” (RODRIGUES, 1993, p. 74). Apesar do excelente planejamento, o talento “natural” do brasileiro para jogar futebol era apontado como o responsável pela vitória.

Os louros da conquista não recaíram somente sobre os ombros de Pelé e Garrincha, que começaram o mundial na reserva, mas sobre todo o time. Se antes do torneio diziam que o jogador brasileiro não sabia suportar a pressão, agora “graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da Terra em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo” (RODRIGUES, 1993, p. 73). A seleção brasileira, composta por brancos, negros e mestiços, inverteu a lógica racista e solidificou a representação de Gilberto Freyre e Mário Filho.

Em 1962, no Chile, com o bicampeonato mundial, os estigmas da seleção pareciam coisa do passado. Nosso futebol confirma sua superioridade frente ao mundo, e, com o também bicampeonato mundial de clubes do Santos, time de Pelé, nos anos de 1962 e 63, o futebol-arte se sobrepõe ao futebol-força, praticado pelos europeus. Mas a derrota no mundial da Inglaterra em 1966, fruto de uma péssima campanha³², revivem as teorias do século XIX. Falou-se que o futebol-arte era coisa do passado, que o futebol brasileiro tinha que evoluir, aprender com os europeus, adotar um futebol mais racional, menos passional.

Apesar disso, na Copa do Mundo de 1970, o futebol-arte brasileiro atingiu seu auge. Comandados por Pelé, o selecionado nacional, depois de uma campanha perfeita (seis vitórias em seis jogos), trouxe definitivamente a taça *Jules Rimet*³³ para casa. Definitivamente, as representações inventadas por Gilberto Freyre e difundidas por Mário Filho consolidavam-se no imaginário de todo brasileiro fã de futebol (CAPRARO, 2007)³⁴, e também na dos nossos cronistas, Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha. Os dois cronistas compartilham dessas representações, talvez não totalmente, mas faziam uso, ora como contraponto, ora como uma singularidade que caracterizava o futebol brasileiro frente ao praticado pelos europeus.

³² O Brasil foi eliminado na primeira fase, após duas derrotas, para Hungria e Portugal, e uma vitória sobre a Bulgária.

³³ Taça Jules Rimet foi o nome que recebeu o troféu da Copa do Mundo da FIFA até 1970. Sua posse definitiva ficaria com o país que conseguisse vencer um total de três edições da Copa, o que foi conseguido pelo Brasil na Copa do Mundo de 1970.

³⁴ André Mendes Capraro, na sua tese de doutorado, afirma que as teorias de Gilberto Freyre serviram de referências para muitos cronistas, entre eles Nelson Rodrigues, José Lins do Rego e Armando Nogueira, três cronistas de reconhecida repercussão e reconhecimento individual na sociedade de sua época (Cf, CAPRARO, (2007, p. 209-28).

2.4 Ostermann, Saldanha e o futebol brasileiro

Vimos até aqui falando que o futebol-arte, isto é, o estilo singular de jogar futebol praticado pelos jogadores brasileiros, foi uma invenção de intelectuais e jornalistas, notadamente Gilberto Freyre e Mário Filho, mas que encontro nas vitórias da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1958, 62 e 70 e na qualidade de jogadores como Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Pelé, Garrincha, Didi, Rivelino e Jairzinho, sua legitimidade. Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha, como será mostrado, compartilhavam dessa representação, contudo, discordavam na forma de como deveria ser utilizada essa qualidade.

João Alves Jobim Saldanha, natural do Rio Grande do Sul, rodou muito com sua família antes de enraizar-se na cidade do Rio de Janeiro em 1931³⁵. Quatro anos depois, então com 18 anos, filiou-se ao PCB, tornando-se, nas décadas seguintes, figura de destaque dentro do “Partidão”. A relação entre Saldanha e o PCB perdurou por toda a sua vida, nos momentos bons e, principalmente, nos momentos ruins.

Uma coisa que me chamava atenção nele, era o espírito de solidariedade que ele tinha às coisas que acreditava, ao Partido Comunista, por exemplo, era de uma solidariedade, de uma firmeza. Não havia uma reunião, uma assembleia, mesmo aquelas mais chatas, marcadas para sábado de manhã, onde só a garotada mesmo ia, lá estava o João (Sergio Cabral sobre João Saldanha, In: MURAD, 1994, p. 11).

Saldanha conta (1988, p. 5) que depois da disputa da Copa do Mundo de 1938, decidiu permanecer na França. Em sua estada na cidade luz, alguns anos depois³⁶, conheceu o italiano Sandrino Severio, que o convidou para trabalhar em uma agência independente de notícias, viajando pela Europa e pela Ásia, visitando as ruínas da II Guerra Mundial (BORGES, 2006). Assim, ele teve sua primeira incursão pelo jornalismo.

Na década de 1950 foi a vez do futebol. Desde pequeno, como todo brasileiro, já gostava de futebol, torcendo para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. No Rio de Janeiro, adotou como time do coração o Botafogo de Futebol e Regatas. Aliás, foi nesse clube que Saldanha teve o primeiro contato direto com o futebol: em 1956 tornou-se, convidado por Renato Estellita, Diretor de Futebol do Botafogo na época, assistente deste (BORGES, 2006). No ano seguinte,

³⁵ Por conta de desavenças políticas entre maragatos e chimangos, grupos políticos contrários da Revolução de 1923, movimento armado ocorrido no Rio Grande do Sul, Gaspar Saldanha, pai de João Saldanha, teve que se exilar no Uruguai. Tempos depois, a família foi morar em Curitiba, onde permaneceram até o início de 1931. Neste ano, por conta de seu apoio à Getúlio Vargas na Revolução de 1930, Gaspar ganhou um cartório na zona sul do Rio de Janeiro, radicando-se na capital federal com a família. Cf. BORGES, 2006, p. 104-5.

³⁶ João Saldanha, por conta da emergência da 2ª Guerra Mundial, retornou ao Brasil, mas, findada a guerra, voltou para Paris. Cf. BORGES, 2006, p. 107.

tornar-se-ia técnico do Botafogo. No livro *Subterrâneos do Futebol*, publicado originalmente em 1963, ele narra diversas histórias do período que esteve à frente do time da estrela solitária. Porém, o que nos interessa é a experiência que ele adquiriu nessa época, que acabou por definir o modo como pensava, via e entendia o futebol:

Quando se diz treinamento de futebol, e afirmamos que isso não existe no Brasil, não queremos nos referir evidentemente às práticas de antes do jogo. Isso no máximo poderia ser chamado de *apronto* para a competição. É só isto, exclusivamente isso, que é feito em nosso País (...) Os clubes, em sua rotina, só fazem *aprontos*. (...) Possuímos o melhor material humano do mundo. Em futebol, ou melhor, no futebol brasileiro, pode ser feito o que os Globe-Trotters fazem no basquete. A falta do treinamento adequado impede isso. Impede que o fabuloso talento do jogador brasileiro seja aproveitado em sua plenitude (SALDANHA, 1980, p. 119).

Como se pode perceber, Saldanha era um crítico ferrenho dos dirigentes e da forma como estes conduziam o futebol brasileiro, além de salientar que o único fator do sucesso brasileiro no futebol era o “talento do jogador brasileiro”. A crítica aos dirigentes, a forma como o futebol e o calendário das competições, regionais e nacionais, era administrado e o talento singular do jogador brasileiro eram os assuntos preferenciais de Saldanha, seja nos momentos de vitória³⁷, seja nos momentos de derrota do futebol nacional³⁸.

Ainda na década de 1950, Saldanha, depois de ver o time húngaro do Honvéd F.C., base da seleção da Copa de 1954 daquele país, jogar, desenvolveu a tese de que o time perfeito necessitaria ter um sistema tático bem organizado, equilibrado, mas que deveria dar preferência aos craques, para que esses tivessem liberdade para pôr em prática suas qualidades individuais. Opinião parecida a de Saldanha tinha Ruy Carlos Ostermann, porém, para este último o individualismo deveria estar a serviço do coletivo:

A mecânica geral do time é mais importante. Cada um na sua e todos na do time, articulados, monitorados, abrangentes, sem estrelismo, só trabalho, o duro e infatigável trabalho de recuperar a bola e imediatamente coloca-la a serviço da coletividade. É verdade, é isso mesmo. E mais o jogador talentoso, reflexivo e calmo, capaz de botar a pé em cima da bola, olhar o longe e também o perto, assumir a intransferível cara de quem comanda e sabe dar ordens (...) e exigir que todos se comportem como jogadores e não como colegiais excitados com uma bola rota de pátio (OSTERMANN, 1998, p.45).

Ruy Carlos Ostermann, também gaúcho, é considerado um dos mais importantes cronistas esportivos do Rio Grande do Sul. Iniciou no jornalismo no ano de 1962 na extinta Companhia Jornalística Caldas Júnior, trabalhando, até o ano de 1978, nos diversos veículos dessa corporação, entre eles a Rádio Guaíba, Folha da Tarde, Folha da Manhã e no Correio do

³⁷ João Saldanha afirmou, depois da vitória da seleção brasileira na Copa de 1970, que “os jogadores brasileiros eram tão habilidosos que dispensavam a presença de um comandante”. Cf. DAMO, 1998, p. 191.

³⁸ Quando analisarmos a derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982, isto ficará evidente.

Povo. Após se transferir para o *Grupo RBS*, passou a trabalhar na *Rádio Gaúcha*, comandando o programa *Sala de Redação*, cobrindo jogos dos times gaúchos, principalmente Grêmio e Internacional, e da seleção brasileira, além de escrever crônicas esportivas diárias para o jornal *Zero Hora*.

Ostermann acreditava que a organização de um time dentro de campo era o principal fator que levava a vitória em um campeonato. Não é por coincidência que elege o sistema inventado por Herbert Chapman, técnico inglês que comandou o Arsenal da Inglaterra de 1925 até sua morte em 1934, uma das principais revoluções do futebol mundial³⁹:

Em 1925, Herbert Chapman (...) transformou o terceiro homem central do meio-campo num terceiro zagueiro e com isso modificou inteiramente o futebol inglês, abrindo novos e intermináveis caminhos para os sistemas e as táticas que, a partir daquele ano, haveriam de ir ampliando o pensamento sobre o futebol até leva-lo as formas refinadas dos dias atuais (CABRAL; OSTERMANN, 1970, p. 14).

Nesse caminho, Ostermann acreditava sim que o brasileiro tinha uma qualidade com a bola no pé que era inigualável, algo quase natural, contudo, se não houvesse sido implantado um esquema tático organizado, o conhecido “WM”⁴⁰, nosso futebol não teria evoluído e não teria tido as vitórias que teve. Como ficará evidente, para ele o individualismo de um ou outro jogador não bastava para levar um time a conquista de um campeonato. Já o individualismo a serviço de um esquema tático bem organizado, que não deixe espaços na defesa e que ataque com qualidade, seria o ideal.

Saldanha e Ostermann concordam que dentro de uma equipe deve prevalecer o equilíbrio, entre o ataque e a defesa, a força e o talento, a malandragem e a disciplina. No entanto, Saldanha, contrário a Ostermann, acredita que o individualismo do jogador brasileiro deve ter maior proeminência sobre o coletivo. Para defender sua tese, destaca quatro condições naturais dos nossos jogadores que proporcionaram ao futebol brasileiro se transformar no melhor do mundo⁴¹.

³⁹ A outra grande revolução, para ele, seria “o surgimento da lei do impedimento e suas gradativas modificações” (CABRAL; OSTERMANN, 1970, p. 12).

⁴⁰ O esquema tático WM foi o inventado por Chapman na década de 1920. Consistia de um esquema com três atacantes, quatro meio-campistas, formando um quadrado, e três zagueiros. Esse esquema teria sido introduzido no Brasil pelo técnico de futebol Gentil Cardoso, na década de 1930, após este retornar de uma viagem a Londres, onde teria visto o time do Arsenal jogar, e o adotado aqui no time carioca do Bonsucesso. Segundo Cabral e Ostermann (1970, p. 22), o esquema WM mostrou “pela primeira vez no Brasil, um futebol orientado, planejado, muito superior à pura improvisação de jogador que era característica dominante”.

⁴¹ Devemos fazer a ressalva de que essas condições, que estão no livro *Subterrâneos do Futebol*, foram publicadas em 1963, portanto, momento em que a seleção brasileira de futebol era apontada como a melhor do mundo por conta da conquista do Bicampeonato mundial no Chile em 1962. Todavia, como João Saldanha teve a oportunidade de revisar o livro para a posterior publicação da 2ª edição, no ano de 1980, edição que estamos utilizando, e essas condições permaneceram, podemos concluir que ele acreditava que elas ainda resumiam o porquê do Brasil possuir

A primeira dessas condições seria que, no Brasil, o futebol é a paixão nacional: nenhum esporte teria a mesma importância e a popularidade do futebol. Segunda, devido as condições geográficas do Brasil, o futebol pode ser praticado o ano todo: “o clima nos favorece e o atleta tem permanentemente um aquecimento que o torna um homem de músculos flexíveis e soltos, capazes, portanto, de atenderem aos reflexos indispensáveis ao bom jogador” (SALDANHA, 1980, p. 120). Claro que ao admitir isso, Saldanha toma uma atitude arbitrária, ignorando o clima das diferentes regiões do Brasil. O motivo disso deve ser porque, talvez, ele esteja centrando sua análise no Sudeste, mais especificamente no Rio de Janeiro, e a temperatura lá ajude no aquecimento.

A terceira condição é bem curiosa e contraditória: Saldanha afirma (1980, p. 120-1) que, pela condição social precária do Brasil, o jogador de futebol, o pobre e o negro acima de tudo, amadureceriam precocemente, realçando suas qualidades futebolísticas:

(...) sendo o futebol uma atividade eminentemente de jovens, o jogador brasileiro leva grande vantagem (...) O nível de vida de nosso povo faz com que nossa garotada, com sua infância difícil, amadureça e pense como adulto (...) A vida que leva obriga a que enfrente os problemas como tal (...) Na cidade também, desde cedo, o garoto entra na vida. Excluindo os que estudam na escola secundária e que são pouco, os demais não completam a escola primária e ou vão trabalhar numa fábrica e no comércio para ajudar em casa, ou, em menor quantidade, mas que é apreciável, perambulam pelas feiras biscateando, brincando e correndo da polícia.

Essa condição, apesar de ser, como já dissemos, contraditória e curiosa, vai ao encontro com um dos pontos já apontados por Mário e Freyre no livro *O negro no Futebol Brasileiro* (1947, 2010): o futebol representaria, para a população pobre e negra da sociedade brasileira, um caminho de aceitação e ascensão social⁴². Mas esse não era o único ponto com o qual Saldanha concordava com Freyre e Mário. Para ele (1980, p. 121), a miscigenação era a quarta condição que possibilitava a reunião das condições essenciais para que o futebol brasileiro tivesse sucesso:

A etnologia e a etnografia nos ensinam que a formação do brasileiro, principalmente daquele de origem africana, reúne a condição exigente para o jogador de futebol (...) no chão, ninguém consegue vantagem com os atletas negros, que, apesar de suas condições de vida inferiores e de serem uma minoria na população mundial, levam a melhor em todos os esportes que praticam. Sua origem de luta contra um meio difícil exercitou, através dos séculos, músculos e reflexos como única arma para se defender das agressões. Não é por acaso que na gíria do futebol se diz comumente quando Pelé

o melhor futebol do mundo. Para ratificar nossa tese, o próprio Saldanha (1981b, p. 24) diz: “Confesso que eu mesmo, **que mudo muito pouco de opinião não somente na minha vida como em futebol**” (grifos nossos).

⁴² Como Gilberto Freyre mesmo escreve no prefácio do livro de Mário Filho (1947, p. vi): “Entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte e trinta anos - de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede, em importância, ao foot-ball”.

e Garrincha fazem uma jogada daquelas: - Pudera, não é vantagem: a avô deste crioulo, para sair de casa e ir buscar água, tinha que dar drible em leão.

Fica claro nessa citação que a miscigenação da sociedade e as significativas contribuições da cultura negra, fatores que influenciaram a invenção do futebol-arte nas décadas de 1930 e 40, são compartilhadas por João Saldanha.

Completando seus apontamentos sobre o porquê do Brasil ser o país do futebol, ele alega (1980, p. 122) que todas essas condições são naturais e nos dariam vantagem sobre os times e seleções europeias: “futebol é arte e em arte o que prevalece é o talento”. E, em questão de talento, ninguém supera o do futebol brasileiro. Não obstante, Saldanha (1980, p. 123) tem que reconhecer que a falta de organização no futebol brasileiro, em todos os níveis, prejudica esse talento: “Uma organização velha, arcaica, impede que o futebol avance”. Nesse ponto, como já colocamos anteriormente, há entre Ostermann e Saldanha uma concordância discordante. Explicamos: Saldanha (1980, 1988) argumenta que o futebol brasileiro somente chegou a condição de País do Futebol, por conta, única e exclusivamente, da qualidade técnica do jogador brasileiro, ressaltando os de origem negra. Ostermann também crê e elogia o talento singular do brasileiro, mas aponta que, além desse fator, mais determinante para as vitórias da seleção foi o planejamento adotado, fora de campo, pelas comissões técnicas do Brasil nas Copas de 1958, 62 e 70 e a evolução dos sistemas táticos usados nessas conquistas, que permitiram ao jogador brasileiro, dentro de um jogo coletivo, utilizar todo o seu potencial técnico dentro de campo.

Morrera o futebol individualista como sistema de jogo e ganhava vulto um novo conceito: não há jogador, por mais perfeito, que não seja, acima de tudo, peça de um conjunto. A velocidade superara o jogo tramado e lento. O Brasil fora um exemplo notável do triunfo de um estilo, de um conjunto, e não apenas de homens – fora, enfim, a apoteose do futebol coletivo. Os críticos veteranos apregoavam aos quatro ventos: O Brasil não era mais nada daquelas equipes de 1950 e 1954, esplendidas no individualismo, mas lamentáveis no sentido coletivo (CABRAL; OSTERMANN, 1970, p. 74).

O planejamento adotado pela comissão técnica da CBD antes e durante a Copa do Mundo de 1958, o qual Ostermann diz que houve uma contribuição gaúcha⁴³, teria sido a causa de nosso sucesso. Diferente do que ocorreu anteriormente nas outras Copas (de 1930 até a de

⁴³ Falando sobre a seleção brasileira de futebol que disputou e ganhou o pan-americano de 1956, no México, formada só por jogadores gaúchos e comandada pelo técnico José Francisco Duarte Júnior, mais conhecido como Teté, argumenta que sua organização, antes e durante o torneio, foi adotada pela CBD dois anos depois, na preparação para a Copa da Suécia. Com isto, Ostermann quer reforçar a tese de que a organização, o planejamento e a disciplina, dentro e fora de campo, são fatores igualmente responsáveis pela vitória em um campeonato, não dependendo exclusivamente da qualidade individual dos jogadores, que é importante, mas não basta. Cf. CABRAL; OSTERMANN, 1970, p. 63-6.

1954), a seleção se preparou meticulosamente para a disputa do torneio, “e para lá se viajava com uma convicção diferente das anteriores, que repousavam, acima de tudo, na habilidade do jogador. Agora, o jogador era peça a serviço de uma ideia geral” (CABRAL; OSTERMANN, 1970, p. 68). Esse planejamento também foi adotado na Copa de 1962, disputada no Chile, obtendo o mesmo resultado, o título.

Apesar disso, a Copa de 1966, para ele, foi perdida antes mesmo da disputa do torneio começar. A falta de preparação foi a responsável pela péssima campanha, “sem perna e sem esquema ninguém pode jogar uma Copa do Mundo” (CABRAL; OSTERMANN, 1970, p. 86). Ostermann diz que não se fez nada mais do que imitar e repetir 58 e 62, isto é, utilizou-se o mesmo esquema tático, o 4-2-4, convocou-se os jogadores que tinham participado dos outros mundiais anteriores⁴⁴, chamou-se alguns jovens e procurou-se repetir as coincidências: Amarildo foi chamado, mesmo lesionado, para o caso de Pelé se machucar⁴⁵ e convocou-se Edu, de 17 anos, para reproduzir o feito de Pelé em 58. Dessa forma, Ostermann (1970) argumenta que a derrota vexaminosa na Copa da Inglaterra serviu de exemplo e obrigou o futebol brasileiro a evoluir, tanto no sistema tática, quanto na preparação física dos atletas.

Nesse cenário, de aprendizado e evolução, a seleção brasileira campeã mundial em 1970, teria alcançado o equilíbrio ideal em termos de composição tática, pois conseguiu unir os dois elementos essenciais do futebol, “de um lado, a força, a resistência e a velocidade (que pareciam ser prerrogativas europeias em 1966), e, de outro, o talento de uma arte refinadíssima do futebol” (CABRAL; OSTERMANN, 1970, p. 16). Ou seja, a seleção de 1970 conseguiu unir o futebol-arte, sua principal característica, com o futebol-força europeu, alcançando um equilíbrio nunca visto antes.

Como ficou claro, Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha tinham pontos convergentes, que são optar por um time equilibrado, bem planejado, que tenha um esquema tático de jogo que permita um ataque com qualidade e que não se exponha demais na defesa. Mas, também tinham pontos discordantes, principalmente quanto ao individualismo do jogador brasileiro. Os dois concordam que o brasileiro tem uma habilidade, um estilo de jogo inigualável, o futebol-arte, talvez o melhor do mundo, porém, discordam na maneira como isso deveria ser utilizado dentro das quatro linhas.

⁴⁴ Pelo menos aqueles que ainda jogavam: Gilmar (gol.), Bellini (zag.), Orlando (zag.), Djalma Santos (lat.), Altair (lat.), Zito (vol.), Garrincha (ata.) e Pelé (ata.).

⁴⁵ No Chile, em 1962, Amarildo substituiu Pelé depois que ele se lesionou no segundo jogo do Brasil na Copa, frente as Tchechos. Não decepcionou, fez três gols no torneio e o Brasil tornou-se Bicampeão mundial.

Saldanha defende a liberdade para que esse jogador diferencial possa decidir uma partida, tanto que adotou essa filosofia no time do Botafogo, de 1957 a 60, e na seleção brasileira nas eliminatórias para a Copa do Mundo em 1969⁴⁶. Já Ostermann, preferia que esse estilo, o futebol-arte, estivesse a serviço do coletivo, como tinha ocorrido nas seleções que venceram em 1958 e 70.

Sendo assim, é nessas divergências e convergências de pensamento que reside uma das riquezas de nossa pesquisa. Partindo dessa visão que os dois cronistas tinham sobre como deveria jogar uma equipe de futebol, principalmente a seleção brasileira, encontramos a mitológica seleção brasileira de 1982, a seleção de Telê Santana, que, mesmo que não tenha levando o título para casa, conquistou o mundo com seu futebol vistoso, elegante e criativo.

A seleção brasileira, montada pelo técnico Telê Santana, tinha todos os predicados eleitos pelos nossos interlocutores para que um time fosse considerado candidato ao título: tinha ótimos jogadores, craques na verdade, “nunca mais tivemos dois laterais de tamanha técnica como Leandro e Júnior ou um central dominador como Oscar secundado por uma estrela da grande área como Luizinho. Nunca mais um meio-campo como Falcão, Cerezo, Zico e Sócrates e um desferidor de jogadas como Éder” (OSTERMANN, 1988, p. 44), um sistema tático equilibrado, que permitia que o Brasil atacasse com muitos jogadores e se defendesse com certa qualidade.

Provavelmente concentra-se aí o segredo quase óbvio de uma seleção que, pela segunda vez na história de suas doze participações em Mundiais – a outra foi no México – venceu todos os três jogos da primeira fase. Ela simplesmente uniu o talento de craques escolhidos através de pacientes observações do treinador Telê Santana a um esquema tático criativo, um trabalho competente de preparação física e uma organização interna que funcionava. O resultado é uma equipe solidária (PALCAR, nº 632, 02/julho/1982, p. 24).

Ao contrário das duas Copas do Mundo anteriores, 1974 e 78, onde a seleção foi duramente criticada por utilizar esquemas táticos que fugiam de sua característica, a equipe de Telê era elogiada por adotar nosso tradicional futebol-arte junto com uma visão que privilegiava o condicionamento físico dos atletas: “A fé no sucesso se devia ao fato da comissão técnica ter encontrado um meio termo no qual fosse possível manter a técnica e aliá-la ao preparo físico” (ROCHA, 2013, p. 98), tal qual as seleções de 58 e 70 fizeram em seus respectivos tempos.

Para a alegria de João Saldanha, o futebol-arte voltava a ter papel de destaque na Copa da Espanha. Outras seleções, como a da União Soviética, da Hungria e da França, comandada

⁴⁶ Como já foi dito, Saldanha treinou o Botafogo no final da década de 1950, e lá dava liberdade total a Garrincha, para que esse, um verdadeiro representante do futebol-arte (talvez o maior representante de todos), fizesse uso de toda sua habilidade. Já nas eliminatórias para a Copa de 1970, utilizando o 4-3-3, dava liberdade de criação para Pelé e companhia. Cf. BORGES, 2006, p. 126-7, CABRAL, OSTERMANN, 1970, p. 105-7.

pelo craque Michel Platini, também, dentro de suas limitações, adotavam o futebol-arte (ROCHA, 2013). Porém, a seleção brasileira, como definiu Sócrates (PLACAR, nº 632, 02/julho/1982, p. 17), na sua “bagunça organizada”, era a verdadeira guardiã desse estilo, e, utilizando o quadrado magico⁴⁷, dava liberdade para que os talentos individuais expressassem toda habilidade brasileira (ROCHA, 2013).

Ruy Carlos Ostermann, que ficava encantado com a forma de jogo da seleção, tinha muitos outros motivos para festejar. A seleção, “além de invejável talento individual”, possuía “um plano de jogo arejado, moderno, ofensivo, irresistível até” (PLACAR, nº 632, 02/julho/1982, p. 30), ou seja, o equilíbrio que ele pedia que a seleção tivesse.

Aliar o futebol-arte com o preparo físico e um sistema tático bem organizado, mas que dava liberdade para que jogadores de alto nível técnico, como Júnior, Leandro, Zico, Sócrates, Falcão, Toninho Cerezo e Éder pudessem jogar e criar a vontade, foi o resultado que Telê Santana alcançou na seleção brasileira de 1982, e isso era aprovado tanto por Ostermann quanto por Saldanha.

⁴⁷ O quadrado magico foi o nome dado pela imprensa para o meio de campo da seleção de 1982, composto por Zico, Sócrates, Falcão e Toninho Cerezo (ROCHA, 2013). Curiosamente, na Copa do Mundo de 2006, o ataque da seleção brasileira, formado por Ronaldinho Gaúcho, Kaká, os dois atuando no meio de campo, Adriano e Ronaldo, recebeu o mesmo apelido.

3 Uma Copa, muitas expectativas

Em 1982, o país encontrava-se em pleno processo de abertura política, aguardando ansiosamente as eleições, as primeiras desde 1965. Por outro lado, os brasileiros, ou melhor, os torcedores brasileiros também estavam ansiosos, aguardando a Copa do Mundo que realizaria-se na Espanha. Para lá, rumou uma das seleções mais icônicas de toda a história do futebol mundial: a seleção brasileira de Telê Santana de 1982.

Comandados por Zico, Sócrates e Falcão, esse time procurava levar o Brasil de volta ao seu posto de direito, o de País do Futebol. Com esse propósito, Telê adotou uma filosofia que privilegiava o jogo bonito, de toque, espontaneidade e alegria, o futebol-arte, tão sumido nas seleções de 1974 e 78.

Tendo a seleção brasileira de 1982 como objeto, e utilizando as crônicas que João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann escreveram sobre a participação dela na Copa do Mundo como fonte, procuraremos realizar algumas analogias entre o momento pelo qual o país passava, de transição da ditadura para o Estado de direito, e o futebol brasileiro, que será feito preferencialmente, mas não unicamente, no primeiro tópico. No segundo tópico, partindo das teses de Roberto DaMatta (1982, 1986, 1994), discutiremos alguns pontos que aparecem nas crônicas de Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha em relação a seleção brasileira de 1982, principalmente como eles percebiam essa seleção em termos de identidade nacional e quais os pontos mais destacados em suas crônicas.

3.1 Mudanças, no futebol e na política

No início da década de 1980, a seleção brasileira, encantava o mundo com um futebol bonito, elegante e de alto nível técnico. A copa do mundo de 1982 era aguardada com grande expectativa pelos torcedores, ávidos em comemorar um título mundial após 12 anos de seca (GUTERMAN, 2009). Um ano antes, em 1981, numa excursão pela Europa para enfrentar três seleções tradicionais (Inglaterra, França e Alemanha), essas expectativas foram confirmadas com três vitórias maiúsculas, onde a seleção apresentou um excelente futebol, digno de campeão (MAGALHÃES, 2010). Sobre essa excursão, João Saldanha não escondia seu entusiasmo, confiando que nossa seleção tinha voltado a ser respeitada no mundo do futebol.

Creio que é a primeira vez que uma Seleção Brasileira faz tanto bonito na Europa, principalmente jogando na casa de adversários tão ferres como estes três. Não é fácil ganhar da Inglaterra em Wembley (...) Tampouco bater os alemães na Alemanha. Logo esses que são considerados os melhores da Europa nesse momento e que estavam com todo o seu time (...) A atuação de nossos jogadores teve muito a ver com isso. Alcançamos o nível de um grande time (...) alcançamos um grande conjunto e isto é o principal. Creio que ficou mais do que evidente que este meio-campo, formado por jogadores voluntariosos e que não ficam como bagres na tal cabeça de área, é fundamental para fazer andar um time. Temos, e não canso de repetir, o melhor meio-campo do mundo (...) É quase impossível marca-los ao mesmo tempo. Sempre em deles, com seu talento, está fazendo uma coisa difícil para o adversário (...) Penso que a Europa voltou a respeitar o Brasil (SALDANHA, 1981b, p. 40).

Ao declarar que a “Europa voltou a respeitar o Brasil”, João Saldanha compreendia que, ao voltarmos as nossas características habituais, a jogar o futebol de toque, drible, velocidade que o torcedor gosta (GUTERMANN, 2009), retornamos ao padrão que nos colocou como o “País do futebol”. Isso é muito relevante para nossa pesquisa, pois, ao retornarmos ao futebol que nos deu *status* de País do futebol, retornamos as representações em torno do futebol-arte. Por consequência, a seleção de 1982, ao retorno a esse estágio, adquiri *status* de representante da identidade nacional.

Num momento em que a sociedade encontrava-se em transição, como era o caso (SKIDMORE, 1988), a seleção brasileira retornando a seu *status* de representante da identidade nacional com o futebol-arte, colaborava para identificá-la com a sociedade brasileira, seus anseios e expectativas. Se havia esperanças num futuro sem os militares, a seleção brasileira de 1982 corroborava essas esperanças negando a militarização da década anterior (MAGALHÃES, 2010).

Mas, ao mesmo tempo que a “seleção era a esperança de que o futebol-arte, nossa principal marca, ainda existia” (MAGALHÃES, 2010, p. 108), o país passava por mudanças institucionais, configuradas na transição da ditadura para o Estado de direito ocorrido no mandado de João Figueiredo.

A ditadura militar, imposta pelo golpe de 1964, abalado pelo início da crise econômica que se intensificaria na década de 1980 (SKIDMORE, 1988), não tinha a mesma força e nem o mesmo apoio de antes. Nem mesmo o futebol, amplamente utilizado na década de 1970 (MAGALHÃES, 2013), dava mais os resultados desejados.

Após a conquista do tricampeonato no México em 1970, a CBD foi dominada pela ditadura militar, avida em tirar proveito dos futuros possíveis sucessos da seleção. Porém, o que se viu foi um declínio técnico do selecionado nacional, derrota pelo carrossel holandês em 1974, tendo que contentar-se com o 4º lugar. Nesse episódio específico, Ruy Carlos Ostermann (1992) confere à vitória holandesa não só ao bom futebol apresentado, mas igualmente atribuindo ao

condicionamento físico dos atletas um dos fatores decisivos do sucesso do time, indagando-se se o Brasil, com a mesma preparação física combinado com sua aptidão natural para a prática do futebol, não poderia repetir o sucesso holandês.

Carlesso⁴⁸ acha que a Holanda joga como no basquete: jogadores sem posição fixa, jogadas pré-elaboradas, rotação contínua dentro de campo, ação defensiva e ação ofensiva perfeitamente integradas num mesmo processo de jogo. Acha o preparador físico que esta é a contribuição mais séria desta Copa do Mundo. Fico pensando nos jogadores brasileiros e pergunto se um trabalho de sistematização poderia ser feito para conduzir o jogador brasileiro, por automatismo de treinamento e por raciocínio interessado, a um tipo de jogo tão rico em variações e que ao mesmo tempo soubesse preservar as qualidades típicas do jogador brasileiro: a capacidade de improvisação, a habilidade técnica (OSTERMANN, 1992, p. 44-5).

Nessa passagem, já é possível notar um ponto que será muito realçado por Ostermann na seleção brasileira de 1982: a preocupação em unir pressupostos europeus, a preparação física, com a capacidade técnica excepcional do jogador brasileiro. Esse ponto é interessante, pois Ostermann defenderá que, no futebol moderno, se deve ter uma mescla entre elementos consagrados, como a capacidade inata que o brasileiro tem para a praticada do futebol (CABRAL; OSTERMANN, 1970), com outros elementos, como a preocupação com o condicionamento físico dos atletas, já muito presente no futebol europeu (DAMO, 1998).

Em 1978 mais uma decepção. Com uma presença mais intensa na comissão técnica da seleção⁴⁹, a ditadura militar tinha ainda a esperança de, numa possível vitória, conquistar o apoio popular, cada vez mais escasso (MAGALHÃES, 2013). Mas, do outro lado também havia uma ditadura militar havida em utilizar os louros da vitória no futebol em proveito próprio, capaz de não poupar esforços para isso⁵⁰. Nessa Copa, nossa seleção não era considerada favorita (SALDANHA, 1982p), e, depois do fim do mundial, voltando com o 3º lugar de baixo do braço, Ruy Carlos Ostermann disse:

Claudio Coutinho impôs um futebol ao grupo de jogadores que escolheu que não corresponde à expectativa do torcedor médio, muito menos à média de opinião dos comentaristas e analistas. Confunde-se está expectativa com a declarada pobreza do atual estágio do futebol brasileiro (...) pode se estar confundindo o futuro incerto com este presente irremediavelmente prejudicado. O que falta, na minha opinião, não são super-homens ou poetas, mas uma ideia clara e bem definida a respeito do que é o verdadeiro futebol brasileiro. Dizer-se que ele é simplesmente um futebol de ataque é pretender definir o futebol por uma de suas alternativas práticas. Mas qual é o jogador

⁴⁸ Raul Carlesso era o preparador físico da Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo de 1974.

⁴⁹ Não só na comissão técnica, como também na CBD, comandada pelo Almirante Heleno Nunes.

⁵⁰ É notória a história de que, antes de enfrentar a seleção peruana, precisando a seleção argentina vencer por uma diferença de 4 gols para se classificar para a final do mundial, o próprio presidente argentino, Jorge Rafael Videla, acompanhado por Henry Kissinger, ex-membro do governo dos Estados Unidos, foi ao vestiário peruano fazer uma visita, “o que para muitos foi uma forma de pressão para garantir o resultado. Os que defendem a teoria do suborno afirmam que o governo argentino mandou para o Peru duas toneladas de trigo, além de dinheiro para alguns jogadores que fizeram parte do acordo. Sem nada confirmado até hoje, o que sabemos é que a Argentina venceu por 6X0 e garantiu seu lugar na grande final contra a Holanda” (Cf. MAGALHÃES, 2010, p. 107).

brasileiro? Está me parece uma pergunta pertinente e urgente (Ostermann, 1992, p. 66).

Não corresponder às expectativas do torcedor era não adotar o futebol-arte como o estilo preferencial na seleção. Se o futebol é uma das principais fontes de identidade nacional (DAMO, 2006), o futebol-arte é sua principal representação (SOUZA, 2008). Não adota-lo é o mesmo que negar nossa brasilidade. Por isso, as seleções de 1974 e 78 tinham pouca identificação com a torcida.

Portanto, as seleções de 1974 e 78, por apresentarem um estilo de jogo que contrastava do futebol-arte, voltando-se mais para a marcação e para o jogo de contra-ataque (SADANHA, 1982b), não despertavam a mesma empolgação no torcedor como as seleções da década de 1950 e 60 (ROCHA, 2013). Logo, sua identificação com o torcedor, e com a própria identidade nacional, era fraca, pois, além de serem mais identificadas com a ditadura, que, ao final dos anos 1970, já enfrentava grande oposição dentro do congresso e da sociedade civil, eram identificadas mais com o futebol-força, estilo que serviu de contraponto para Gilberto Freyre quando inventou o futebol-arte (DAMO, 1998). Nessa conjuntura, o futebol brasileiro encontrava-se desacreditado, mas a ditadura também.

O início da década de 1970 foi marcada pelo milagre econômico, um excepcional desenvolvimento da economia brasileira que atingiu índices nunca vistos antes, algo em torno de 15% a 20% a.a. (SKIDMORE, 1988). Contudo, acompanhando esse formidável crescimento, a repressão política e policial se intensificou em todos os seus níveis, a ponto de os opositores do regime chamarem esse período, entre 1968 e 73, de anos de chumbo. Porém, no final da década de 1970, o país já mostrava-se desgastado pelo modelo econômico adotado pelos militares, baseado numa economia autossustentável financiada pelo capital estrangeiro.

Delfim Neto, João Figueiredo e o sexto governo revolucionário achavam-se agora no pior dos mundos possíveis. O crescimento econômico, meta consensual da elite, acabara. O Brasil era agora apenas mais um suplicante das boas graças do FMI. Uma das vantagens dos governos militares a partir de 1967 fora sua relativa autonomia em matéria de decisões econômicas. Durante 15 anos eles não tiveram necessidade do FMI. A crise da dívida acabou com isso (SKIDMORE, 1988, p. 452).

O ápice dessa crise, no Brasil, ocorreu em 1987, quando o governo decretou a moratória da dívida externa, dando um calote. A dívida externa brasileira, alimentada pela revolução no Irã (1979), serviu de fonte para as principais críticas que a oposição fazia ao regime (SKIDMORE, 1988), visto que o que mantinha a legitimidade dos militares era sua capacidade de manter a economia em ascensão.

Como mostra Thomas Skidmore (1988), ao assumir a presidência do Brasil em 1974, Ernesto Geisel passou a pensar a abertura política, tendo como objetivo, evidentemente, mantê-

la sob controle dos militares. Porém, “se por um lado, o projeto de abertura respondia em parte a conflitos internos ao governo, por outro, a dinâmica concreta da abertura política era profundamente influenciada pela atuação da sociedade e das forças políticas de oposição” (ARAUJO, 2004, p. 162). A partir também de 1974, a oposição ao regime ditatorial foi aumentando consideravelmente (AARÃO REIS FILHO, 2004), pois a ela juntaram-se, durante o processo de abertura política, outras forças além da esquerda, como o MDB, a sociedade civil, representados pela Igreja, OAB, ABI, empresários descontentes com a crise econômica que intensificava-se e as forças sindicais, o “novo sindicalismo”, que fez sucessivas greves entre 1978 e 80 (ARAUJO, 2004), pressionando ainda mais a governo. Portanto, a conjuntura política da década de 1970 apresentava

(...) um processo de luta política fortemente marcada por estes dois polos: de um lado, o projeto de abertura do governo; de outro, a atuação de um movimento político de oposição, reunindo amplos setores da sociedade e com forte presença dos partidos e organizações de esquerda, que procurava alargar e implodir os limites do projeto de “abertura” do governo (ARAUJO, 2004, p. 162).

Mesmo pressionado, Geisel conseguiu eleger seu candidato à presidência, João Figueiredo, que assumiu em 15 de março de 1979, em meio à crise econômica e pressionado pela oposição. Uma das primeiras medidas do novo presidente dizia respeito à anistia, “questão vital para que o Brasil abandonasse o regime autoritário e reintegrasse na sociedade e na política os milhares de exilados políticos que tinham fugido do país ou sido perseguidos no exterior desde 1964” (SKIDMORE, 1988, p. 423). Unindo forças, o MDB e representantes da sociedade civil, passaram a fazer companhia pela anistia⁵¹, pressionando o governo para sua aprovação. Contudo, negando-se a negociar com a oposição, João Figueiredo, em agosto de 1979, assinou a anistia, ampla, geral e irrestrita, assegurando que não haveria revanchismo, algo que era muito temido pela ala mais conservadora da ditadura (AARÃO REIS FILHO, 2004).

Desse modo, o governo esperava retomar o controle sobre a abertura política e enfraquecer a oposição. Mas, no mesmo ano, o governo de Figueiredo passou a ser atacado por seus próprios aliados, ou melhor, pela ala da linha dura, que se mostrava descontente com a perda dos privilégios que gozava antes da anistia (SKIDMORE, 1988). A partir desse momento,

⁵¹ Thomas Skidmore afirma que, para esta questão da anistia, a oposição conseguiu mobilizar consideravelmente a sociedade: “os entusiastas da anistia apareciam onde quer que houvesse uma multidão. Nos campos de futebol suas bandeiras com a inscrição Anistia ampla, geral e irrestrita eram desfraldadas onde as câmaras de TV pudessem focalizá-las. Esposas, mães, filhas e irmãs se destacavam de modo especial pelo seu ativismo, o que tornava mais difícil o descrédito do movimento por parte da linha dura militar. O Cardeal Arns chamou mais tarde a luta pela anistia “a nossa maior batalha” (Cf. SKIDMORE, 1988, p. 423).

diversos atentados terroristas passaram a ser cometidos contra a oposição, as sociedades civis e aos movimentos trabalhistas, assim como contra os anistiados⁵².

Alguns setores dentro do governo fizeram pressão para que os fatos em torno dos atentados fossem apurados, mas a ala da linha dura do exército, que conseguiu abafar os casos na época (TEIXEIRA DA SILVA, 2003), venceu. Contudo, a pressão exercida em cima do governo pela redemocratização do país só fez aumentar:

No processo, a nação foi se metamorfoseando. Ali já não havia mais partidários da ditadura, e todos eram convictos democratas (...) Chegou um momento em que não se sabia mais como pudera existir naquele país uma ditadura tão feroz. A força daquela maré democrática, tão disseminada, suscitava a questão de como fora possível aquela gente ter aturado tantos anos o arbítrio dos militares, e não logo escorraçado a ditadura tão repudiada? (AARÃO REIS FILHO, 2004, p. 45).

Se a sociedade brasileira buscava novos caminhos no início da década de 1980, Ostermann e Saldanha buscavam reencontrar, na seleção de 1982, o futebol-arte preterido nas Copas de 1974 e 78. Buscavam resenificar o estilo de jogo do Brasil, agregando novos elementos, ao mesmo tempo que aludiam as representações inventadas por Freyre e difundidas por Mário Filho (SOUZA, 2008), Nelson Rodrigues (ANTUNES, 2004), Armando Nogueira (BORGES, 2006), entre outros.

Gilberto Freyre e Mário Filho tinham algumas intenções quando inventaram e difundiram a tese do futebol-arte como representação da sociedade brasileira no futebol apresentado pelos nossos jogadores, que já foram mostrados no segundo capítulo. Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha também tinham propósitos aos escreverem sobre a seleção de 1982. O primeiro deles era mostrar que a seleção era uma representante do futebol-arte, buscando resgatar sua identificação com a nação nova e promissora que se desejava durante o processo de abertura política (GUTERMAN, 2009), pedindo que ela voltasse as suas características de jogo bonito.

Até agora foram jogadas onze Copas e todas ganhas pelos que adotaram esquemas para ganhar jogos e não para resultados horrorosos ou “campeões morais” e outras besteiras. Se já não bastassem os exemplos de 1974, quando optamos pelo jogo defensivo, e, o de 1978 quando nos contentamos com a vitória moral sobre tudo, será que agora ainda voltaremos ao “futebol-segurança”? A única condição para se ganhar

⁵² Entre esses atentados, o mais conhecido, sem dúvida, foi o ocorrido no Riocentro: Na noite de 30 de abril de 1981, no Riocentro, espaço de convenções na zona oeste do Rio de Janeiro, ocorria um show em comemoração ao dia do trabalho, onde diversos artistas e cantores se apresentavam. Nesse evento, os militares da linha dura, pretendiam fazer um grande ato terrorista para provocar o medo nos opositores do regime e na população, explodindo diversas bombas, espalhadas pelo local. Mas o plano saiu errado, e, antes do esperado, “uma das bombas explodiu no interior de um carro onde estavam o sargento Guilherme Pereira, que faleceu no local, e o capitão Wilson Machado, ambos do destacamento de Operações e Informações (DOI) do Rio de Janeiro” (TEIXEIRA DA SILVA, 2003, p. 271).

uma Copa do Mundo é ter os melhores jogadores e aproveitá-los. Não se ganha Copa com timidez (SALDANHA, 1982c, p. 10).

O segundo propósito, era negar as seleções de 1974 e 78, quando os militares estiveram à frente da seleção e da CBD⁵³, período que tentaram utilizar o futebol em proveito próprio (MAGALHÃES, 2010). Ao negar as seleções anteriores, ao mesmo tempo que realçavam a volta do futebol-arte, Saldanha e Ostermann, o primeiro mais do que o segundo, tentavam mostrar que essa era a verdadeira seleção que representava a sociedade brasileira, que tinha a cara e os elementos de nossa cultura.

Por que a seleção, há três meses e meio da Copa, ainda não está definida claramente? Simplesmente porque não há clareza de objetivos táticos. A seleção até agora formada ainda está em cima do muro. É aquela coisa que o caboclo resumia: Não quero que o veado morra nem que a onça passe fome”. Muito PDS (...) Na seleção a mesma política não está dando muito certo. Temos os grandes jogadores mas não temos o time formado. O treinador manifesta sua dúvida íntima quando quer ao mesmo tempo Roberto e Serginho e abre mão de Reinaldo (...) Roberto não tem culpa. Seu problema na seleção é que a bola vem redondinha com Zico, Sócrates, Cerezo, Mário Sérgio, Júnior e Leandro e bate nele como se fosse um paredão (...) é muito falsa a tese de que um “homem gol”, lá na frente, resolve. Isto já foi posto em prática por Zagalo em 74 e Coutinho em 78, quando optaram por contra-ataques com jogadores rompedores (...) Entramos pelo cano e não demos nunca a impressão de poder ganhar (...) O que tonteou nossos adversários foi que o negócio poderia vir por qualquer lado. E vinha. Por Garrincha, por Jair, por Rivelino, por Tostão, Pelé (...) não arriscar pode ser até válido. O veado não morre nem a onça passa fome. Entretanto estou convencido de que temos gente e time para arriscar. É a única maneira de se ganhar uma Copa: um time pra cabeça⁵⁴ (SALDANHA, 1982b, p. 42).

Se no cenário político, eram tempos de mudanças, no futebol o cenário também não era diferente. No começo da década, dois fatos realçavam o espírito de democracia que todos queriam e a expectativa pela vitória da seleção na Copa da Espanha.

Em São Paulo, a Democracia Corinthiana, comandada por Adilson Monteiro Alves, então diretor de futebol do Corinthians, Sócrates, Casagrande e Wladimir, inspirada pelo momento político do Brasil, instaurou um regime até então inovador: “Nela, todos teriam direito a voto – jogadores, comissão técnica e dirigentes – para tomar as decisões relativas ao time, inclusive contratações” (GUTERMAN, 2009, p. 206). Waldecir Caldas comemora esse episódio, falando que foi

(...) um movimento bem pensado por seus criadores, meticolosos em suas ações (...) Conscientes do que estavam fazendo e daquilo que queriam, eles levaram o Corinthians, em toda a sua história, a atingir o mais alto grau de liberdade e de autonomia dos jogadores como profissionais da bola. Com uma adesão quase maciça à sua causa e o apoio externo de colegas de outros clubes, a democracia corinthiana eliminou, pelo menos no departamento de futebol, uma estrutura montada em bases

⁵³ Em 1979 a CBD foi extinta e foi criada a CBF. Cf. HELAL, 1997, p. 51.

⁵⁴ Essa expressão, “um time pra cabeça”, significa ir para cima, atacar o adversário ao invés de se defender.

autoritárias, arcaicas e paternalistas, cujo resultado redundava sempre no desrespeito ao jogador profissional (CALDAS, 1994, p 46-7).

Sócrates, que era capitão do Corinthians e da seleção brasileira, mostrava aos brasileiros que era possível, e necessário, “negar a militarização da seleção e do futebol brasileiro, o que fora dominante em toda a década anterior” (MAGALHÃES, 2010, p. 108-9). Militando, tanto dentro como fora de campo, Sócrates era o símbolo máximo, do futebol, na luta pela democracia na sociedade brasileira. Nas palavras de Livia Magalhães (2010, p. 75), para Sócrates o objetivo da Democracia Corinthiana era

(...) questionar toda a relação trabalhista do mundo do futebol e da vida dos atletas. Mas a proposta ia além: era também preciso propor soluções e formas de mudar as relações dominantes. O jogador deveria ser mais do que simples mão de obra, ele deveria participar das decisões do clube e do time, de maneira democrática, com o mesmo poder que o técnico, o diretor etc. Assim funcionava a *Democracia Corinthiana*.

A proposta Corinthiana, contudo, enfrentava oposição da grande mídia e de setores mais conservadores do futebol, como a maioria dos dirigentes, que viam na iniciativa uma fonte de rebeldia e ameaça a seus privilégios. Essa ameaça aos privilégios, todavia, tinha bases muito concretas, pois, como o próprio Sócrates diz, “a gente também pode transformar a sociedade por meio do futebol. É o único meio, penso, que pode acelerar o processo de transformação da nossa sociedade porque é a nossa maior identidade cultural. Todos entendem de futebol. De política, nada” (*apud* MAGALHÃES, 2010, p. 75-6).

No Rio de Janeiro, por sua vez, o time do Flamengo de Zico, Junior e Leandro, convocados por Telê para a Copa de 1982, encantou o mundo com seu belo futebol. Em 1981, pela primeira vez desde o Santos de Pelé, outro time brasileiro conquistava o título mundial interclubes no Japão. Com uma vitória arrasadora de 3 a 0 sobre o Liverpool FC, campeão europeu, o Flamengo mostrou a força e a técnica do futebol nacional: “O Flamengo de Zico conquistava o Campeonato Mundial de Interclubes. O futebol brasileiro parecia reencontrar tanto a vitória como o jogo bonito que o fez mundialmente famoso” (MAGALHÃES, 2010, p. 73). Esses dois episódios representavam bem o momento pelo qual o Brasil passava no início da década de 1980.

Em meio a esse cenário, de crise econômica, atentados terroristas, pressão popular, democracia no futebol e reencontro com o futebol-arte, a seleção de futebol do Brasil se preparava para a disputa da XII edição da Copa do Mundo, que seria disputada na Espanha.

3.2 A seleção de 1982 para Ostermann e Saldanha

Segundo Roberto DaMatta (1982, 1986, 1994), para regular a dinâmica de sua vida social, a sociedade brasileira adotou padrões éticos duplos, o confronto entre a ética tradicional e a ética moderna. Para DaMatta (1986), sendo a sociedade brasileira fundada sobre a família patriarcal, as relações pessoais, os privilégios familiares e as conexões sociais são de extrema importância para a manutenção do *status quo* e a ascensão, tanto político e econômica quanto social. Esses são domínios pertencentes a ética tradicional. Nos domínios da ética moderna, encontraremos os ideais da sociedade burguesa, isto é, o estado de direito, o ideal de igualdade, o individualismo e as leis impessoais e universais. No Brasil esses domínios, que são aparentemente antagônicos entre si, mesclam-se, formando uma espécie de lógica à brasileira ou, como ele e outros mesmos colocam (HELAL, 1997; VOGEL, 1982), o dilema básico da sociedade brasileira.

Nessa lógica, as relações pessoais, da ética tradicional, com as leis impessoais, da ética moderna, geram um sistema dual que influencia diretamente as relações sociais da maioria dos brasileiros, entre elas, o futebol. Assim, a sociedade apresenta uma hierarquização, geralmente de cima para baixo, pois as regras que permeiam a ética tradicional ficam “acima e além das normas universais e regras institucionais” (HELAL, 1997, p. 29). Por isso, seguidamente o domínio da ética moderna é fraudado pelos brasileiros, o conhecido *jeitinho brasileiro*. Porém, o futebol, e o esporte em geral, se apresentam, nas suas regras e normas, permeados pela ética moderna. Sendo assim, o que atrai no futebol, principalmente em uma sociedade hierarquizada como a brasileira, seria sua mensagem democrática, de igualdade e justiça social (DAMATTA, 1994). Para Arlei Damo, o futebol

(...) promoveria a coesão nacional à medida que permitiria a expressão e o reconhecimento de quem somos e do que somos em detrimento dos outros, dos ingleses - e por extensão, dos europeus - dos quais apropriamos este esporte, e até mesmo dos nossos vizinhos sul-americanos, simultaneamente tão próximos e tão distantes (DAMO, 1998, p. 183).

Roberto DaMatta (1982, 1994) destaca muitas dramatizações⁵⁵ que o futebol permite fazer em analogia a sociedade brasileira, entre elas a de consentir que o brasileiro, sua Nação, seja representado por uma equipe de futebol:

⁵⁵ Drama ou rito seria “um determinado ângulo de onde uma dada população conta uma história de si mesma para si própria. O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (Cf. DAMATTA, 1982, p. 21).

Trata-se da reificação que o jogo permite, quando deixa que uma entidade abstrata como um “país” ou um povo seja experimentada como algo visível, concreto, determinado. Como uma equipe que sofre, vibra e vence adversários. Como um time que reage aos nossos incentivos positivos e negativos. Ora, num país onde a massa popular jamais tem voz e quando fala é através dos seus líderes, dentro das hierarquizações do poder, a experiência futebolística parece permitir uma real experiência de “horizontalizarão do poder”, por meio da reificação esportiva. Assim, o povo vê e fala diretamente com o Brasil, sem precisar dos seus clássicos elementos intermediários, que, sistematicamente, totalizam o mundo social brasileiro para ele, e em seu nome (DAMATTA, 1982, p. 34).

Na sociedade brasileira, onde há a verticalização do poder nas esferas políticas e econômicas (HELAL, 1997), o futebol permite uma experiência de união e de totalização em torno de algo concreto (DAMO, 2006). A seleção brasileira não é apenas mais um time de futebol, ela é o próprio Brasil representado por onze jogadores que, através de suas biografias, fazem os brasileiros se identificarem e verem-se neles, seus sonhos, desejos e realizações (HELAL, 2000). Suas histórias de perseverança, esforço e sucesso, entram para o imaginário popular, fazem com que sonhamos com isso, e percebemos neles a realização desse sonho que não foi possível realizarmos (GUEDES, 1982). Além disso, como diz DaMatta (1982, p. 35), “quero acentuar o lado positivo (ou liminar) da experiência com o futebol no seu sentido mais amplo e generoso, quando ela permite à massa destituída ter o sentimento de totalidade nacional, do valor do povo representado pelos seus ídolos e, mais importante que tudo isso, da vitória plena e merecida”.

Sendo contestada, a ditadura militar passava a ser negada (AARÃO REIS FILHO, 2004). Negando-se a ditadura, o período que ela esteve à frente da CBD (depois de 1979, CBF) devia ser negativado, o que era feito tanto por Saldanha (1982p) quanto por Ostermann (1992). Por outro lado, ao positivarem a seleção de 1982, elogiando a volta do jogo bonito, a habilidade dos jogadores brasileiros, o espetáculo a cada partida, nossos cronistas visavam relacioná-la a identidade nacional e ao momento pelo qual o país passava, visto que, se a seleção voltava ao futebol-arte, era por conta de não estar mais sob o controle militar (MAGALHÃES, 2010). Seguindo esse raciocínio, se estava dando certo com a seleção, daria certo também com a sociedade. A vitória no mundial da Espanha, significava a volta da brasilidade no futebol sem os militares. Sem os militares, a sociedade brasilidade reencontraria, do mesmo modo, sua brasilidade.

Mas, antes de estrear na Copa, a seleção decepcionou o torcedor, empatando em 1 a 1 com a seleção da Suíça, em Recife. João Saldanha, aproveitando-se de sua experiência no futebol (SALDANHA, 1980, 1988), mostrou preocupação com essa apresentação. Não era a

apresentação que todos esperavam, e isso significava não ter confirmado as expectativas ao não mostrar as qualidades que todos haviam lhe atribuído (ROCHA, 2013).

Eu chamaria este jogo de severíssima advertência. Advertência contra erros primários, contra coisas tão conhecidas e contra experiências tão amargas, enfim, tudo o que o futebol brasileiro já deveria ter abolido. Antes do jogo, a invasão do campo dava a impressão de que ia haver uma partida entre a seleção campeã do mundo contra o mais humilde dos adversários. No meio da multidão quase não se notava a cor da camisa da Seleção Brasileira, que se transformou num bolo em meio a música, gestos e abraços (...) A presepada brasileira, a palhaçada que vem sendo feita em torno da Seleção, tudo isso serviu para desarmar o espírito de competição da equipe, que principalmente no primeiro tempo, proporcionou um espetáculo deprimente de falta de técnica, falta de conjunto e falta de disposição para disputar uma partida (SALDANHA, 1982d, p. 19).

Ao utilizar o futebol-arte, o jogo bonito do drible, do toque, do floreio, os jogadores brasileiros realçariam as representações em torno desse estilo (SOUZA, 2008). Por outro lado, se não apresentam esse mesmo futebol bonito, enfraquecem essas mesmas representações, descaracterizando-a. Ostermann e Saldanha somente podem manter as representações do futebol-arte, e relacioná-la como fonte indenitária, se a seleção apresentar bom futebol. Do contrário, essas representações não se sustentam e tomam outras conotações, como aconteceu em 1950 (DAMATTA, 1982).

Como exemplo disso, ao comentar a vitória no último jogo antes da estreia da seleção na Copa, disputado contra a seleção da República da Irlanda, Ruy Carlos Ostermann (1992, p. 69) ao falar “se vale a despedida, o Brasil será campeão do mundo. Sete golos é mais do que se esperava do jogo de despedida em Uberlândia”, mostrando-se contente com o triunfo, pois confirmava nosso *status* de grandes praticantes do futebol, sempre favoritos por nossa tradição nesse esporte (GUTERMAN, 2009), corrobora para utilizá-la como fonte indenitária. Ainda nessa crônica, Ostermann aponta um outro aspecto relevante para nossa pesquisa ou melhor, um jogador.

Tentei me conter mas foi difícil: em campo estava o time que eu havia escalado no Sem Censura da Globo, instado pelo Armando Nogueira para que me atrevesse a escalar o time do Brasil, quando ele sabia que havia uma dificuldade quase intransponível – a chegada de Falcão, a ambição de Cerezo e a perpetuidade de Zico e Sócrates. Mas escalei (...) Estava em campo o time que eu havia escalado. Zico e Sócrates, às vezes até Falcão, se revezavam pela ponte direita (...) Serginho era o centroavante e Éder o ponta-esquerda. Estava os quatro sagrados no campo e a seleção tinha dois atacantes fortes, de esbarrão e chegada para compensar o equilíbrio geral do time (OSTERMANN, 1992, p. 69 - 70).

A partir da entrada de Falcão no time, “os quatro sagrados” passaram a formar o meio-campo titular do Brasil na Copa. Ostermann ficou agraciado com a desenvoltura que a seleção

brasileira adquiriu com a entrada dele no time, algo que ele mesmo já idealizava que poderia ocorrer, mas que somente se concretizou nesse último amistoso da seleção⁵⁶.

Se ao longo das décadas, desde sua invenção na década de 1930 até sua consolidação na Copa de 1970, o futebol-arte foi reorientando-se de acordo com as apresentações da seleção brasileira (DAMO, 1998), também é verdade que alguns jogadores participaram dessa reorientação, sendo as figuras de Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Garrincha e Pelé os mais notáveis (SOUZA, 2008). Na seleção de 1982 não poderia isso faltar, e aqui voltamos ao prefácio de Gilberto Freyre (1947).

Se lá, no prefácio, Freyre contrapôs o futebol de Leônidas, *Dionisíaco*, com o de Domingos da Guia, *Apolíneo*, argumentando que “no estilo do primeiro que reside as principais virtudes da brasilidade” (DAMO, 2006, p. 84), nossos cronistas também tem o embate entre um *Dionisíaco* e um *Apolíneo*. Estamos falando de Zico e Falcão, dois espetaculares jogadores sem dúvida, multicampeões pelos seus clubes, mas que apresentavam características apostas.

Falcão era para Ruy Carlos Ostermann o que Zico era para João Saldanha, isto é, a reprodução do futebol que elegeram como sendo o ideal. Falcão não era a representante do futebol-arte, mas, antes, uma mescla desse com o futebol-força⁵⁷, o que “não quer dizer que deixe de haver alguma coisa concentradamente brasileiro no jogo” (FREYRE, 1947, p. v) dele, assim como havia no de Domingos da Guia para Gilberto Freyre e Mário Filho. Durante a Copa de 1982, Ostermann percebe em Falcão um jogador diferenciado, e conforme os jogos da seleção sucedem-se, um dos melhores do torneio.

A ideia do time com os melhores passava necessariamente pela aprovação de Falcão. Foi uma imposição de Telê a princípio, depois uma afirmação do Falcão nos treinos até chegar à estreia contra a União Soviética, quando mesmo os fracassos pessoais de Zico e Sócrates não foram suficientes para sucumbir à hierarquia do seu futebol. Agora vive-se agradavelmente uma manifesta unanimidade. Ninguém ousa criticar a formação do time a partir dos quatro eleitos do meio de campo, entre eles Falcão (OSTERMANN, 1992, p. 73).

Paulo Roberto Falcão estava jogando, na época, no time italiano da Roma e não tinha participado da campanha brasileira nas eliminatórias. Porém, devido a situação de Toninho Cerezo⁵⁸, fora convocado para, momentaneamente, substituí-lo e, o que se pensava, dar mais

⁵⁶ Segundo Ostermann (1992, p. 70-1): “O ingresso vitorioso de Falcão nos planos de Telê Santana resolveu o problema do jogo de estreia contra a União Soviética”.

⁵⁷ Futebol-força pensado aqui como um contraponto ao futebol-arte, apresentado características como competitividade, eficiência, aprendizado, rigidez e, naturalmente, força, em contraposição as características do futebol-arte, artístico, espetáculo, intuitivo, ágil, habilidoso e malandro. Cf. DAMO, 1998, p. 188.

⁵⁸ Toninho Cerezo, no último jogo das eliminatórias para a Copa de 1982, contra a seleção da Bolívia, tinha sido expulso, e por isso deveria cumprir a suspensão no primeiro jogo da Copa. Cf. SALDANHA, 1982b, p. 6.

opções a Telê. Entretanto, nos treinos e amistosos, mostrando toda sua técnica e habilidade, ganhou a vaga de titular pouco antes do mundial.

Se Sócrates e Zico, apontados como representantes do futebol-arte e principais jogadores do time (ROCHA, 2013), evidenciam-se mais do que os outros jogadores, Falcão seria o *Apolíneo* que uniria o futebol-arte com o futebol-força, tese que Ostermann (1970) defendia ao elogiar a preparação física.

O melhor jogador da copa precisa ser, tenho certeza, superior às anotações que esqueço sempre na bolsa ou em cima da mesa. Ele deve passar por aquelas anotações até com exclamações elucidativas mas não deverá ficar como um dado. O homem da copa pertence à memória destes dias todos, invade o sonho reconciliado, brota em cima da mesa entre copos e garrafas, e sempre será lembrado entre nomes e alucinações que cada um carrega consigo como uma herança imaterial da Copa do Mundo. Eu não o via jogar há muito tempo. Ouvia falar só do seu futebol, da liderança que exercia no modesto mas empolgante time do Roma. Perdeu um pouco de cabelo, continua magro, a mesma pessoa. Mas o futebol amadureceu, completou-se no horizonte civilizado da Europa e nesta Copa do Mundo emoldurou a alegre Seleção Brasileira com um futebol certo, de grande elegância, autoritário, impondo-se nas planícies do meio-campo sem negligenciar uma enérgica postura nas escavações da grande área ou nos picos gelados da área adversária. É dele que vou me lembrar agora que bebo o último gole deste *Viña Sol* e deixo Madri e suas lembranças para trás (OSTERMANN, 1992, p. 86-7).

Dentro de um discurso de mescla desses dois estilos, que aparece em Ostermann (1992, p. 72) quando diz “talento e força. Estes foram os dois principais fatores determinantes da vitória e consequente classificação do Brasil ontem à noite”⁵⁹, Falcão seria o legitimador desse discurso, para Ostermann e todos aqueles que defendem essa mescla, que, segundo Max Rocha (2013, p. 98) dava a seleção a “condição de moderno por meio do investimento maciço na preparação física dos jogadores”.

O futebol suporta só um conceito operativo: ele é uma atividade que exige grande talento e força física. As vezes suporta, mas em casos tão delicados e restritivos que todos conhecem cada caso, um jogador que tenha generoso talento sob cruéis pernas finas e incomodo peito de colibri. A tese, no entanto, é que é indispensável respirar bem e jogar bem. A copa está ensinando mais uma vez seu velho e insubstituível conceito operativo (OSTERMANN, 1992, p. 84).

João Saldanha compreendia que, sendo o futebol um meio pelo qual o brasileiro adquirir uma identidade própria, e o futebol-arte um meio de proporcionar a diferenciação entre nós e os outros (SOUZA, 2008), o craque seria “o representante de uma multidão de artistas populares que inventam e transformam com jogo de cintura” (BORGES, 206, p. 116) o universo brasileiro. Durante sua carreira como treinador e cronista, Saldanha viu e elegeu diferentes jogadores como sendo a síntese do futebol-arte, considerando Garrincha o mais evidente

⁵⁹ Vitória sobre a seleção da Escócia por 4 a 1, no estádio Benito Villamarín, em Sevilha, no dia 18 de junho de 1982.

(SALDANHA, 1980). Na seleção de 1982, seu *Dionísíaco* era Zico, o principal jogador brasileiro na época.

O que é craque, afinal? Será aquele cara que pega a bola na defesa e dribla todo mundo, vai lá do outro lado, dribla também o goleiro e faz o gol? Tem gente que pensa assim e não aceita que craque jogue mal uma partida. E às vezes o craque joga mal uma série de partidas. Já vi até *cobrões*⁶⁰ posteriormente glorificados serem vendidos e mandados embora de seu clube como caras que não querem nada ou que não jogam mais nada. Lembro de Garrincha no Botafogo. O próprio treinador o achava maluco e não o estava querendo mais no time (...) Nosso melhor jogador é o Zico, e da Argentina o Maradona. Zico não foi tão brilhante no jogo da Argentina. Mas fez somente isto: o primeiro gol e depois o passe para o Falcão, que matou a defesa argentina, no gol do Serginho. Logo em seguida, fez a jogada manjada do Flamengo, dando ao Júnior uma daquelas: “Toma, faz o teu...” (...) Mas o craque é assim. Em uma jogada decide o jogo, e é por isto que é melhor do que os outros. O craque nem sempre é o melhor em campo, mas é o mais importante da partida. É o que ocupa mais espaço nas crônicas mesmo para dizerem que não jogou bem. Craque é craque (SALDANHA, 1982o, p. 12).

Zico, podemos dizer que não era um *Dionísíaco* como Leônidas da Silva, mas antes como Pelé, racional, trabalhador, disciplinado e vencedor em seu clube (HELAL, 2000). Saldanha era um admirador de seu jogo, não escondia isso. Mesmo não apresentando todo o futebol que se esperava dele, a confiança no seu potencial era a confiança no futebol brasileiro, de que pudessemos desempenhar um jogo ofensivo.

No nosso segundo jogo, nossa formação foi mais ofensiva, muito mais ofensiva e, apesar de termos tomado o primeiro gol, pudemos recuperar tudo. Penso que é muito simples: a Copa do Mundo deve ser jogada ofensivamente (...) Mas ficou visível que a ideia de fazer Zico ir pela direita não deu certo. O revezamento não existia nem existe. Os deslocamentos podem-se tornar inúteis e a correria desgasta o time. Na primeira partida, contra a União Soviética, a entrada de Isidoro foi muito inteligente e providencial (...) O rodízio passou a ser feito naturalmente e não de forma artificial e teórica. Passou a ser feito na prática. E no jogo contra a Escócia a contrariedade de Zico foi visível. No segundo tempo foi para o meio (...) Nossa formação ideal está na cara. O que os senhores acham? E se sáísse Serginho e Zico fosse para o centro? Revezando-se com Sócrates? Acho que isto deve dar samba, não? (SALDANHA, 1982k, p. 8).

João Saldanha seguidamente criticava a comissão técnica da seleção que, mesmo a maioria dos jornalistas já prevendo a escalação do time da estreia (SALDANHA, 1982e), não à divulgava oficialmente. Para ele, esse era um dos erros que a comissão técnica estava cometendo. Paulo Isidoro, então jogador do Grêmio, até a chegada de Falcão, era titular da seleção, mas, as vésperas da Copa, perdeu espaço, a ponto de não ser mais o substituto imediato de Cerezo no time, algo que não era esperado (SALDANHA, 1982h).

A questão da formação tática era também um ponto que tinha relação com a identidade do estilo de jogo do Brasil. Telê, sem dúvida, deu preferência a jogadores habilidosos e de alto

⁶⁰ Cobra, ou cobrões, era a expressão que João Saldanha usava para se referir aos craques, bons jogadores de futebol que excedem, em qualidade técnica, a da maioria dos outros jogadores.

índice técnico (ROCHA, 2013), porém, adotou um esquema que, se assim podemos dizer, fugia das características das quais os jogadores, e o torcedor, estavam acostumados. Utilizando um esquema sem ponta direita de ataque, forçava um rodizio com os jogadores do meio campo, notadamente Zico, Sócrates e Cerezo.

Saldanha não gostava dessa formação tática, à criticava, mas porquê? Criticava porque entendia que “o futebol-arte não pode ficar preso apenas às jogadas individuais, mas é preciso também “tramar” as jogadas de forma coletiva”, enfatizando que “o drible e o movimento criativo executado pelo craque dependem, para o melhor êxito, de entrosamento da equipe, do desempenho coletivo” (BORGES, 2006, p. 125). Isso não estava ocorrendo, o entrosamento da equipe, prejudicando nosso desempenho dentro de campo. A formação tática “deve dar samba” (SALDANHA, 1982k, p. 8) argumentava Saldanha, isto é, tem que utilizar o futebol-arte.

Na maioria das Copas anteriores, a seleção tinha utilizado pontas no ataque (CABRAL; OSTERMANN, 1970), mas nessa, só tinha Éder como um legítimo ponta (OSTERMANN, 1998). Para resolver esta questão, João Saldanha (1982l) sugeria a entrada de Paulo Isidoro no lugar de Serginho Chulapa. A troca de um pelo outro, era também a troca de um trombador, que fugia das características do futebol brasileiro, por um driblador, elemento essencial do futebol-arte, logo da nossa brasilidade.

Os períodos de Copa do Mundo são emblemáticos no Brasil. Aqui, é que esses momentos, “que se repetem de quatro em quatro anos, mais “desorganizam” a esfera cotidiana” (TOLEDO, 2000, p. 228). São ocasiões em que “se permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais” (DAMATTA, 1982, p. 34), como o hino nacional, cantado a plenos pulmões antes de cada jogo, e a bandeira, que se materializa, sofrendo uma metamorfose, na camiseta da seleção brasileira de futebol.

É sempre assim com a Seleção de nosso país. Para tudo, para o futebol e a vida dos clubes é seriamente afetada. A falta dos *cobras* nos jogos normais faz com que percam sua atração. Nosso calendário, inversamente, é feito em função da Seleção e não como outros países da Europa que aproveitam as férias dos campeonatos para entrarem na disputa mundial. Mas, se somos assim, paciência. Entretanto cumpre salientar que sofremos sérios prejuízos na outra parte da vida. Somos como aquele folião que gastou todo seu dinheiro na fantasia para o concurso. Se ganhar, tudo bem. Se perder vai passar o ano inteiro pagando sua vaidade (SALDANHA, 1982g, p. 10).

Interessante essa última analogia de João Saldanha. Em primeiro lugar, deixa claro que, em suas crônicas, ele buscava essas afinidades que a seleção proporciona com a sociedade. Segundo, alertava para que a seleção mantivesse a seriedade durante a disputa, para não “passar o ano inteiro pagando sua vaidade” se perdesse o mundial. Terceiro, ao propor essas

semelhanças entre o futebol e a sociedade, realça o valor indenitário que a seleção tem com o Brasil, ratificando os apontamentos de Arlei Damo (2006) quando afirma que

(...) para ficar bem clara esta perspectiva convém lembrar que não basta uma equipe de onze se vestir com as cores de um clube ou de uma nação para representá-la, pois os cidadãos não se inclinam naturalmente à ela. Também não basta ser nascido no Brasil para se identificar com os símbolos na nação, e tal identificação não é sinônimo de adesão à seleção de futebol. É preciso, pois, um aparato engenhoso para encaixar a nação no time organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), de maneira tal que isso pareça natural, que a seleção seja percebida como “Brasil”. A magia da seleção é, pois, construída, arquitetada, manipulada, de forma que a equipe de onze venha a ser reconhecida como um símbolo laico do Estado-Nação (DAMO, 2006, p. 76).

Ao participarem dessas construções, Saldanha e Ostermann, além de participarem desse “aparato engenhoso”, posicionam-se, elegendo critérios próprios, mas dentro de uma representação maior e mais complexa em torno de um debate do valor indenitário do futebol (CAPRARO, 2007). Dentre esses critérios, um se destacou muito nas crônicas de ambos: a questão da preparação física.

Como foi mostrado, Ostermann atribuía a vitória da seleção de 1970 a união de prerrogativas europeias com o talento brasileiro. Para repetir essa dobradinha, percebia na preparação física o caminho certo. Hoje podemos dizer que não existe um estilo único praticado por brasileiros, sul-americanos, europeus ou outros, mas uma mescla do futebol-arte com o futebol-força, o futebol-total (DAMO, 2006). Porém, na década de 1980, ainda era possível perceber essa diferenciação (ROCHA, 2013), ao mesmo tempo que havia um discurso de modernização do futebol em termos técnicos e administrativos (HELAL, 1997).

Partindo da análise de Arlei Damo (1998), podemos dizer que o futebol gaúcho tem uma identidade própria, em oposição ao futebol-arte, que dá “mais ênfase na preparação física dos jogadores em detrimento da técnica e, conseqüentemente, isso teria sido determinante para o estilo diferenciado do futebol gaúcho, mais europeu e portenho do que propriamente brasileiro” (DAMO, 1998, p. 199). Dizemos isso, pois a preparação física da seleção ficava por conta de Gilberto Tim, preparador físico do time do Internacional/RS na década de 1970, época que esse time foi Tricampeão brasileiro (1975, 76 e 79) e hegemônico no campeonato Gaúcho, e período que esse estilo gaúcho passou a ser difundido (DAMO, 1998). Gilberto Tim levou para a seleção brasileira essa preocupação com o condicionamento físico dos atletas.

Podemos perceber um ponto de tensão aqui entre nossos dois cronistas. Se por um lado, Ostermann (1992) percebia a preparação física como ponto positivo, união do futebol-força com o futebol-arte, por seu turno, Saldanha (1982f) mostrava certo descontentamento, pois para

ele isso não era o futebol brasileiro, era um corpo estranho que desfigurava o futebol-arte, por extensão, a própria brasilidade do nosso futebol.

Ruy Carlos Ostermann, ao fazer suas analogias entre o futebol e a sociedade brasileira, procura elogiar a ressaltar o talento natural do futebol brasileiro, o talento para se fazer festa e esquecer as lamurias do dia-a-dia (Cf. OSTERMANN, 1992, p. 79), que tanto é criticada pelos que veem o futebol como o “ópio do povo” brasileiro (RAMOS, 1988). Contudo, ao elogiar a preparação física, reafirma, como já foi mostrado no capítulo anterior, que, assim como no trabalho e na vida, o futebol deve evoluir. Se enaltece a preparação física, parabeniza a seleção e sua comissão técnica por fazerem nosso futebol evoluir mantendo, ao mesmo tempo, a técnica e a habilidade do estilo de jogo brasileiro.

Mesmo a preparação física sendo elogiada pela imprensa (ROCHA, 2013), entre eles Ostermann (Cf. 1992, p. 72), Saldanha fazia críticas a ela. Por que isso? Ora, João Saldanha tinha a percepção de que a tão decantada preparação física descaracterizava o estilo brasileiro, descaracterizava o futebol-arte. Não era essa representação, a de Gilberto Freyre e Mário Filho, que se configurava na preparação física, era, isso sim, do futebol-força, a representação do futebol europeu.

O futebol-arte privilegia o toque de bola refinado, o improvisado e drible, elementos que se encontram na criatividade do jogador. O futebol-força, por sua vez, é caracterizado pela aplicação tática e preparação física, sendo este último tópico essencial para os praticantes dessa escola de futebol. O futebol-força seria praticado especialmente pelos selecionados e clubes europeus (BORGES, 2006, p. 119).

Ao criticá-la, Saldanha aludia ao seguinte: não é o Brasil que utiliza a força para vencer, mas os outros, os europeus, duros, sistemáticos e pragmáticos. Se o Brasil quer vencer uma Copa, esta Copa, deve utilizar-se, isso sim, do seu futebol-arte, dos elementos que tão bem foram utilizados por Freyre (1938, p. 4) quando disse “nosso foot-ball mulato, com seus floreios artísticos (...) é uma expressão de nossa formação social”. Por isso, ao criticar a preparação física, Saldanha crítica o abandono, ou substituição, de elementos que estão presentes na nossa formação social, e a força não faz parte dessa formação (DAMO, 1998).

Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha, apesar de tudo, estavam confiantes na vitória do Brasil na Copa de 1982. Apontavam que poucas seleções tinham material humano para superar o do Brasil. Talvez a Alemanha ou a Argentina, quem sabe Inglaterra ou Itália. Se isso não bastece para confirmar o favoritismo, nas “tradicionais bolsas de aposta em Londres davam o Brasil como barbada” (GUTERMAN, 2009, p. 210). Assim sendo, esperava-se, em resumo, muito da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982.

Ao longo de muitos anos, a gente vai aprendendo que a cara do campeão tem algumas cicatrizes, mas é uma cara alegre. Porque a vitória é, antes de mais nada, uma situação jubilosa, aberta, franca, feliz. O campeão aprende a sorrir, e sorri sempre em público. Acho que só fica sério, gravemente compenetrado, quando está a sós, talvez no banheiro. A cara do campeão é inconfundível. E também os gestos, o modo de andar, o modo de falar com as pessoas. A cara do campeão é uma só. Ninguém pode confundi-la com outra. A seleção brasileira tem essa cara (OSTERMANN, 1992, p. 73).

Ostermann atribuía a cara de campeão da seleção brasileira a seu futebol alegre, bonito, malemolente. Em outras palavras, o futebol-arte apresentado pela seleção brasileira lhe valia o posto de favorita a conquista do mundial.

A seleção brasileira era uma das mais badaladas antes da Copa do Mundo. Os amistosos que tinha feito, ainda em 1981, contra França, Inglaterra e Alemanha, com três vitórias aliadas a boas apresentações (SALDANHA, 1981b), reverberavam e davam *status* de favorita. As três vitórias da primeira fase na Copa do Mundo, somadas a boas atuações contra as outras seleções do grupo, onde a união do talento do futebol-arte com a elogiada preparação física mostrou o resultado desejado, confirmaram o favoritismo, até porque, segundo Ostermann (1992) e Saldanha (1982k), o Brasil era o que melhor futebol mostrara. Na segunda fase, a seleção enfrentaria a Argentina, atual campeão, e a Itália, sempre favorita. Não seria fácil, mas nossos cronistas estavam confiantes na classificação para as finais da Copa do Mundo.

4 Nem sempre vence o melhor

Dando prosseguimento em nossa análise, continuaremos seguindo os passos da seleção brasileira através das crônicas de Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha. Se no capítulo anterior, procuramos ver como Ostermann e Saldanha pensavam e relacionavam a seleção como fonte indenitária, nesse capítulo abordaremos temas como a questão do fracasso e do destino na sociedade brasileira.

No primeiro tópico, aproveitando a euforia que tomou conta do país, de Ostermann e de Saldanha após a bela vitória sobre a seleção argentina, veremos como os dois cronistas reagiram e quais significados parciais podemos tirar de seus discursos. No segundo tópico, a questão do fracasso ganha proeminência, visto que depois da derrota para a Itália a desilusão tomou conta do Brasil mais uma vez, assim como tinha ocorrido em 1950. Buscamos com isso relacionar alguns pontos levantados por Roberto DaMatta (1982, 1986) e Arno Vogel (1982) com as crônicas que Ostermann e Saldanha escreveram depois da derrota.

4.1 Brasil *versus* Argentina: grande vitória

Roberto DaMatta (1994) destaca que uma das principais dramatizações que o futebol permite fazer, em analogia a sociedade brasileira, é a questão do destino, “o drama do mundo do algo controlado em luta perene com a ideia de que o mundo é, ao contrário, um sistema que os homens ignoram e jamais podem controlar” (DAMATTA, 1982, p. 30). Conforme DaMatta (1986), numa sociedade como a brasileira, onde há uma constante dualidade ética, de um lado um sistema fechado, dotado de privilégios e gradações pessoais, pertencentes a ética tradicional, de outro a possibilidade de alterar esse sistema por meio da vontade individual com o uso do esforço, do planejamento e da técnica, elementos da ética moderna, a categoria do destino passaria a exercer uma força quase decisiva entre a vontade dos homens e as forças incontroláveis do desconhecido, onde nada está certo, tudo depende do destino, da sorte ou do azar.

No futebol, esse drama seria mais evidente, pois, sendo ele um jogo de regras fixas, pré-determinadas e aceitas pelos competidores (HELAL, 1990), duas equipes, com vontades próprias e conflitantes, se enfrentam na busca pelo triunfo. O resultado desse confronto, vitória ou derrota, numa sociedade hierarquizada como a brasileira, não seria determinado pela

preparação ou qualidade dos jogadores, mas pelas forças incontroláveis do destino. Isto é que “cria o fascínio exercido pelo futebol enquanto um jogo e um drama (...) e assim expressar o conflito básico existente na sociedade brasileira entre os homens e forças impessoais que se colocam no seu caminho” (DAMATTA, 1982, p. 31). Afirmamos que no Brasil a categoria do destino determina o modo como nós, brasileiros, percebemos as vitórias e as derrotas, na sociedade e no futebol.

Dentro de uma partida de futebol podemos discutir muitas coisas, se foi falta ou não, se a bola entrou ou não, quem é o melhor jogador, enfim. Mas não podemos discutir e temos que aceitar que, a princípio, uma partida, não só no futebol como em outros esportes, é permeada por regras pré-estabelecidas, conhecidas e aceitas pelos competidores (HELAL, 1990). Essas regras visam a igualdade antes da disputa, mesmo que essa disputa seja desigual ao seu final (DAMATTA, 1982).

As regras, como percebe-se, são transpostas pela ética moderna, de igualdade e respeito à lei (HELAL, 1997). Porém, como lembra DaMatta (1994), a sociedade brasileira enfrenta um dilema entre a ética moderna e a ética tradicional, que fica acima e além da primeira (HELAL, 1997). Se enfrentamos esse drama, de um “sistema social com dificuldades no que diz respeito às relações que devem ser estabelecidas com as leis universais” (DAMATTA, 1982, p. 36), episódios onde a ética moderna é fraudada não são esporádicos, como o caso da manobra eleitoral proposta pelos militares em 1980⁶¹.

No entanto, o futebol permitiria aos brasileiros, enquanto esporte e ritual (DAMATTA, 1982), um experimento modelar de acatamento e cumprimento das leis e regras pré-estabelecidas antes da disputa. Assim sendo, se na política as manobras são constantes para modificar os resultados, o futebol mostraria aos brasileiros que é possível vencer sem recorrer a trapaça, somente utilizando seu talento natural.

A seleção de 1982 era um time que mostrava esse acatamento e cumprimento as leis e regras, isso por que utilizava-se, para vencer dos seus adversários, o futebol-arte, o seu talento natural para a prática desse esporte.

A Copa é um acontecimento de poucas estrelas indispensáveis. E quase todas estão no Brasil e na Argentina. Rummenigge, Blokin, Kranki, Bessonov e assim por diante são bons jogadores, mas o talento espontâneo para jogar futebol, a imaginação e a intuição artística, a obra imorredoura do passe e do gol são virtudes brasileiras (OSTERMANN, 1992, p. 76).

⁶¹ Ver SKIDMORE, 1988, p. 427-33.

Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha apontavam seguidamente, nas suas crônicas, essa questão do talento na seleção de 1982. Ressaltavam que essa seleção, seus jogadores, tinham muita qualidade e capacidade técnica.

A qualidade da seleção brasileira que todos reconhecem é que ela não repousa mais em um ou dois homens importantes. Além de Zico e Sócrates, sempre festejados como jogadores de exceção num país que elege craques com muita facilidade, a seleção tem agora dois jogadores que pela frequência e assiduidade com que controlam e dinamizam o serviço do meio-campo talvez sejam até mais importantes: Falcão e Cerezo. A luminosa ideia que vai permitir superar qualquer tipo de marcação sobre um jogador importante é, sem dúvida, a transferência do que está marcado numa peça simplesmente promocional do estimado futebol coletivo (OSTERMANN, 1992, p. 77).

Mas, ao mesmo tempo que positivavam essas qualidades, faziam questão, notadamente Saldanha, de salientar que essa seleção destoava das seleções de 1974 e 78. Isso era uma crítica também aos militares, ao período que controlaram a CBD procurando tirar vantagens do futebol nacional (MAGALHÃES, 2010). Esse era um momento de transição, por isso era necessário marcar o início de um novo tempo ou melhor, um retorno aos bons tempos, aos tempos que nos tornamos o País do Futebol.

Pois querem saber se fico nervoso na hora de jogos de Copa do Mundo? Fico sim. Mas só no começo (...) Mas só tremo na primeira fase eliminatória, que pode ser vexaminosa. E sabem por quê? Porque a gente sempre diz, afirma e reafirma que nosso futebol é o melhor do mundo. Pois acho que é e não tenho a menor dúvida (...) Fico nervoso, mas só no começo. Agora tiro de letra. Agora já pudemos provar a todos e principalmente aos nossos torcedores, isto é o mais importante, que nosso futebol, o futebol brasileiro é o maior espetáculo da terra. Damos alegria ao espectador que entra e sai do campo satisfeito. Claro que com uma derrota logo na cara a gente fica sem argumento. Com cara de besta. Mas ninguém tira mais: o melhor time que está disputando esta Copa, com qualquer resultado, é o nosso. E é tão bom que se dá ao luxo de dar vantagem aos outros. Estamos jogando “torts”, sem que ninguém avance pela direita (...) De qualquer maneira, estou satisfeito e feliz. O futebol arte se impôs, e creio que definitivamente. Lembram de 1978? Sabíamos que seríamos derrotados. Poderia ter sido no primeiro turno mas escapamos. Estávamos jogando o “futebol-força”, para mim o futebol estúpido e pouco inteligente. Agora, tudo é lucro. Já fizemos a festa mais bonita (SALDANHA, 1982p, p. 12).

O futebol-arte representa o *ser* brasileiro, nossa diferenciação em relação aos outros, um modo de jogar futebol que nos caracteriza por mostrar elementos presentes na nossa sociedade (SOUZA, 2008). Longe de ser uma inferioridade, os elementos presentes na sociedade brasileira, que também estão presentes no futebol-arte, realçam nossas qualidades. Portanto, ser malandro, ter jogo de cintura, usar o *jeitinho brasileiro*, elementos presentes no cotidiano das grandes cidades brasileiras (DAMATTA, 1986), são apropriados e positivados para compor o estilo de jogo do brasileiro, sentenciando que ao jogar o futebol-arte, o brasileiro esta expondo sua brasilidade para o mundo ver, gostar e aplaudir.

Ao dar espetáculo dentro de campo, utilizando o tão característico futebol-arte, os jogadores mostram ser brasileiros. Se a representação do futebol-arte, “inventada” por Freyre, tornou-se hegemônica (CAPRARO, 2007), ao utilizá-la para definir o modo como jogava a seleção de Telê Santana, Ostermann (1992) e Saldanha (1982p) afirmam que esse é o modo de ser brasileiro, nossas especificidades, o improviso, a malandragem, a festa depois do gol, da torcida e dos jogadores, e não aquela das Copas de 1974 e 78, do futebol-força, que descaracteriza-nos a ponto de não confiarmos em nos mesmo, ou melhor, em nossa seleção.

Realmente a seleção brasileira de 1982 era um timaço. Reunia o que demais fabuloso o futebol brasileiro poderia produzir. No time titular tínhamos Zico, Leandro e Junior, jogadores do Flamengo que tinham sido recentemente campeões mundiais de clubes, em dezembro de 1981. Sócrates, capitão da seleção e um dos líderes da Democracia Corinthiana. Falcão, que, em menos de dois anos jogando pelo time da Roma da Itália, já tinha recebido o apelido de *Rei de Roma*. Éder e Toninho Cerezo, craques do Atlético Mineiro, vice-campeões brasileiro de 1980, incontestáveis na seleção. No banco de reservas tínhamos ainda Paulo Isidoro, campeão brasileiro pelo Grêmio em 1981 e vice em 1982, perdendo justamente para o Flamengo de Zico. Por tudo isso, era uma seleção fortíssima, uma representante legítima do futebol-arte. E o jogo contra a seleção argentina confirmaria, para João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann, essa validade.

Em suas crônicas, Ruy Carlos Ostermann tecia comentários sobre o grupo do Brasil na segunda fase, que para ele era uma injustiça. Isto porque a seleção brasileira enfrentaria as seleções da Argentina e da Itália, dois times já campeões mundiais e com muita tradição no futebol mundial. Porém, Ostermann apostava que ou Brasil ou Argentina passariam para à semifinal, pois eram as duas melhores seleções, em ternos técnicos, da Copa do Mundo.

No dia 2 de julho, em Barcelona, contra a atual campeã do Mundo o Brasil fez sua melhor partida no mundial. Ruy Carlos Ostermann não pode conter sua euforia pela vitória da seleção sobre a Argentina de Maradona, e, em meio a elogios e aplausos, decretou que ninguém mais poderia superar a seleção brasileira.

O Brasil, mais uma vez, deu uma demonstração de que nesta Copa da Espanha ninguém é melhor e ninguém pode vencê-lo. A Argentina tinha a tradição, o retrospecto, a ansiedade, as Malvinas frustradas, as derrotas, tudo enfim para se colocar como adversário. E tinha, também convenhamos, futebol e jogadores. E tinha até a esperança de que Maradona, subitamente, não marcado com a severidade italiana, viesse a jogar o seu futebol. Tudo isso no entanto, foi nada, diante da facilidade, da espontaneidade com que a seleção brasileira jogou o seu futebol. E mais uma vez se viu em Barcelona, no estádio Sarriá, que a diferença de qualidade que separa o Brasil dos demais participantes, agora incluída também a Argentina é de fato abissal. Ninguém dispõe de recursos, ninguém tem jogadores, ninguém pode fazer

com facilidade as coisas do futebol, como a seleção brasileira (OSTERMANN, 1992, p. 78).

Todos esses elogios atribuídos a seleção brasileira, ratificam a premissa de que ela era uma representante do futebol-arte, por extensão da nossa brasilidade. Sua popularidade junto ao torcedor era muito grande (GUTERMANN, 2009), ajudando na sua identificação. Mas, isso somente era possível graças as suas boas apresentações. Lembrando que a representação se apoia na prática (DAMO, 1998), logo, se o futebol apresentado pelo Brasil não fosse bonito e envolvente, como aconteceu em 1974 e 78, não poderíamos, nós, Ostermann e Saldanha, relacioná-la com o futebol-arte, não poderíamos relacioná-la como fonte indenitária. Como seu futebol apresentado legitimava as representações em torno do futebol-arte, a seleção brasileira de 1982 tornou-se uma fonte indenitária, capaz de sofrer análises e comparações entre e com a sociedade brasileira.

Após a vitória sobre a Argentina, a euforia tomou conta dos nossos cronistas e da torcida brasileira. Mas, o que representava essa vitória? Representava uma confirmação. Confirmação de que estávamos em um novo momento, que a vitória e a sorte nos sorriam novamente. Era a confirmação de que um período tenebroso da história do Brasil estava sendo deixada para trás, e o futuro que se avistava era de novos caminhos, novas conquistas e comemorações. Era a confirmação de que o destino e suas forças incontroláveis estavam do nosso lado.

Ao permitir que possamos compreender a sociedade através do estudo do futebol, “pois a sociedade se revela tanto pelo trabalho quanto pelo esporte, religião, rituais e política”, sendo cada uma dessas esferas “uma espécie de “filtro” ou de operador, através do qual a ordem social se faz e refaz, inverte-se e reafirma-se num jogo básico para a sua própria percepção enquanto uma totalidade significativa” (DAMATTA, 1982, p. 23-4), podemos aferir que uma vitória tão importante como foi está sobre a Argentina, nós mostra que seus significados, resultantes da festa depois da vitória⁶², confirmavam e legitimavam os anseios da sociedade brasileira no início da década de 1980, ou seja, de que seria um novo período de prosperidade, alegrias e conquistas. Agora, sem os militares.

Para João Saldanha e Ruy Carlos Ostermann a seleção do Brasil era a franca favorita para a conquista do mundial. “Não tenho mais dúvida alguma depois de ver com atenção a todos os pretendentes: o Brasil só pode perder para si mesmo”, falava Ostermann (1992, p. 78) com confiança. Mesmo João Saldanha, consciente das surpresas que o futebol pode proporcionar,

⁶² “No monitor reproduzia-se o carnaval das ruas do Rio e a embriagante festa das *ramblas* barcelonesas, lugar de continua alegria e agora passarela adoidada de brasileiros esfuziantes que bebem vinho branco e cerveja misturados e fazem samba com instrumentos improvisado” (Cf. OSTERMANN, 1992, p. 79).

dizia: “Azar? Acho que não. Numa Copa do Mundo devemos estar preparados inclusive para enfrentar o azar. Como todos sabem é uma competição de caráter eliminatório e o dia de azar tem de ser superado por qualquer pretendente ao título de campeão” (SALDANHA, 1982f, p. 10). A confiança extrapolava a modéstia. Ruy Carlos Ostermann chegou a afirmar que:

Itália e Brasil já vi muitas vezes (...) Já vi e já sei, não poderá ser diferente, os italianos têm um futebol de poucas luzes, mas forte dispositivo defensivo. O Catenaccio é um modelo defensivo. Não é por nada que seu principal jogador não é atacante – pobres atacantes italianos que mal sabem onde está a goleira adversária – um jogador de meio-campo – Antognoni é talentoso, mas não é o melhor – o melhor é mesmo o exemplar Scirea, libero do time, o primeiro à frente do veterano goleiro Zoff. E que a Itália seja digna, marque como puder e se resigne ao que souber fazer em campo. A guerra ardilosamente provocada pelos italianos contra a Argentina dificilmente vai se repetir. Já se viu como foi, já se sabe (OSTERMANN, 1992, p. 79).

Assim como em 1950, nos permitimos sonhar com a vitória, flertá-la antes da conquista definitiva. A palavra campeão passou a associar-se seguidamente a seleção brasileira⁶³. A confiança que passaríamos pela Itália e chegaríamos às finais eram muito grandes (GUTERMAN, 2009). Mas, como não há certezas absolutas, sobretudo no futebol, o inesperado aconteceu, e a desilusão, assim como tinha acontecido em 1950, tomou conta do Brasil mais uma vez.

4.2 Brasil *versus* Itália: a tragédia do Sarriá

Pôr ser a Nação uma construção diária, um exercício baseado em discursos que se moldam de acordo as contingências do momento (HOBSBAWM, 2008), os acontecimentos, que no futebol são mais dinâmicos em termos de mudanças (DAMO, 1998), determinam os discursos e analogias que são feitas depois das vitórias e derrotas (DAMATTA, 1982). A vitória frente a seleção argentina realçava as representações em torno do futebol-arte, e permitia fazer analogias com um futuro promissor em relação a sociedade.

Os anos 1980 representaram um momento de mudanças para a sociedade brasileira. Após anos de ditadura militar, a redemocratização dava seus primeiros passos rumo ao Estado de Direito tão aguardado. Em 1979, com a anistia, essas mudanças mostravam que não tardariam a acontecer (ARAUJO, 2004) e, esperava-se, que a próxima década seria, além de um recomeço, de muitas alegrias. No futebol não era diferente. A seleção dava *show* por onde passava (SALDANHA, 1981b), e, depois de uma década controlada pelos militares, parecia

⁶³ “Faltam três jogos para o Brasil ser campeão” (Cf. OSTERMANN, 1992, p. 78).

que a Copa de 1982 já tinha dono. Era só uma questão de jogar e ganhar. Nesse clima, tudo indicava uma vitória da seleção brasileira frente a Itália, na pior nas hipóteses um empate. Nem mesmo a tradição assustava mais aos nossos cronistas, confiantes que a seleção não decepcionaria e seguiria firme em seu caminho rumo ao título.

Não há mais ninguém. O gordinho Ference Puskas, que se parecia na camisa de fio Escócia com o dono do armazém, acha que a Itália pode ser um adversário difícil. Mas não diz que a Itália pode vencer. Digamos que haverá dificuldades para o time de Falcão jogar livremente o seu futebol de invenções e desmarques. Só isto. A não ser que a seleção, por seus próprios defeitos nascidos do jogo e de uma irreparável desavença com a bola, seja acometida de tamanha incapacidade circunstancial a ponto de não conseguir vencer (OSTERMANN, 1992, p. 79).

Com tanta confiança, somente uma infelicidade, algo que atacasse a seleção, só o destino, com suas forças inexplicáveis e incontroláveis, poderia impedir a seleção brasileira de realizar seu sonho de ser campeã mundial. No dia do jogo, na última frase de sua crônica, apesar disso, Ruy Carlos Ostermann (1992, p. 80) parecia ter feito uma premonição, infelizmente nada boa para as pretensões brasileiras: “e mais ainda há de se firmar nesta Copa de surpresas”.

O confronto entre Brasil e Itália tinha outra atração, relevante para nossa pesquisa: futebol-arte *versus* futebol-força. Se a seleção de Telê Santana era apontada como a legítima representante do futebol-arte, a Itália era, por seu turno, uma legítima representante do futebol-força europeu, pois tinha muitos dos predicados atribuídos a esse estilo: era competitiva, tinha um bom coletivo, sem grandes jogadores, jogava pelo resultado, utilizava a força, tinha na defesa seu ponto forte e, o que não era nada bom para os brasileiros, era eficiente no ataque (DAMO, 1998). Com todas essas atrações, brasileiros e italianos se enfrentaram no estádio Sarriá para ver quem avançaria a próxima fase.

Com saldo de gols melhor do que o da Itália, o Brasil, assim como em 1950⁶⁴, jogava com a possibilidade do empate para se classificar as semifinais. Contudo, “veio então o dia 5 de julho de 1982, que ficará na memória do Brasil tanto quanto o 16 de julho de 1950, quando os deuses do futebol resolveram lembrar aos confiantes brasileiros que a beleza desse esporte está justamente no imponderável” (GUTERMAN, 2009, p. 211).

Naquele jogo, aos 30 minutos do segundo tempo, Paulo Rossi, assim como o uruguaio Ghiggia em 1950, fazia o gol que marcaria uma geração, decretando o fim da participação da seleção brasileira no mundial da Espanha. A decepção era generalizada. Os italianos não

⁶⁴ Na Copa de 1950 houve, ao invés da tradicional final, um quadrangular final, disputado por Brasil, Espanha, Suécia e Uruguai. Por ter vencido as duas primeiras partidas por goleadas (7 a 1 na Suécia e 6 a 1 na Espanha), o Brasil necessitava de um simples empate para ganhar a Copa, visto que os uruguaios tinham empatado com a Espanha, em 2 a 2, e vencido a Suécia por 3 a 2. Cf. VOGEL, 1982, p. 83-8.

acreditavam no seu feito, “o Brasil estava fora da Copa, para perplexidade de torcedores do mundo inteiro” (GUTERMAN, 2009, p. 211). A seleção que tinha encantado o mundo, voltava para casa de mãos vazias mais uma vez. No confronto entre o futebol-arte *versus* o futebol-força, infelizmente para os brasileiros e os amantes do bom futebol, a força venceu a arte.

A derrota para a Itália, não foi apenas a derrota da seleção brasileira, foi uma derrota da própria sociedade brasileira e de seus anseios naquele momento, de mudanças políticas (GUTERMAN, 2009), e tanto Ruy Carlos Ostermann quanto João Saldanha sentiram e tentaram explicar essa derrota.

Não sei como escolher as melhores palavras. Estou cansado e triste. Mas talvez também não esteja arrependido. A seleção pode ser odiada hoje, mas eu a amei fervorosamente. E como eu, todos vocês. Por que transformar este cáldo amor de todos nós no ódio ressentido desta noite? Talvez tenha sido o grande defeito desta seleção – o de não saber ser inferior ao que dela pensavam todos, brasileiros ou não. Um jogo de má qualidade é aceitável. Mas tantos erros num jogo de má qualidade é inaceitável. Os fracassos pessoais não me interessam. Num jogo errado há fracassos pessoais. Não interessa identificar este ou aquele. É falta de caráter e esta Copa já deu mostras suficientes de precisar de mais atitude e menos promoção pessoal. O que sei é que a Copa do Mundo perdeu seu mais autêntico time de futebol. O melhor time de futebol que não soube ganhar um jogo contra a Itália (OSTERMANN, 1992, p. 80).

Ruy Carlos Ostermann tinha muitas expectativas na vitória, pois esta seleção, era um exemplo de suas teses sobre o futebol. Se atribuía as vitórias da seleção nas Copas de 1958, 62 e 70 as sucessivas evoluções que o futebol brasileiro tinha sofrido, muitas por conta de derrotas em Copas anteriores (CABRAL; OSTERMANN, 1970), acreditava que a seleção de Telê Santana seguia esse caminho, pois, depois das derrotas em 1974 e 78, ela foi repensada, resgatando-se o futebol-arte, mas agregando novos elementos, como a preparação física dos atletas. Após a derrota, essa confiança não existia.

O Brasil foi campeão do mundo [em 1970] com o mesmo agrupamento de talentos que fez este ano na Espanha mas, além das pessoas serem melhores jogadores, ainda havia melhores cabeças, mais lúcidas, mais práticas. Nenhuma novidade tática, apenas uma estratégia de acomodação de jogadores competentes num mesmo time. O futebol do mundo se renova pouco (OSTERMANN, 1992, p. 87).

João Saldanha tinha uma posição semelhante. Por ter consciência das relações que existiam entre o futebol e a sociedade brasileira (BORGES, 2006), ele fez duras críticas a comissão técnica, principalmente por optar por um elemento, preparação física, que não compõe a representação do futebol-arte e deixar de lado outros elementos, como jogadores habilidosos e velozes, exemplo de Paulo Isidoro, que agregaria características essenciais do nosso estilo.

Mas, e a decantada preparação física de nosso time? Pois foi visível que apagou no jogo da Itália, exatamente quando empatamos (...) Dou um exemplo que deve entrar na antologia da preparação física negativa. Se Sérgio Porto fosse vivo, o seu Febeapá (Festival de Besteira que Assola o País) ganharia mais uma. Leiam com atenção o que

vai aqui repetido. Antes, vou contar a anedota do português, não, perdão, do espanhol, que se gabou de ser capaz de deitar com 20 mulheres na mesma noite. O negócio foi espalhado, tomou conta da cidade e marcaram o Maracanã para palco da façanha. Na décima nona mulher, o nosso herói fracassou e foi estrondosamente vaiado. Quando saiu, se queixava a um amigo: “Não compreendo o que se passou comigo. Hoje de tarde fiz um treino com 20 mulheres e tudo foi bem. Não posso entender meu fracasso”. Bem, está aqui guardada a declaração de nossos preparadores, sem tirar nem pôr: “Submeti os jogadores a um trabalho semelhante ao esforço que fariam no coletivo. Isto para saber sua reação. Se estiverem bem, estarão liberados. Como o Zico e o Falcão aguentaram até o fim, sem reclamar, creio que não serão problemas...” E vai por aí afora este excelente material para o Febeapá (SALDANHA, 1982r, p. 10).

No futebol, assim como na vida, uma derrota nunca é bem-vinda, e se ela ocorre com a seleção brasileira, considerada, por muito tempo, como a melhor do mundo, por nós e pelos outros, é difícil de esquecer-la. Todavia, a derrota da seleção era apenas o prelúdio de uma realidade que configurou a década de 1980 (GUTERMAN, 2009).

A Abertura Política foi receosa, lenta, gradual e, em certos momentos, de difícil conclusão (AARÃO REIS FILHO, 2004). Mesmo com uma intensa campanha pelas Diretas Já, que pediam as eleições diretas para a escolha do próximo Presidente da República no Brasil em 1985, composta por diversos setores da sociedade civil, que clamavam por mudanças rápidas e pela via democrática, o que se viu foram negociações que visavam o não revanchismo e uma transição controlada e pontual (SKIDMORE, 1988).

Nossa seleção, tão aclamada por seu conjunto, que reunia técnica, habilidade e destreza num mesmo time (MAGALHÃES, 2010), o legítimo futebol-arte brasileiro, também não obteve êxito em sua campanha. A tragédia do Sarriá não só marcou uma geração de torcedores, como entrou para o imaginário popular como a história de uma seleção que encantou o mundo com seu futebol de alto nível técnico e que não ganhou. E, pior, foi derrotada por uma seleção que jogava pelo resultado, que praticava um jogo defensivo e sem brilho, o futebol-força, porém, vencedor.

Além disso, a derrota para a Itália fez a categoria do fracasso retornar e assolar os brasileiros, assim como tinha acontecido em 1966 com o vexame na Copa da Inglaterra, a “pior apresentação de uma seleção brasileira que já se vira antes ou depois” (OSTERMANN, 1992, p. 87), e em 1950. Com essa última cabe uma comparação, e aqui retornamos a categoria do destino, que se coloca entre nós e nossos anseios pessoais e coletivos (DAMATTA, 1982, 1994).

A derrota para o Uruguai, como já vimos, teve um peso social muito relevante na história do Brasil, não apenas do futebol. Era uma grande oportunidade que o país tinha de mostrar, ao mundo e a nós mesmos, que tínhamos “um grande destino a cumprir” (DAMATTA, 1982, p. 31). Confirmada a derrota, procurou-se motivos para explicá-la.

Quando Nelson Rodrigues (1993) escreveu “complexo de vira-latas”, foi pensando nessa derrota, afirmando que não vencíamos porque considerávamo-nos já derrotados, perdedores, como se o nosso destino fosse sempre perder. Numa sociedade altamente hierarquizada como a brasileira (HELAL, 1997), perder, ser derrotado, fracassar tem um significado além, que está relacionado com a honra e a desonra.

Segundo Arno Vogel (1982, p. 93) a honra é o “valor estabelecido, para si e para os outros”. Desta forma, ela é uma “afirmação de uma determinada qualidade social, de uma posição de *status*” (VOGEL, 1982, p. 94). Honra também significava fama. Fama de ser o melhor, o mais qualificado, aquele que tem os principais predicados para conquistar os objetivos que são impostos, pela sociedade ou outras convenções sociais (VOGEL, 1982). No futebol, o Brasil possui a fama de ser o melhor, o mais qualificado, aquele que possui os melhores atributos. E a Copa do Mundo é o evento/teste para corroborar essa fama. Isso porque, nas “Copas do Mundo [se] reúnem todos os que se classificaram como pares para uma disputa, cuja finalidade é atualizar uma hierarquia estabelecida nos termos do futebol e através dele” (VOGEL, 1982, p. 94).

Se em 1950, a vitória na Copa serviria para autenticar um projeto de Nação (DAMATTA, 1982), em 1982, a conquista da Copa representaria a garantia de que estávamos no caminho certo, como seleção e sociedade, além de possibilitar que retornássemos ao posto de melhores do mundo no futebol. “Para os que têm consciência de *status* à flor da pele como os membros das sociedades hierárquicas, entretanto, cada vez que está em jogo uma Posição do sistema, é a própria honra nacional que está sendo posta à prova” (VOGEL, 1982, p. 94).

Por outro lado, ser derrotado representa a desonra, sinônimo de vergonha, vexame e fracasso frente aos seus e aos outros. E quanto mais alto são as expectativas, mais elevada e a frustração provocada pelo fracasso (DAMATTA, 1986). Foi exatamente isso que ocorreu depois da derrota para a Itália no estádio Sarriá, principalmente com Ruy Carlos Ostermann. Ele via-se desolado, pois a seleção que percebia ter combinado os elementos necessários do futebol moderno, a preparação física com o futebol de alto índice técnico, tinha perdido para uma seleção sem brilho.

Não há mesmo fim do mundo, apenas uma derrota e esta viagem silenciosa que nem por presente gostaria de acompanhar. O zelo profissional me permitiria acompanhá-la mas nunca o sentimento. Prefiro ficar na Espanha ensolarada, sonhar com o futebol que se perdeu numa tarde única em Barcelona e continuar acompanhando o futebol das outras seleções. Elejo uma, sem olhar muito a quem (...) Vou lhe dedicar-lhe um amor passageiro, feito de pequenas atenções, duas rosas vermelhas, cravos azuis, uma galanteria de fim de noite. Não há de esperar mais de mim. Talvez até possa me considerar distraído. Mas depois de perder a seleção brasileira que me resta senão um furtivo interesse pelo futebol das outras seleções? (OSTERMANN, 1992, p. 81).

Arno Vogel lembra que a “humildade é uma virtude altamente valorizada dentro do *ethos* brasileiro” (VOGEL, 1982, p. 98), ao passo que Roberto DaMatta (1982) considera a autossuficiência um pecado dentro de um sistema hierarquizado como o da sociedade brasileira. Autossuficiente pode ser entendido, no futebol, como entrar de *salto alto*, menosprezo pelo adversário. Isso aconteceu antes do jogo contra a Itália. Ruy Carlos Ostermann, mesmo reconhecendo e retratando-se depois⁶⁵, menosprezou o time italiano. Não saberíamos dizer se todos, torcedores, jogadores e comissão técnica, também pensavam do mesmo modo que Ostermann, mas a derrota, mais uma vez, fez com que olhássemos em volta e procurássemos uma explicação para ela.

Para João Saldanha, era uma derrota da estupidez. Mas que estupidez era essa? Era a estupidez de não respeitar o estilo brasileiro, as características do nosso futebol, além de exigir coisas que fogem de nossa brasilidade.

Tantos crimes contra o bom senso, contra o senso comum, não poderiam passar impunemente. O fato de possuímos jogadores extra série como Zico, Falcão, Sócrates, Júnior e Cerezo davam a falsa impressão de que éramos superiores em tudo. Mas uma estupidez siderúrgica rondava nosso propósito de ganhar uma Copa, onde quem nos derrotou passou mal com o país de Camarões. Inventaram uma tática no Brasil abandonando preciosos espaços de campo. Ora, somente um primarismo infantil e teimosos poderia pensar que os adversários não iriam aproveitar o erro clamoroso (...) Leandro, sempre mal fisicamente, tentava suprir o extrema que não tínhamos. No jogo da Itália, com mais quinze minutos sairia levado não para o hospital, mas para um cemitério. Estava “morto de cansaço”. E o Cabrini folgava sempre. Era jogada de desaforo do time italiano (...) Sim, Zico, Sócrates, Júnior, Cerezo e este estupendo Falcão sempre estiveram muito bem. Mas até carregadores de piano cansam quando fazem esforços acima de sua capacidade. Nosso time, com a tão decantada preparação especial, estava muito cansado no final do jogo (...) Se chagamos a uma posição tão elevada, devemos à qualidade de quatro ou cinco jogadores excepcionais, mas cuja capacidade física também tem limites. A Copa não era difícil de ganhar. Mas a teimosia superou tudo (SALDANHA, 1982s, p. 10).

À qualidade de jogadores excepcionais, esse é o diferencial da seleção brasileira para as outras, aponta João Saldanha. Mas a fuga de nossas características, ou a imposição de um estilo de jogo que não possibilitava que pudéssemos utilizar as qualidades desses jogadores excepcionais foram apontadas como os fatores de nosso fracasso na Copa do Mundo de 1982. Falando de outro jeito, adotar outros elementos ou fugir de nossas características é renegar nossa brasilidade.

Jogar bem não é privilégio de ninguém, temos melhores condições porque nosso clima permite jogar o ano inteiro e temos o aquecimento natural para nossos jogadores. Embora tenhamos também preparadores que mais parecem estar fazendo galinha desossada para aquecer um jogador, quando os outros times fazem isto sem nenhum

⁶⁵ “Os bravos italianos foram bravos porque evitaram a soberba, conceito de que havia me esquecido quase e que aqui na Espanha, por engenho e arte dos brasileiros, redescobri o significado e sua boa aplicação na prosa explicativa dos feitos e desfeitos deste Mundial” (Cf. OSTERMANN, 1992, p. 86).

show de palhaçada, ainda mais numa temperatura de quarenta graus à sombra. Ao sol, quase cinquenta (SALDANHA, 1982t, p. 12).

Ao utilizar o futebol-arte do jogo bonito, do drible, da ginga, do espetáculo, os jogadores brasileiros realçam as representações em torno desse estilo. Por outro lado, se não apresentam esse mesmo futebol bonito, enfraquecem as mesmas representações (DAMO, 1998). Ostermann e Saldanha somente podiam utilizar as representações em torno do futebol-arte, e relacioná-la como fonte indenitária, se a seleção apresentar o bom futebol que caracteriza esse estilo. Do contrário, essas representações não se sustentavam e tomavam outras conotações, como aconteceu em 1950 (VOGEL, 1982).

Assim como em 1950, depois da derrota na Copa muitos procuraram explicações para ela. Porém, pudemos observar que agora, para Ostermann e Saldanha, a derrota, ou fracasso, tinha outra explicação, diferente da de 1950. Para nossos cronistas, o fracasso da seleção poderia ser explicado pela fuga das nossas características e/ou adoção de outras que não faziam parte da “nossa formação social” (FREYRE, 1947, p. v), como realçou Freyre no prefácio de *O negro no futebol brasileiro*. Se bem que Ostermann aprovava a preparação física como um elemento que realçaria nossas qualidades técnicas.

O grande problema visto por Ostermann, depois da Copa, foi que não houve “nenhuma novidade tática, apenas uma estratégia de acomodação de jogadores competentes num mesmo time” (OSTERMANN, 1992, p. 87). Ou seja, a sua tese de que talento mais força física fariam o futebol brasileiro evoluir e sobrepor-se novamente ao europeu, como nas décadas de 1950 e 60, não se sustentou, pois não houve essa evolução na seleção de 1982.

Para João Saldanha, o talento do futebol brasileiro sempre residiu nos jogadores, não na preparação física ou outros elementos mais ligados ao futebol europeu. “Se chegamos a uma posição tão elevada, devemos à qualidade de (...) jogadores excepcionais” (SALDANHA, 1982s, p. 10). A seleção brasileira reunia esses jogadores excepcionais, mas a intensa preparação física, para João Saldanha, prejudicou nosso rendimento dentro de campo.

Como fonte identitária, a seleção não decepcionava, pois tinha muito carisma junto aos torcedores, que se viam, viam o Brasil, representados por ela. Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha ficaram decepcionados e amargurados com sua derrota, pois além de uma derrota no futebol, era uma derrota do próprio Brasil. Sua brasilidade fora derrotada, para Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha, pelo futebol-força, dentro e fora de campo.

Considerações finais

Concluído nosso trabalho, nos cabe retomar as ideias que permearam nossa pesquisa. O primeiro ponto a destacar é o processo de construção do futebol-arte, a característica principal do futebol brasileiro. Esse processo, como vimos, teve início na década de 1930, em um momento singular da história brasileira, quando o *ser* brasileiro passou a ser repensado e suas, antes inferioridades, viraram suas qualidades, sobretudo a partir das teses de Gilberto Freyre. Esse, aliás, percebeu no futebol um bom caminho para corroborar sua tese da democracia racial.

Compartilhando da euforia que tomava conta dos brasileiros por conta da campanha da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1938, e das boas atuações individuais de Leônidas da Silva e Domingos da Guia, os dois únicos negros da seleção, Gilberto Freyre desenvolveu a ideia de que o brasileiro, através da miscigenação que se operou na sociedade entre o europeu, o negro e o indígena, tinha um estilo de jogo próprio que o diferenciava dos outros, principalmente daquele prático na Europa. Esse estilo era o futebol-arte, que depois de idas e vindas, consolidou-se no imaginário popular como a representação perfeita do futebol apresentado pelos jogadores brasileiros. No entanto, devemos destacar que essa representação do futebol-arte nem sempre foi a mesma, modificando-se conforme o tempo e as campanhas da seleção brasileira nos torneios mundiais.

Nesse processo de construção do futebol-arte, temos que destacar também a figura de Mário Filho e de seu livro *O negro no futebol brasileiro*, principal propagador da ideia de que o brasileiro tinha um estilo de jogo diferenciado, que privilegiava a habilidade e a técnica ao invés da força e da obediência, baseado na tese da miscigenação de Gilberto Freyre.

Com o passar do tempo, e por conta das vitórias da seleção brasileira dentro de campo, o futebol foi elevado à categoria de principal esporte nacional e de, ao mesmo tempo, o principal meio pelo qual os brasileiros poderiam superar seus estigmas sociais. Com isso, o futebol também adquiriu *status* de fonte indenitária, capaz de fazer os brasileiros se reconhecerem e entrarem em contato com o que de mais marcante nossa sociedade produz, isto é, suas festas populares.

Após consolidar-se como a principal representação do futebol brasileiro, o futebol-arte serviu de sinônimo para representar e legitimar as campanhas vitoriosas da seleção e dos clubes brasileiros quando esses obtinham êxito em campeonatos internacionais. No entanto, durante a década de 1970, após o tricampeonato no México, o Brasil passou a lograr seguidos fracassos,

recebendo críticas quanto aos esquemas táticos que, ao invés de beneficiar o futebol-arte, privilegiavam a marcação, a força e a obediência, dentre e fora de campo.

Ao assumir a seleção brasileira, Telê Santana tinha a missão de reviver o futebol-arte, abandonado nas Copas de 1974 e 78. Com uma geração de craques, Telê conseguiu formar um time, que ao mesmo tempo que era competitivo, também mostrava o fino futebol verde amarelo, tão ao gosto do torcedor.

Se o início da década de 1980 apresentava-se aos brasileiros como um recomeço, no futebol não era diferente, e tanto João Saldanha quanto Ruy Carlos Ostermann saldavam o caminho que a seleção brasileira estava trilhando. Os dois cronistas compartilhavam da tese de que o futebol-arte era a principal característica do futebol brasileiro, mas discordavam como isso deveria ser utilizado dentro de campo. Saldanha preferia que dessem total liberdade para que os *cobras*, como se referia aos craques, utilizassem essa habilidade natural do brasileiro. Ostermann, por seu turno, preferia que esse estilo estivesse a serviço do coletivo. Nessa encruzilhada de opiniões, os dois se encontravam com a seleção brasileira de Telê, cheia de craques, o melhor que o futebol brasileiro poderia produzir, mas que além disso tinha como proposta um esquema tático coletivo, sem pontas é verdade.

Nas crônicas analisadas sobre a Copa do Mundo de 1982, percebemos que os dois cronistas tinham visões opostas e semelhantes, dependendo do assunto abordado. A questão de Zico, *Dionísíaco*, e Falcão, *Apolíneo*, eram complementares, na seleção e na nossa análise. Se por um lado, Zico era a cara desta seleção, isto é, do futebol bonito de alto índice técnico, Falcão era a síntese da combinação entre a força e o talento, tão elogiado por Ostermann e um dos objetivos da comissão técnica da seleção.

Com relação a preparação física, Ruy Carlos Ostermann a aprovava, argumentando que traria muitos benefícios para o time, como igualar a força física dos jogadores brasileiros com a dos europeus. Já João Saldanha era mais cauteloso, ponderando que, antes de trazer benefícios os jogadores, não deveria exigí-los demais, para que dentro de campo eles pudessem render tudo o que podiam e sabiam.

Em relação ao esquema tático adotado por Telê, João Saldanha percebia que o revezamento, exigido para compensar a falta do ponta direita, não estava ocorrendo como o planejado, e isso prejudicava o rendimento da seleção. Ruy Carlos Ostermann, até a derrota da seleção para a Itália, entendia que o esquema de Telê estava dando resultado, ainda mais pela qualidade dos jogadores brasileiros, que compensavam as possíveis falhas. Depois, porém, afirmou que a seleção não tinha evoluído como pensava.

No entanto, os dois admitiam que a seleção de 1982 era uma representante legítima do futebol-arte e, conforme os jogos se sucediam, essa legitimidade era mais afirmada nas suas crônicas, tendo, após a vitória sobre a Argentina, alcançado seu auge. A confiança que o Brasil seria campeão mundial na Espanha, jogou para o alto, em meio aos confetes da festa da torcida, a cautela de que restavam adversários a serem batidos para sua concretização, principalmente a Itália de Paulo Rossi.

A derrota no estádio Sarriá, num jogo dramático e inesquecível, para brasileiros e italianos, selou o destino da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982 e mostrou que o futebol é realmente uma caixinha de surpresas, nem sempre agradáveis. Em meio às críticas, a questão do fracasso retornou, assim como tinha acontecido com a derrota na Copa do Mundo de 1950.

Ao contrário de 1950, quando a culpa foi alocada na nossa suposta formação étnica inferior, a derrota em 1982 teve outra conotação. O Brasil passava por uma transição política, e o regime ditatorial era contestado por diversos setores da sociedade. Nesse cenário, a seleção brasileira representava o ideal de Nação que se desejava naquele momento, de negação à ditadura, volta à brasilidade e esperança de vitórias nas disputas políticas. A derrota, o fracasso na Copa da Espanha, mostrou aos brasileiros que seria uma década de recomeços, mas não de conquistas.

Seguimos até aqui as jornadas de Ruy Carlos Ostermann e João Saldanha, jornalistas renomados e de grande influência junto aos torcedores, que nos mostraram como foi a participação da seleção na Copa de 1982. Inseridos num contexto, que iniciou-se na década de 1930 com Mário Filho, e que teve outros renomados nomes como Nelson Rodrigues, José Lins do Rego e Armando Nogueira, nossos cronistas buscavam desvendar o *ser* brasileiro, suas especificidades, como reagia na vitória e na derrota. Buscavam, assim como nós, entender a sociedade brasileira através do futebol.

Referências

AARÃO REIS FILHO, Daniel. Ditadura e sociedade: As reconstruções da memória. In: AARÃO REIS FILHO, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004)**. Bauru: EDUSC, 2004, p. 29 – 52.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1980.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro, não há quem possa!**”: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A luta democrática contra o regime militar na década de 1970. In: AARÃO REIS FILHO, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004)**. Bauru: EDUSC, 2004, p. 161 – 75.

BORGES, Luiz Henrique de Azevêdo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira**. 2006, 174 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BRITO, Eleonora Zicari da Costa de. A criminologia informa a literatura de Afrânio Peixoto. In: COSTA, Clérigo da; MAGALHÃES, Nancy Alécio (orgs.) **Contar história, fazer história: história, cultura, memória**. Brasileira: Paralelo 15, 2001.

CABRAL, Cid Pinheiro; OSTERMANN, Ruy Carlos. **O admirável futebol brasileiro: a história da evolução e das grandes passagens do futebol brasileiro**. Porto Alegre: Gaúcha, 1970.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP: Dossiê Futebol**. São Paulo, n. 22, p. 40 – 9. jun./ago. 1994.

_____. **O Pontapé Inicial: Memória do Futebol Brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1990.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX**. 2007, 382 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Defesa: Curitiba, 2007.

COSTA, Felipe Rodrigues da; NETO, Amarílio Ferreira; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Crônica Esportiva Brasileira: Histórico, Construção e Cronista. **Pensar a Prática**. Goiânia, V. 10, N. 1, p. 15-31, jan. /jun. 2007.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: _____. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982, p. 19 – 42.

_____. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. Antropologia do obvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP: Dossiê Futebol**. São Paulo, n. 22, p. 10 – 17, jun./ago. 1994.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

_____. A Magia Da Seleção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 73 – 90, set. 2006.

FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1947.

_____. **O negro no futebol brasileiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 4, 17 jun. 1938.

_____. Prefácio. In: FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1947.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, Roberto (org). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Revista Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, ano 8, vol. 8, n. 21, p. 11 – 37, mar. 2011.

_____. As Idealizações de Sucesso no Imaginário Futebolístico Brasileiro: um estudo de caso. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Peligro de Gol**: Estudios sobre deporte y sociedade en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 101 – 11.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: **Estudos Históricos** - 23, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 147 - 65.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Apresentação**: visão geral. Rio de Janeiro, [2012]. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/> >. Acesso em: 01 ago. 2014.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A Invenção das Tradições**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 9 – 23.

HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. 2003, 218 f. Dissertação (Mestrado em

História) - Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

KLEIN, Rafael Belló. **O profissionalismo imoral e a pacificação necessária: imprensa, futebol e política na “crise das especializadas” no rio grande do sul (1937-1938)**. 2014, 146 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

KLINTOWITZ, Jacob. A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a Seleção Brasileira de futebol – 1978. In: **Encontros com a Civilização Brasileira**, número 5, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

LEITE LOPES, José Sergio. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP: Dossiê Futebol**. São Paulo, n. 22, p. 64 – 83, jun./ago. 1994.

LEVINE, Robert M. Esporte e Sociedade: o caso do futebol brasileiro. In. Meihy, J. C. S. (org), **Futebol e Cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, copa do mundo e ditadura no Brasil e Argentina**. 2013, 239 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

_____. **Histórias do Futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

OSTERMANN, Ruy Carlos. **Itinerário da derrota: crônica de cinco copas do mundo sem Pelé**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.

_____. **O nome do Jogo**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PLACAR, nº 632, São Paulo: Ed. Abril, 02 de julho de 1982.

RAMADAN, Maria Ivoneti B. Crônica de futebol: um subgênero. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n.5, p.45 – 68, 1997.

RAMOS, Roberto José. **Futebol: ideologia do poder**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

ROCHA, Max Filipe Nigro. **Em busca do feitiço perdido: A revistas Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979 – 1984)**. 2013, 225 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Programa de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RODRIGUES, José Carlos. O rei e o rito. In: _____. **Ensaio em antropologia do poder**. Rio de Janeiro, Terra e Nova, 1992. O artigo foi publicado originalmente na *Revista Comum*, Rio de Janeiro, FACHA, 1978.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol.** São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SALDANHA, João. **Os subterrâneos do futebol.** 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

_____. **Futebol e outras histórias.** Rio de Janeiro: Record, 1988.

_____. O primeiro classificado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 20, 23 mar. 1981a.

_____. Brasil respeitado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 40, 24 maio 1981b.

_____. O perguntinha. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 42, 31 jan. 1982a.

_____. Um time pra cabeça. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 42, 07 mar. 1982b.

_____. Efetivos e reservas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 04 maio 1982c.

_____. Timidez não ganha Copa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 08 maio 1982d.

_____. O jogo de advertência. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 19, 20 maio 1982e.

_____. Indefinição perigosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 23 maio. 1982f.

_____. Os visigodos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 12 jun. 1982g.

_____. Casuísmo na Copa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 14 jun. 1982h.

_____. O time estava muito nervoso. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 8, 16 jun. 1982i.

_____. Baixo nível. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 12, 18 jun. 1982j.

_____. Deve dar samba. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 08, 21 jun. 1982k.

_____. O negrinho do pastoreio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 22 jun. 1982l.

_____. A Copa vai começar. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 24 jun. 1982m.

_____. Um jogo bem latino. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 8, 30 jun. 1982n.

_____. “Toma, faz o teu...”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 12, 04 jul. 1982o.

_____. A festa bonita. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 12, 05 jul. 1982p.

_____. O limite da estupidez. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 06 jul. 1982q.

_____. Nem sempre se aguenta. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 07 jul. 1982r.

_____. Falta de inteligência. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 08 jul. 1982s.

_____. Futebol caipira. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 12, 11 jul. 1982t.

_____. O inglês inventor. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 16 de jul. 1982u.

SANTOS, Jose Rufino. Na CBD até o papagaio bate continência. **Encontros com a Civilização Brasileira**, número 5, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e destinos. **Revista USP: Dossiê Futebol**. São Paulo, n. 22, p. 30 – 7, jun. – ago. 1994.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo (1964 – 1985)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. História e a invenção de tradições no campo de futebol. In: **Estudos Históricos** - 23. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 119 - 46.

_____. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (org). **Futbologias: Futbol, identidad y violencia en America Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003, p. 145 - 62.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo: construção e reconstrução da identidade nacional (1930 – 1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil 1974 – 1985. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano vol. 4. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 243 – 282.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. **Anos 90**. Porto Alegre, n. 15, p. 7 – 23, 2001/2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional**. 2000, 348 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (org). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 75 - 113.